

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

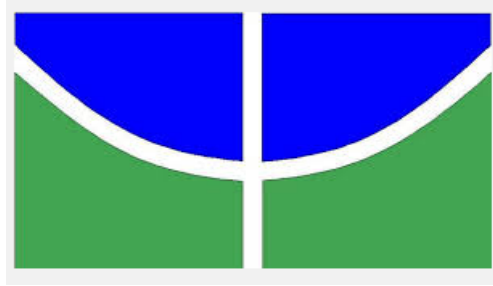
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar

CONCEPÇÕES DE ATLETAS DE FUTEBOL SOBRE A SÍNDROME DE *BURNOUT*

Fernanda Santos Oliveira

Brasília, março de 2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar

CONCEPÇÕES DE ATLETAS DE FUTEBOL SOBRE A SÍNDROME DE *BURNOUT*

Fernanda Santos Oliveira

TESE APRESENTADA AO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E ESCOLAR (PGPDE).

ORIENTADORA: PROF^a. Dr^a. REGINA LUCIA SUCUPIRA PEDROZA

Brasília, março de 2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SO48c SANTOS OLIVEIRA, FERNANDA
CONCEPÇÕES DE ATLETAS DE FUTEBOL SOBRE A SÍNDROME DE
BURNOUT / FERNANDA SANTOS OLIVEIRA; orientador REGINA LÚCIA
SUCUPIRA PEDROZA. -- Brasília, 2022.
181 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Psicologia do
Desenvolvimento e Escolar) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. Burnout. 2. Esporte. 3. Sofrimento. 4. Atleta. 5.
Futebol de Campo. I. LÚCIA SUCUPIRA PEDROZA, REGINA, orient.
II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TESE DE DOUTORADO APROVADO PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a Regina Lucia Sucupira Pedroza – Presidente - Instituto de Psicologia –
Universidade de Brasília (UnB)

Prof^a. Dra. Kátia Rubio- Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
(USP)

Prof^a. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado– Membro PGPDE – Universidade de Brasília
(UnB)

Prof. Dr. Fernando Borges Pereira – Professor Adjunto da Universidade Paulista (UNIP)

Prof^a. Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino- Membro PGPDE – Universidade de
Brasília (UnB)

Brasília, março de 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Primeiramente ***a Deus*** por ter me fortalecido nos momentos mais difíceis e ter me dado disposição e sabedoria para prosseguir.

Ao meu ***pai Demerval (In Memoriam) e minha mãe Maria Helena*** por acreditarem em mim e por terem investido em meus estudos! Sem vocês, certamente, eu nada seria. Sou grata por ter tido um pai maravilhoso e por ter uma mãe tão especial.

Ao meu ***marido Lincoln*** pelo seu apoio e carinho. Aos meus ***filhos, Eduardo e Bruno*** por me darem constantes alegrias, muito amor e ternura. Amo vocês!

Aos ***meus irmãos*** que sempre estão presentes em minha vida e aos demais familiares.

À ***minha orientadora, Regina Pedroza***, por ter me guiado da melhor maneira possível durante esses anos, sempre com sabedoria, calma e amizade. Por me proporcionar uma formação de qualidade, pela compreensão diante de várias situações adversas durante o doutorado e pela capacidade ímpar que me orientou. Tenho grande admiração por você. A você o meu carinho especial!

Aos membros da banca: ***kátia Rubio, Sandra Ferraz, Fernando Borges e a Lúcia Pulino***. Cada um foi escolhido com muito carinho, certamente fizeram toda diferença em minha tese. Agradeço pelas excepcionais dicas na qualificação, foram fundamentais para o desenvolvimento da minha tese.

Às minhas eternas amigas com quem tive a oportunidade de conviver dentro e fora da Universidade (***Regina, Jú, Margô, Vilma e a Sônia***). Foram muitos momentos produtivos e divertidos com vocês!

Aos atletas que participaram da pesquisa...vocês foram as peças fundamentais desta tese.

E todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o andamento da pesquisa.

No mais, o meu muito obrigada!

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese ao meu pai,
Demerval Cândido Oliveira (*In Memoriam*)...
que foi um atleta em vida...
ex-atleta de futebol de campo...
flamenguista...
amava ser atleta...
amava a vida!

Um atleta, de modo geral, está sempre trabalhando mais no seu limite, e nenhum atleta é saudável, porque a gente está sempre forçando pra melhorar o nosso nível técnico, está sempre, digamos, estourando o nosso corpo. [...] Vida de atleta é estressante. Estressante, e com pequenos momentos de prazer; quando ganha medalha.

Atleta anônimo entrevistado por Gonçalves (2007)

RESUMO

A síndrome de *Burnout* é considerada um grave problema que afeta profissionais de diferentes áreas, interferindo em questões físicas, psicológicas ou sociais. Em atletas de alto rendimento, além do impacto sobre o rendimento esportivo, esse esgotamento resultante de uma reação ao estresse crônico pode levar ao abandono do esporte; como também afetar sua vida pessoal e sua saúde. Neste trabalho defendemos que a síndrome de *Burnout* pode resultar em exaustão emocional, despersonalização, falta de realização pessoal, afastamento ou abandono do esporte de alto rendimento e se relacionar ao sofrimento vivido por atletas de futebol de campo. Nosso objetivo principal foi compreender as concepções de atletas de futebol de campo sobre a Síndrome de *Burnout*. Os objetivos específicos foram: identificar os fatores que levam os atletas ao sofrimento no futebol; compreender se o sofrimento no esporte se relaciona com a Síndrome de *Burnout*; e investigar se o sofrimento no esporte pode ter resultado em troca de modalidade esportiva ou abandono do futebol. Com a finalidade de responder esses objetivos foram utilizados uma entrevista semiestruturada e um instrumento de complemento de frases. A amostra foi composta por cinco atletas de alto rendimento praticantes de futebol de campo. Os resultados das respostas do questionário e do instrumento de complemento de frases foram agrupados em temas mais recorrentes, que permitem uma melhor análise interpretativa das respostas obtidas. Pode-se concluir que todos os atletas entrevistados citaram casos de atletas que tiveram estresse crônico e esgotamento profissional e acabaram trocando ou abandonando o esporte. Eles acreditam que o sofrimento pode ocasionar um esgotamento profissional e abandono de carreira no esporte. Esta pesquisa poderá resultar em benefícios futuros para os atletas de futebol em sua rotina diária de treinamento.

Palavras-Chave: *Burnout*, Sofrimento, Esporte, Futebol de campo.

ABSTRACT

Burnout syndrome is considered a serious problem that affects professionals from different areas, interfering with physical, psychological or social issues. In high performance athletes, in addition to the impact on sports performance, this exhaustion resulting from a reaction to chronic stress can lead to sport abandonment; but also affect your personal life and health. In this work, we argue that Burnout syndrome can result in emotional exhaustion, depersonalization, lack of personal fulfillment, withdrawal or abandonment of high-performance sport and relate to the suffering experienced by field soccer athletes. Our main objective was to understand the conceptions of field soccer athletes about Burnout Syndrome. The specific objectives were: to identify the factors that led athletes to suffering in soccer; understand if suffering in sport is related to Burnout Syndrome; and to investigate whether suffering in sport may have resulted in switching to a sport or abandoning football. In order to answer these objectives, a semi-structured interview and a sentence complement instrument were used. The sample consisted of five high-performance athletes practicing field soccer. The results of the responses to the questionnaire and the sentence complement instrument were grouped into more recurrent themes, which allow for a better interpretive analysis of the responses obtained. It can be concluded that all the athletes interviewed mentioned cases of athletes who had chronic stress and professional exhaustion and ended up changing or abandoning the sport. They believe that suffering can lead to professional burnout and career abandonment in sports. This research could result in future benefits for soccer athletes in their daily training routine.

Keywords: Burnout, Suffering, Sport, Field football.

SUMÁRIO

Resumo -----	08
Abstract -----	09
Introdução -----	15
Capítulo 1	
1.1-A construção histórica do esporte como fenômeno social -----	25
1.2- O Esporte como trabalho -----	31
1.3- Derrota e sofrimento no esporte -----	38
1.4- Aproximações entre o conceito de atleta e atleta profissional -----	42
1.5- Futebol no Brasil e suas peculiaridades -----	45
1.6- Atleta de alto rendimento no futebol de campo -----	53
Capítulo 2: Fatores que podem influenciar na vida do atleta	
2.1- Influência do fenômeno midiático no esporte -----	57
2.2- Patrocinadores do esporte -----	65
2.3- Importância do apoio familiar na vida esportiva do atleta -----	68
2.4- A torcida e os adversários -----	71
2.5- Aspectos financeiros na vida do atleta-----	75
2.6- Cobranças internas, externas, físicas e psicológicas que podem levar ao abandono da prática esportista -----	79
Capítulo 3: O ex-atleta e a vida pós-esporte -----	83
Capítulo 4: A Síndrome de <i>Burnout</i>	
4.1- Conceitos da Síndrome de <i>Burnout</i> -----	87
4.2- Histórico da Síndrome de <i>Burnout</i> -----	91
4.3- Modelos teóricos e concepções para a Síndrome de <i>Burnout</i> -----	95
4.4- Histórico da Síndrome de <i>Burnout</i> no esporte -----	103

4.5- Sintomas da Síndrome de <i>Burnout</i> em atletas -----	108
4.6- Estudos sobre <i>Burnout</i> em diversas áreas e no esporte -----	110
5- Objetivos da tese -----	122
Capítulo 6: Metodologia -----	123
6.1- Pressupostos metodológicos -----	123
6.2- Contexto e participantes da pesquisa -----	124
6.3- Materiais e instrumentos utilizados na pesquisa -----	126
6.3.1- Questionário semiestruturado e Instrumento de complemento de frases-----	126
7- Método para análise dos Resultados -----	127
8- Cuidados éticos: riscos e benefícios da pesquisa -----	128
9- Resultados e Discussão -----	129
9.1- Análise, interpretação e discussão das respostas dos questionários semiestruturados -----	129
9.2- Construção das informações do Instrumento de Complemento de frases -----	138
9.2.1- Construção das informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta Miguel -----	139
9.2.2- Construção das informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta Júnior -----	140
9.2.3- Construção das informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta Ricardo -----	142
9.2.4- Construção das informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta André-----	144
9.2.5- Construção das informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta Marcos-----	145

10- Considerações Finais -----	149
Referências Bibliográficas-----	153
Anexos -----	174
Anexo 1- Roteiro de Entrevista -----	175
Anexo 2- Primeira etapa: Questionário Semiestruturado -----	176
Anexo 3- Segunda etapa: Instrumento de complemento de frases -----	177
Anexo 4- Termo de consentimento livre e esclarecido -----	179
Anexo 5- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa -----	180

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Nível de treinamento no esporte _____	33
Quadro 2: Modelo desenvolvimentista da carreira esportiva. Fonte: Wyllemann e Lavallee, 2004.	35
Quadro 3: Sintomas associados ao <i>Burnout</i> _____	108
Quadro 4: Objetivos e metodologia dos artigos sobre <i>Burnout</i> _____	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SB	Síndrome de <i>Burnout</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GEDAM	Grupo de Pesquisa em Comportamento Humano
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
FUNORTE	Faculdades Unidas do Norte de Minas
UNIP	Universidade Paulista
KR	<i>knowledge of Resulte</i>
PIM	Projeto Multidisciplinar
PGPDS	Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde
PGPDE	Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar
FIFA	Federação Internacional de Futebol Association
SPAC	Clube Atlético São Paulo
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
ONU	Organização das Nações Unidas
CID	Classificação estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
EE	Exaustão emocional
DE	Despersonalização
RP	Realização Profissional

INTRODUÇÃO

Começo a minha tese de doutorado com uma breve apresentação de quem eu sou enquanto pessoa, estudante e profissional. Nasci no dia 23 de setembro de 1982 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Tenho 39 anos. Anos bem aproveitados; infância com muitas brincadeiras, diversão, amizades e família.

Durante a minha infância e adolescência morei em Pirapora/MG; me mudei para Belo Horizonte e finalmente vim para Brasília. Essas mudanças foram devidas a questões pessoais, profissionais e acadêmicas.

Iniciei a minha graduação em Educação Física no ano de 2001 e terminei em 2005. Em 2003, fui integrante do grupo de estudos em Atividade Física e Saúde – das Faculdades Unidas do Norte de Minas- FUNORTE através do NÚCLEO DE APOIO AO ESTUDANTE- NAE, sob orientação do professor Severino Leão de Albuquerque neto. Nesse mesmo período, passei na seleção para monitoria em Avaliação Física e Programa de Treinamento, promovida pela FUNORTE através do NAE, com orientação do professor Severino Leão de Albuquerque neto.

De 2003 a 2005 fui monitora e integrante do Laboratório de Comportamento Motor – promovido pela FUNORTE através do NAE sob orientação do professor Doutor Rodolfo Novellino Benda.

Dois anos depois da minha graduação, fiz a minha primeira Especialização em Avaliação e Prescrição de Exercício Físico na Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES, Montes Claros, de 2007 a 2008.

Na busca por mais conhecimentos, resolvi fazer outra especialização já pensando no processo seletivo do Mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG. A intenção dessa especialização era justamente conhecer a Universidade, os professores e as linhas de pesquisa. Meu sonho era fazer o Mestrado na UFMG, mas não conhecia

nenhuma linha de pesquisa e não era membro de nenhum grupo de pesquisa.

Assim, em 2008 comecei a Especialização em Treinamento Esportivo com ênfase em musculação. Como trabalhava em duas academias em Montes Claros e essa pós-graduação era nos finais de semana, ia de ônibus semanalmente para Belo Horizonte. Considero uma das fases mais difíceis da minha vida. Mas, logo consegui um emprego dentro da UFMG, na academia da Universidade e me mudei para Belo Horizonte. Nesse período entrei para o Grupo de Pesquisa em Comportamento Humano- GEDAM, da UFMG, coordenado pelos professores Rodolfo Novellino Benda e Herbert Ugrinowitsch.

No ano de 2009 passei na seleção de Mestrado em Ciências do Esporte da UFMG. Seleção difícil e muito concorrida. Estudei bastante e me dediquei integralmente; acabei passando em primeiro lugar. Foi dessa forma que eu consegui me manter em Belo Horizonte, pois consegui a bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no momento da minha matrícula.

O título da minha Dissertação de Mestrado foi “Efeitos da prática autocontrolada e estruturação de prática na aquisição de habilidades motoras em virtude da complexidade da tarefa”; orientado por Rodolfo Novellino Benda. A área de concentração foi em Aprendizagem Motora - Comportamento Motor. Durante o mestrado, me tornei integrante do grupo de estudos em Desenvolvimento e Aprendizagem Motora (GEDAM) da UFMG. Nesse mesmo período, fui professora substituta da Universidade Presidente Antônio Carlos-UNIPAC, com as disciplinas: Estatística Básica; e Crescimento e Desenvolvimento Humano; e fiz prática docente na disciplina Aprendizagem Motora- UFMG (2010). Essas foram as minhas duas primeiras experiências na docência do ensino superior.

Em 2011 me mudei para Brasília. Essa mudança foi devido ao meu noivado.

Fiquei na dúvida se seguia para o doutorado na UFMG ou se vinha para Brasília e me casava. Então, por tudo que eu já tinha vivido com meu atual esposo, resolvi vir e me casar. Não me arrependo da opção que escolhi, porque dessa escolha obtive um excelente marido e dois filhos maravilhosos, Eduardo e Bruno.

Um ano após a minha mudança para Brasília, comecei a trabalhar na Universidade Paulista- UNIP/DF, como docente. Ministrei as seguintes disciplinas: Anatomia Humana; Anatomia Radiológica; Educação em Saúde; Primeiros Socorros; Políticas Públicas e Inclusão Social; Saúde Pública; Metodologia do Treinamento Físico; Crescimento e Desenvolvimento Humano e Psicologia Aplicada ao Esporte. Em 2013, me tornei coordenadora do Projeto Multidisciplinar (PIM) - 1º ao 6º semestre do curso de Radiologia – UNIP/DF. No final de 2012, recebi diploma de Honra ao Mérito pelo desempenho realizado na docência na Universidade Paulista.

Trabalhei na UNIP de 2012 até 2020. Neste período também proferia palestras na área de Radiologia; trabalhava em cursinhos preparatórios para concurso na área da Radiologia e Educação Física; e também atuava como revisora de artigos científicos da Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde e da Revista Científica do Conselho Nacional de Técnicos em Radiologia.

Para me dedicar à finalização da tese, acabei largando momentaneamente a docência do ensino superior e as aulas em cursinhos.

No decorrer da minha trajetória acadêmica, escrevi alguns artigos nacionais e internacionais; assim como 1 capítulo de livro; fui autora de 1 livro e participei de vários congressos. Segue abaixo os artigos completos publicados em periódicos:

- 1- Primeiro artigo publicado no ano de 2004 na Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, com o título: “Frequência relativa de conhecimento de resultados na aquisição de habilidades seriadas de posicionamento: estabelecimento da

- frequência absoluta.
- 2- No ano de 2005, publicado na Revista FIEP BULLETIN, com o título: “The effect of the combination of precision and nature of knowledge of Resulte (KR) in the acquisition of serial skills”.
 - 3- No ano de 2006, publicado na Revista da Educação Física, com o título: “Frequência relativa de conhecimento de resultados no processo adaptativo em aprendizagem motora”.
 - 4- No ano de 2007, publicado na revista “Journal of Human Movement Studies”, com o título: “The combination of practice schedules: effects on relative and absolute dimensions of the task.
 - 5- No ano de 2010, publicado na revista “Journal of Sport & Exercise Psychology (Online: Human Kinetics)”); com o título: Effects of relative frequency of knowledge of results (KR) in motor skill acquisition: absolute frequency or number of trials fixed.
 - 6- No ano de 2005, publiquei o meu primeiro capítulo de livro em “Fundamentos para formação em Educação Física: contexto e implicações”. O título do capítulo foi “Frequência relativa de conhecimento de resultados: informação para a aquisição de habilidades motoras”.
 - 7- Em 2018, publiquei um livro na área da educação física com o seguinte título: Fatores que afetam a aquisição de habilidades motoras na musculação. Livro este fruto de um trabalho de especialização.
 - 8- Em 2021, publiquei um artigo de revisão na “Psicologia Revista”, São Paulo, volume 30, n.1, com o título: Síndrome de *Burnout* e sofrimento em atletas de alto rendimento no esporte brasileiro.

O artigo publicado agora em 2021 me deixou muito feliz porque foi o meu primeiro artigo publicado em uma revista da psicologia e com o tema que eu amo trabalhar e que nos últimos anos tem sido meu foco de leituras e escritas diárias.

Meu interesse em Psicologia do esporte foi desde o primeiro contato com a disciplina na graduação e foi aumentando quando conheci a professora Regina Pedroza e seu amor por essa área. Hoje quero me tornar uma pesquisadora em Psicologia do esporte e publicar nas revistas mais relevantes dessa área.

Em 2017, passei no processo seletivo para Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDS) do Instituto de Psicologia da UnB- atual Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (PGPDE), sob orientação da professora Regina Lúcia Sucupira Pedroza. Escolhi trabalhar com o tema “Síndrome de *Burnout* e sofrimento em atletas e ex-atletas” pela relevância do tema e pela falta de materiais publicados referentes ao *Burnout* no meio esportivo e ao sofrimento que os atletas passam em sua rotina diária de treinamento.

Convivo diariamente com atletas e ex-atletas, porque trabalhei muito tempo como personal trainer e atuo no curso de educação física. Pela convivência que tenho com eles, percebi o quanto o esporte pode ser algo estressante, frustrante e desgastante. Muitos deles têm no esporte sua profissão e acabam se cobrando ainda mais. Quero poder, com a minha pesquisa, ajudá-los de alguma forma.

Sinto-me realizada por poder ter a honra em escrever sobre esse tema tão relevante para atletas e ex-atletas. É imensamente prazeroso estudar algo que a gente gosta e poder enxergar o quanto é significativo para as pessoas que vivem à nossa volta.

Com isso, logo após a minha apresentação, inicio a partir do próximo parágrafo a introdução da minha tese de doutorado.

A Psicologia do esporte refere-se ao “ramo das ciências do esporte que busca fornecer respostas para questões sobre o comportamento humano no esporte” (Gill, 1986). Para Singer (1993), a Psicologia do esporte integra a investigação, a consultoria clínica, a educação e atividades práticas programadas associadas à compreensão, à explicação e à influência de comportamentos de indivíduos e de grupos que estejam envolvidos em esportes competitivos, esporte recreativo, exercício físico e outras atividades. Weinberg e Gould (2011, p. 28) colocam que “a Psicologia do esporte e do Exercício é um estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas, e a aplicação deste conhecimento”. Enquanto alguns autores consideram a Psicologia do esporte como uma subárea das Ciências do esporte ou uma ciência aplicada (Brandão, 2000); outros a consideram como um ramo da Psicologia (Vieira, Vissoci, Pestillo de Oliveira & Vieira, 2010). Essa área utiliza princípios psicológicos para atingirem uma saúde mental ótima e melhorarem o desempenho do atleta; afetando assim o desenvolvimento psicológico do indivíduo, saúde e o bem-estar ao longo de sua vida.

A importância da atividade física, do esporte e do exercício para a promoção da saúde física e mental tem sido enfatizada em pesquisas relacionadas com esportes (Holt & Neely, 2011; Dias, Cruz & Fonseca, 2012; Gomes, 2014; Gomes & Vilela, 2015). Infelizmente, devido à influência da competitividade e aprimoramento de competências e habilidades, algumas situações no esporte podem causar estresse aos seus atletas e situações de frustrações; o que pode ocasionar derrotas e possíveis afastamentos do esporte praticado (Machado, et al., 2007; Turner & Jones, 2014).

Surge então, um termo oriundo da Psicologia do trabalho, que foi inserido na área da Psicologia do esporte: Síndrome de *Burnout* (*SB*). Apesar de um conceito relativamente novo (surgiu na década de 70), é antigo quanto à Psicologia. Conforme

Maslach e Jackson (1981), a síndrome de *Burnout* pode ser definida como uma reação à tensão emocional; sendo considerada uma consequência do contato excessivo e direto com outras pessoas. O trabalhador se desgasta em um extremo que desiste ou não suporta mais essas tensões; entrando em *Burnout*. Esses autores destacam que esta síndrome é um conceito multidimensional envolvendo três componentes: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho.

Freudenberger (1974) destacou que o termo é considerado uma síndrome do final do século; atacando diversas pessoas, principalmente na educação. *Burnout* é considerado um dos filhos deste novo tempo; sendo considerado um problema internacional que não pode ser considerado como privilégio desta ou daquela realidade educacional ou social, ou daquela cultura ou de um determinado país. Não é considerado apenas um fenômeno frequente entre educadores, é altamente disseminado para outras áreas; trazendo repercussões físicas, psicológicas e sociais que podem gerar incapacidade total para as atividades (Trigo, Teng & Hallak, 2007). Em atletas, além do impacto no rendimento esportivo, esse esgotamento derivado de uma reação estressante pode levar ao abandono do esporte praticado (Pires, Brandão & Silva, 2006).

O termo *burnout* significa “perder a energia” ou “queimar completamente” (Codo & Vasques-Menezes, 1999). É uma síndrome na qual a pessoa perde o sentido das coisas que o cercam; nada mais importa e qualquer esforço se torna inútil.

Em termos de conceitos, pode-se abordar alguns mais destacados na literatura sobre o tema: Para Farber (1991), *Burnout* é considerada uma síndrome do trabalho e se origina da discrepância da percepção individual entre esforço e consequência, percepção influenciada por fatores tanto individuais, organizacionais e também sociais. No contexto esportivo, pode ser definido como uma síndrome psicossocial que envolve

exaustão emocional e física, desvalorização esportiva e baixo senso de realização em relação à tarefa (Gustafsson et. al., 2008).

Diversos são os conceitos sobre *Burnout* na literatura nacional e internacional, conceitos estes que se diferenciam dependendo do autor, mas na análise de todos esses conceitos, existe um consenso de que seria uma síndrome devido à resposta ao estresse diário (O'Connor, Neff & Pitman, 2018) e à sobrecarga imposta à pessoa.

A área educacional e a área da saúde foram as mais afetadas por essa Síndrome. Isso devido a impossibilidades de tarefas que são exigidas desses profissionais; a alta exigência sobre eles e o tanto que os mesmos se cobram; o que aos poucos o fazem entrar em colapso e desenvolver essa síndrome (Codo & Vasques-Menezes, 1999; Moss et al., 2016; Hamidi et al, 2018).

Apesar de alguns atletas no âmbito do esporte de alto rendimento poder desenvolver essa síndrome, existem poucos materiais na literatura que relacione a síndrome de *Burnout* ao abandono do atleta ao esporte praticado ou a derrotas, frustrações no esporte ou a sobrecargas diárias com treinamento. Infelizmente, existe uma lacuna ou déficit na literatura sobre esse tema relacionando-o ao esporte de alto rendimento ou no meio esportivo, principalmente na língua portuguesa (Gustafsson, et al., 2007; Bartholomew et al., 2018; Rotenstein et al., 2018).

Conforme Batista, Carlotto, Coutinho e Augusto (2010), a Síndrome de *Burnout* (SB) tem sido considerada uma importante questão de saúde pública; pois se tornou um dos agravos ocupacionais de caráter psicossocial mais importante na sociedade atual. O *Burnout* é considerado um sério meio de deterioração da qualidade de vida do trabalhador, neste caso, do atleta ou ex-atleta; resultando em implicações para sua saúde física e mental. Diante disso, a pesquisa justifica-se pela relevância do tema para as pessoas envolvidas com o esporte de alto rendimento.

Raedeke (1997) e Smith (1986) ressaltam o quanto é importante considerar que ainda mesmo sem o abandono ou afastamento do esporte praticado, o *Burnout* pode ser um motivo de sofrimento psíquico para esses atletas. O afastamento do atleta no esporte praticado não é bom, porque várias são as consequências do esporte no desenvolvimento e na sua saúde (Holt & Neely, 2011; Dias, Cruz & Fonseca, 2012; Gomes, 2014; Gomes & Vilela, 2015, Bartholomew et al., 2018; Rotenstein et al., 2018). Weinberg e Gould (2011) destacaram que o esporte pode resultar em aumento da sensação de controle, do sentimento de competência e da auto eficácia; proporciona interações sociais positivas; o autoconceito e a autoestima; dentre outros benefícios.

Partindo de todos esses pressupostos argumentados acima (Batista, et al., 2010; Holt & Neely, 2011; Dias, Cruz & Fonseca, 2012; Gomes, 2014; Gomes & Vilela, 2015), torna-se necessário compreender a concepção de atletas de futebol sobre a Síndrome de *Burnout*; utilizando para isso entrevistas com atletas (Questionário semiestruturado e o Instrumento de complemento de frases).

Com isso, a pesquisa poderá resultar em benefícios futuros para os atletas de futebol, treinadores, como também para psicólogos do esporte em relação a alguns problemas que os atletas enfrentam em sua rotina diária de treinamento.

A revisão de literatura será dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos a evolução histórica do esporte, com seu passado voltado para o prazer, glória, competições e esgotamento do atleta. Como também falaremos sobre derrota e sofrimento; esporte na visão de trabalho; esporte no mundo capitalista, do esporte como fenômeno sociológico e do futebol e suas peculiaridades.

No segundo capítulo abordaremos os fatores que podem influenciar na vida do atleta, como por exemplo: a influência da mídia no esporte, os patrocinadores, o apoio da família, torcida, adversários, os aspectos financeiros, as cobranças externas, internas,

físicas e psicológicas, como também a vida de um ex-atleta. Falaremos da vida pós-esporte porque isso foi citado pelos atletas no decorrer da entrevista e relataram a possível preocupação em viver sem o esporte de alto rendimento devido a uma lesão ou até afastamento do esporte por idade. A escolha da escrita dos aspectos específicos que constituem a base desse capítulo se deve ao fato de terem sido citados pelos atletas no decorrer da entrevista. Quando se falou em sofrimento e na Síndrome de *Burnout*, os atletas citaram alguns dos aspectos que podem interferir na vida deles, por isso resolvemos escrever um capítulo com o foco nos aspectos citados por eles.

No terceiro capítulo escreveremos sobre o ex-atleta a vida pós-esporte. E para finalizarmos a parte da revisão de literatura da tese, escreveremos no quarto capítulo, o conceito, histórico, sintomatologia, concepções e modelos teóricos para a Síndrome de *Burnout*, como também os estudos atuais da Síndrome no esporte de alto rendimento.

CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA

1.1- A construção histórica do esporte como fenômeno social

A origem do esporte de alto rendimento está proximamente ligada ao esporte moderno na Inglaterra. Surgiu por meio do processo de esportivização de elementos culturais do movimento de classes tanto populares quanto da nobreza inglesa (Dias & Souza, 2012). Por volta de 1800, os jogos tradicionais estavam relacionados a festas, como por exemplo, festas religiosas. Com o processo de industrialização, a sociedade mudou a forma de realizações dos jogos; como também aumentaram o tempo livre para a prática esportiva (Gumbrecht, 2007; Rubio, 2002). O modelo inglês de organização esportiva disseminou, pela força do poder político e econômico inglês tornou-se referência para o esporte moderno.

Em 1896, ocorreu na Grécia os primeiros Jogos Olímpicos modernos, chamado de Movimento Olímpico Moderno, tinha como objetivo principal a universalização da instituição esportiva priorizando os aspectos pedagógicos do esporte, o culto ao corpo e a atividade física a partir de uma competição sadia. O fato de tal movimento ligar o esporte à nação é apontado como um dos principais acontecimentos responsáveis pela forte politização do meio esportivo já que o rendimento nessa área também passou a ser visto como poder de uma nação (Rubio, 2001).

Após a década de 50, quando o esporte passou a ter maior destaque na mídia internacional, houve um significativo aumento dos interesses político-econômicos por esse meio de grande expressividade social, o que intensificou ainda mais a busca pelo máximo rendimento atlético (Epiphanyo, 2002). Os melhores atletas começaram a se destacar na mídia, elevando assim os salários dos jogadores, cobrança de resultados

expressivos e compatíveis com o salário, treinamentos cada vez mais intensos e mais lesões em longo prazo etc.

Nos dias atuais, as grandes potências econômicas estão à frente no quadro de medalhas olímpicas, o que prova o grande investimento na preparação de seus atletas e a importância política e econômica dos eventos esportivos (Oliveira & Bertussi, 2015). O fato é que a humanidade tem passado por inúmeras transformações em suas organizações políticas, econômicas e sociais que alteraram os comportamentos das sociedades e o contexto esportivo.

O esporte apresenta um papel potencial na sociedade contemporânea. Na sociedade atual, o esporte se constitui como um espaço social mobilizador de pessoas de diferentes etnias, gêneros, idades, classes sociais, credos religiosos, seja como participantes, praticantes ou espectadores. O esporte opera também, ao nível do imaginário individual e coletivo quando é representado como promessa de felicidade, ascensão social, marketing pessoal, domínio tecnológico, reconhecimento nacional e afirmação política de determinado país ou ideologia (Goellner, 2005; Mattos, et. al., 2019), apontando sua importância quando relacionado às principais competições.

A competição é muito mais que este único momento. É um processo que envolve múltiplos aspectos que interagem para proporcionar aos atletas as melhores condições de atuar. Assim, para competir, o atleta tem que estar muito bem preparado e se destacar entre aqueles que praticam determinada modalidade esportiva. Pressupõe-se que ele deva superar os mais elevados níveis de exigência, sejam eles físicos, técnicos, táticos ou psicológicos. Tudo isso requer um árduo trabalho, planejado e rigorosamente organizado, visando o aperfeiçoamento dos requisitos necessários para se obter os melhores resultados (De Rose Jr., 2002).

Como o esporte atual se tornou algo midiático, competitivo e comercial, os atletas de alto rendimento se esforçam para além de suas condições físicas, psicológicas e sociais, e se esgotam em curto espaço de tempo.

Nacionalismos exacerbados, exploração comercial e econômica, corrupção, especialização precoce, doping, violência, discriminação sexual também têm sido temas a fazer parte do cotidiano esportivo mesmo que, por vezes, os minimizemos e busquemos, a todo custo, recuperar a tradição e com ela fazer valer com que o esporte possa ser identificado como representante de uma sociedade (Goellner, 2005; Mattos, et. al., 2019).

Rubio (2006) cita que as pessoas que defendem os benefícios do esporte no desenvolvimento do caráter afirmam que os atletas aprendem a superar os obstáculos, a cooperar com os companheiros, a desenvolver autocontrole e a persistir diante da derrota.

A prática esportiva surge como um espírito de superação de limites e esta atitude é considerada como um ideal de caráter positivo para a formação dos indivíduos; daí a importância do esporte como fenômeno socializador (Rubio, 2006).

Rubio (2017) coloca o esporte como um dos fenômenos sociais mais expressivos desse século. O esporte tem representado um papel denunciador de questões econômicas, sociais, políticas e étnicas, capaz de apresentar as mais variadas facetas das sociedades e dos indivíduos que protagonizam ou organizam o espetáculo esportivo.

O esporte enquanto fenômeno sociocultural contemporâneo reproduz ao longo de sua história valores e padrões culturais indicadores do momento no qual ele é produzido e é reconhecido como um elemento fundamental da educação, uma forma fundamental de socialização (Rubio, 2017).

Vianna e Lovisolo (2011) complementam dizendo que o esporte é um meio importante de socialização por conseguir atingir valores como coletivismo, amizade e solidariedade, que são relevantes para vencer a pobreza. O esporte, quando bem direcionado, poderá trazer benefícios para toda a vida, pois o que a criança vivenciar no esporte poderá servir de referência para a tomada de algumas decisões que influenciará no seu cotidiano.

Dentro dessa perspectiva, Gonçalves et al (2010) coloca que os esportes coletivos, fazem com que a criança aprenda a conviver, a trabalhar, a cooperar e a respeitar o outro. No individual, ela aprende a respeitar as regras, os próprios limites, cumprir horários e também a ter responsabilidades.

Conforme Borsa (2007), a socialização ocorre por meio de três processos: os mentais, que correspondem ao conhecimento de costumes e normas que são adquiridos na escola; os afetivos, que são os considerados a base sólida do desenvolvimento da criança tais como: empatias, apego e amizades; e os condutais, que são relacionadas a condutas desejáveis sendo evitadas as consideradas as chamadas de antissociais.

Eidelwein e Nunes (2010) alegam que a socialização da criança ocorre na prática esportiva, porque ela aprende a lidar com as vitórias e derrotas, respeitar os companheiros e adversários e a cumprir regras, entre outros.

Reis, Húngaro, Athayde & Mascarenhas (2020) apontam para a necessidade de compreender o que tem sido a cultura inserida no contexto e nas dinâmicas do mundo capitalista, e mais especificamente, o que tem sido o esporte no presente histórico. Uma empreitada que implica atenção à manifestação e expressão do contraditório, do diverso e do dissonante. Isso porque a cultura e, particularmente, o esporte, assim como outras manifestações culturais, conjugam determinações sociais, políticas e econômicas de natureza ambígua e contraditória que, pela complexidade, não podem ser

negligenciadas. Desse modo, refletir sobre a cultura e, individualmente, sobre o esporte é tarefa importante que impõe a necessidade de identificar mudanças, decifrar continuidades, reconhecer rupturas e diversidades, bem como desvelar desigualdades (Reis, et. al., 2020).

O esporte de rendimento funciona, como o motor do sistema esportivo comercial, um centro de gravidade em torno do qual se organiza uma cadeia produtiva ampla por novos nichos de consumo (Santana, et. al., 2020). Por isso, com a ajuda de novas tecnologias, se reinventa, permanentemente, incrementando velhas formas de esporte e alimentando novas modalidades, disputados pelas grandes corporações de mídia que alimentam os segmentos do turismo, da publicidade, de equipamentos diversos, de roupas, de games e, inclusive, de alimentação (Kearney, 2003).

Conforme Athayde (2014), a expansão e veiculação do esporte como um elemento da cultura de massa, produzido para e pela exploração dos meios de comunicação, viabilizaram o advento de um paradigma comercial. Esse paradigma vem produzindo um determinado esporte que, não despretensiosamente, está assentado numa lógica de mercado voltada à comercialização desse fenômeno e, também, de outros produtos que dele se utiliza para penetrar espaços e explorar novos mercados de consumo.

Tais elementos são elucidativos e emblemáticos da subordinação e sujeição do esporte à forma mercadoria e, conseqüentemente, a um tipo de comercialização vinculada à produção espetacularizada do fenômeno esportivo (Giovanni, 2005; Athayde, 2014). Juntamente com isso está a mercantilização de serviços, de equipamentos, de tecnologias, de marcas, de eventos, como também, a formatação de redes de difusão de canais de TV, jornais, revistas, internet, etc. e a busca por patrocínios, anunciantes e consumidores. O resultado é a construção de verdadeiros

conglomerados empresariais capazes de transformar o esporte em polo integrador de tecnologia e inovação (Pilatti, 2006).

Desde a década de 80, Brohm (1982) destaca que para avaliar tais processos, o modelo de produção comercial do esporte tem colocado às instituições esportivas, em especial os clubes, que constitui a célula básica do esporte. Existe, portanto, uma necessidade em produzir em maior quantidade e qualidade de campeões e esportistas capazes de registrar, progressivamente, elevados níveis de performance esportiva. O espetáculo, os esportistas, bem como suas marcas, seus recordes e suas competências, produzidas para serem comercializadas e, por isso, inscritas no âmbito das mercadorias, acabam, como resultados de um determinado processo de produção, integrados, subsumidos e submetidos ao capital.

Reis, Húngaro, Athayde & Mascarenhas (2020) colocam que a aproximação do esporte à economia de mercado aponta uma visceral e orgânica vinculação entre o esporte e o modo de produção capitalista. Fato que ocorre pela via da mercadorização da performance esportiva que tem sido produzida enquanto um produto ou uma mercadoria, e indicam o movimento de sujeição do esporte ao modo de produção capitalista (como criação de marcas, recordes, competências, espetáculos no esporte, etc.).

Kasznar (2013), avaliando o mercado esportivo, informa sobre uma cadeia produtiva que envolve produtos, imagens, capitais e modelos de consumo que se espalham por todos os continentes. E isso, infelizmente, tem ocorrido cada vez mais em nosso país, principalmente com o futebol brasileiro.

As atividades esportivas se dispersaram pelo mundo, sobretudo nas aulas de Educação Física de maneira bem fragmentada e descontextualizada, atingindo

principalmente a cultura da população assalariada como elemento de preparação física para a mão-de-obra e como forma de distração política (Mello, 2009).

Mello (2009) e Matos (2009) acreditavam que o esporte é um mecanismo de dominação social que atua como forma de ofuscação da realidade do país. A mídia, considerada porta-voz das políticas, o traz como elemento de igualdade e bem-estar social capaz de trazer oportunidades para uma vida melhor e mais digna. É dessa forma que são difundidos e reproduzidos os valores morais e de cidadania defendidos por uma minoria economicamente dominante e o seu uso político para esta realidade.

Portanto, o esporte teve seu valor cultural deixado em segundo plano, desprezado por completo quando assumiu a função de conformador social enquanto educador e de mercadoria de consumo enquanto espetáculo para a população (Giovanni, 2005; Alves, 2007).

1.2- O Esporte como trabalho

Conforme Trigo, Teng e Hallak (2007), o trabalho é considerado uma atividade que tende a ocupar uma grande parcela de tempo de cada dos indivíduos dentro de uma sociedade. Soares (2008) enfatiza que o trabalho já faz parte da natureza do ser humano; pois por meio dele constrói o mundo que o cerca; assim como sua identidade e a sua subjetividade. Partindo dessa construção, o trabalho deveria ser prazeroso, mas acaba sendo sentido como algo sacrificante e desencadeador de sofrimentos e até levar ao adoecimento.

Para Silva, Lima e Caixeta (2010), o processo de globalização da economia, novas tecnologias, as competições no mercado de trabalho, a exigência do aumento e

rapidez durante a produção do trabalho, entre outros, geram mudanças no mundo do trabalho e podem levar a um desgaste físico e emocional dos trabalhadores.

Como todo processo de modernização, industrialização e urbanização, o esporte de alto rendimento passou a ser considerado como profissão e fonte geradora de renda. Sendo o esporte uma profissão, o atleta se cobra em seus treinos diários para desempenhar um serviço de qualidade, obter resultados sempre satisfatórios e não ter seu contrato cancelado. Envolvidos com toda maquinaria capitalista, os atletas são muitas das vezes tratados como mais uma mercadoria. Mercadoria de troca e/ou venda conforme o rendimento do atleta nos jogos (Silva, et. al., 2010).

O esporte profissional surge como uma possibilidade de carreira a ser desenvolvida pelos atletas. No caso dos atletas, pode-se considerá-los profissionais a partir do momento em que a construção da sua carreira compreende aspectos como o vínculo com organizações esportivas e também por apresentar características comuns a outras profissões, como por exemplo, disciplina, autoridade, iniciativa, perfeição, destreza, racionalidade, organização e burocracia (Rubio, 2015).

A carreira esportiva é composta por no mínimo três fases ou ciclos: iniciação, competição e aposentadoria. Sendo que o ciclo da carreira do atleta é muito parecido com ciclo de carreiras em geral. A diferença é que a carreira do atleta experimenta um período de envolvimento mais curto e definido, e pode variar conforme a modalidade esportiva (Martini, 2012).

Conforme Rubio (2012), o atleta profissional é considerado um novo tipo de trabalhador que vai vender sua força de trabalho e é considerado valor de troca regulado por leis da oferta e da procura.

A carreira esportiva começa a se desenvolver de forma que toda a vida do atleta fica voltada somente à carreira no esporte. Torna-se pouco provável se profissionalizar

no esporte e se dedicar aos estudos ao mesmo tempo (Oliveira, et. al., 2003). Muitas das vezes, isso caracteriza encerramento da carreira no esporte. Pois, o atleta tem que largar o esporte para se dedicar a um curso superior ou a um trabalho externo.

A atividade esportiva considerada profissão é um fenômeno recente, só se tornou realidade a partir do início da década de 1980. Com exceção do futebol, que se iniciou antes dessa data (Rubio, 2012).

Stambulova (1994), Marques e Samulski (2009), Santos e Alexandrino (2015), e Campos, Cappelle e Maciel (2017) estabelecem os períodos de treinamento e da carreira, como também do nível no Esporte até chegar ao profissional (segue quadro abaixo):

Períodos de Treinamento	Períodos da Carreira	Nível no esporte
Preparação preliminar	Preparação	Esporte de Massa
Início da especialização	Início ou adaptação	Esporte amador de resultados expressivos
Treinamento especial para escolha do tipo de esporte	Ápice Ou alto rendimento	Esporte Profissional
Aperfeiçoamento: I- Zona dos primeiros sucessos; II-Zona das possibilidades otimizadas; III-Zona de manutenção de bons resultados	Finalização da carreira	Esporte profissional

Quadro 1: Nível no esporte. Adaptado de Stambulova (1994); Marques e Samulski (2009); Santos e Alexandrino (2015); e Campos, Cappelle e Maciel (2017).

No quadro acima, adaptado de Stambulova (1994), Marques e Samulski (2009), Santos e Alexandrino (2015), e Campos, Cappelle e Maciel (2017) foi estabelecido o que pode ser considerado esporte profissional. A escolha do tipo de esporte a ser praticado, os primeiros sucessos na carreira, o aumento das possibilidades de sucesso e destaque, assim como, a manutenção do alto rendimento são consideradas nível de esporte profissional.

Conforme Santos e Alexandrino (2015), a carreira esportiva engloba diversas fases, do início ao alto rendimento até a finalização da carreira competitiva. Os atletas passam por processos de captação, seleção, longos períodos de formação, com treinamento e competições, comprometimento das relações sociais e familiares, adaptação física; acabam assim alcançando o alto nível e, finalmente, finalizam a prática sistemática do desporto de forma voluntária ou compulsória.

De acordo com Alfermann (2005), a carreira esportiva é composta de uma sequência de sucessivas fases, com períodos de transição, que são: a transição do esporte infantil para o juvenil, seguida da transição para o júnior e para o adulto; a transição do esporte amador para o profissional e a transição para o término da carreira esportiva. A transição de carreira esportiva significa mudança de uma fase da carreira para outra, acompanhada por concomitantes mudanças nas características psicológicas e sociais do atleta.

Para Marques e Samulski (2009), as transições na carreira esportiva são específicas, como por exemplo: a iniciação esportiva, a construção da base de fundamentos, o investimento no treinamento para competições iniciais, a participação de competições mais expressivas tais como eventos regionais e estaduais, competições

de alto nível em eventos nacionais e internacionais, bem como a inserção em grandes clubes, profissionalizando assim no esporte.

Já Wyllemann e Lavalée (2004) trazem o modelo desenvolvimentista da carreira esportiva que faz uma integração da vida esportiva com a vida não esportiva do atleta, entrelaçando diferentes esferas da vida de uma pessoa a partir da fase esportiva, do nível de desenvolvimento psicológico, nível psicossocial e nível de escolaridade (segue quadro abaixo):

Idade	10	15	20	25	30	35
Fase da carreira esportiva	Iniciação	Desenvolvimento	Excelência		Aposentadoria	
Nível psicológico	Infância	Adolescência	Idade adulta			
Nível psicossocial	Pais, irmãos, amigos	Amigos, treinador, pais	Parceiro (a), treinador		Parceiro (a) e família	
Escolaridade	Ensino fundamental	Ensino médio	Ensino superior	Ocupação profissional		

Quadro 2: Modelo desenvolvimentista da carreira esportiva. Fonte: Wyllemann & Lavalée, 2004.

Quando comparamos os modelos anteriores de Stambulova (1994), Marques e Samulski (2009), Santos e Alexandrino (2015), e Campos, Cappelle e Maciel (2017), com o modelo de Wyllemann e Lavalée (2004); a grande diferença é que os primeiros modelos propõem um modelo analítico da carreira atlética criada a partir da análise das fases da carreira de um atleta profissional.

A prática de esporte de alto rendimento pode ser, de fato, considerada construção de carreira profissional, uma vez que há fases específicas de alcance e desejo

que devem ser manejadas para atingir a alta performance, similar às carreiras convencionais e/ou formais (Campos, et. al., 2017).

Para Verardi, et al. (2012), é inegável o papel desempenhado pelo advento do profissionalismo na tendência mundial a uma crescente competitividade e seriedade no modo de envolvimento com a prática esportiva favorecendo cada vez mais uma orientação voltada para os resultados em diferentes níveis de participação, mas em especial no alto rendimento.

Junto ao fenômeno da profissionalização, veio uma maior exploração econômica dos eventos esportivos que movimenta grandes somas de dinheiro no mundo. Hoje, os melhores atletas recebem dinheiro para treinar, fazendo da prática esportiva o seu meio de sustento. Eles são patrocinados por grandes marcas, tornam-se garotos propaganda de empresas dos mais variados setores, já que são ídolos de grande parte dos consumidores (Dias & Sousa, 2012). Muitas das vezes esquece o quanto a camisa do seu time representa na vida dele, deixa de jogar por prazer e amor ao time, para jogar por dinheiro. O esporte quando se torna trabalho, se torna algo profissional e a ser cobrado com mais rigor e às vezes ultrapassa os limites do atleta.

Segundo Verardi, et. al. (2012), existe alguma preocupação em proporcionar condições adequadas de trabalho, visando não só à produtividade do trabalhador, mas também à qualidade de vida, à saúde e ao seu futuro. Nesse sentido, o esporte profissional está associado a uma permanente busca de melhores condições física, técnica, tática e psicológica e, ao mesmo tempo, a uma preocupação em evitar problemas que diminuam ou interrompam a vida profissional do atleta. Infelizmente, essa não é uma afirmação para a maioria dos clubes ou times brasileiros.

Conforme Gonçalves, Turelli e Vaz (2012), o treinamento no esporte pode ser comparado a um processo de produção de enfermidades, na medida em que se constitui

como atribuição de uma carga sistemática de trabalho, chamado de estresse ou agentes estressores. A partir dessa dinâmica, o corpo de um atleta só descansa para poder adaptar-se e preparar-se para receber novo estímulo. Desse modo, o corpo está sempre próximo de um limite anunciado por treinadores e é mantido em estresse contínuo.

O estresse associado à competição esportiva é um tópico altamente relevante, relacionado principalmente ao desempenho de atletas profissionais, submetidos aos rigores de treinamento e às demandas de contextos competitivos (Hanton, Thomas & Mellalieu, 2008). Para atletas profissionais, em longo prazo, o desequilíbrio entre as exigências da profissão e as estratégias de enfrentamento utilizadas pode levar ao abandono da carreira (Marques & Rosado, 2005). Quando estratégias adequadas não estão disponíveis ou não são desenvolvidas, altos níveis de estresse podem acarretar exaustão, baixo comprometimento com o grupo ou com a organização profissional, rotatividade e até transtornos psiquiátricos, como a síndrome do esgotamento profissional ou *Burnout* (Brasil, 2001; Kavanagh, 2005).

Para Batista et. al. (2010), os agravos mentais ocupam lugar de destaque no mundo do trabalho, e dentre eles encontra-se a Síndrome de *Burnout* (SB). No contexto esportivo, *Burnout* é discutido, principalmente, como uma resposta do indivíduo ao estresse crônico, caracterizada por redução no desempenho, desvalorização do esporte e exaustão física e emocional (Verardi, et. al., 2012).

De acordo com Pires, Brandão e Machado (2005), a exaustão profissional ainda é pouco identificada no contexto esportivo, pelo fato de os sintomas de ordem física e psicológica não serem reconhecidos em curto prazo. Em muitos casos, atletas estão vulneráveis ao *Burnout* a partir do momento em que surge a incompatibilidade com planos e metas iniciais na modalidade esportiva, por vivenciarem frequentes cobranças e críticas, cansaço e estresse, cuja consequência principal é o abandono da prática

esportiva. Muitos atletas jovens desistem ou abandonam a carreira esportiva quando atingem o nível profissional (Sobral et al., 2014; Casagrande et al., 2014; Bim et al., 2014; Costa et al., 2014; Vilela & Gomes, 2015; Bicalho & Costa, 2018). Antecedendo a desistência, eles passam por um estágio de esgotamento, causado por motivos físicos, psicológicos ou sociais.

A exaustão profissional pode acometer qualquer atleta que pratica esporte com certa intensidade competitiva. Portanto, não é o grau de profissionalismo que determina sua presença, mas sim as circunstâncias esportivas e as fontes de estresse associadas à prática esportiva habitual, como intensidade competitiva, independentemente do nível esportivo, percepção da presença de estressores no contexto esportivo, atitudes de treinadores e/ou familiares, quantidade e intensidade das competições (Garcés de Los Fayos & Vives Benedicto, 2002).

1.3- Derrota e sofrimento no esporte

Analisando o termo sofrimento, normalmente, confunde-se dor e sofrimento como termos sinônimos, mas esses conceitos podem variar. Moura et al. (2013) destacam que a dor está unicamente associada ao sofrimento. A dor, geralmente, tem suporte fisiológico detectável e o sofrimento nem sempre é assim (Oliveira, 2016). Rubio (2006; 2013) diz que a dor é um sintoma que pode ser ou não acompanhada de uma doença, e pode ser analisada como um sofrimento de origem física, psíquica ou ambos. Medeiros (2016) concluiu que a dor trata-se em um primeiro momento, de um sofrimento físico e logo depois psíquico.

Em relação ao sofrimento, podem-se ter concepções diferentes desse termo; e isso pode variar conforme a cultura na qual a pessoa vive. Cada cultura trará diferentes formas de dizer o que é sofrimento; o que leva e faz com que determinada população sofra. Oliveira (2016) destaca que o sofrimento é integrado à nossa vida cotidiana; isso vai surgindo com o passar dos tempos e incorporando aos conceitos daquela comunidade. Por isso, existem inúmeros conceitos de sofrimento. Budó et al. (2007), por exemplo, citam que a cultura pode sim influenciar tanto na performance do atleta como também na forma como o mesmo responde às experiências dolorosas; e na forma de expressá-la. Assim, cada cultura ou grupos sociais possuem maneiras próprias de reagir e comunicar seu sofrimento.

Venturi e Verztman (2012) fazem uma relação conceitual do sofrimento com a consciência de si. Os autores falam que o sofrimento envolve as emoções e tem efeitos nas relações pessoais e um impacto no corpo das pessoas.

Se colocarmos o sofrimento no esporte de alto rendimento, o atleta vai passar por várias questões: como sobrecarga do treinamento, derrotas, frustrações vividas no esporte praticado; medo da idade avançada; ansiedade com os jogos importantes; exigências físicas e mentais; dentre outros aspectos. Com isso, Oliveira (2016) coloca em seu estudo que o sofrimento surge sempre associado a eventos, sobretudo externos (como por exemplo, outras pessoas, doença etc.), não se pode reduzi-lo a uma única causa.

Existem, portanto, vários fatores que levam o atleta ao sofrimento e à possível Síndrome de *Burnout*. Um dos fatores citados por Bara Filho e Miranda (1998) e Lavoura (2008) é em relação à pressão, ao medo e à ansiedade causados pela obrigação de vencer, algo característico em uma sociedade na qual exalta a emoção da vitória e o sofrimento da derrota. Isso de fato representa um grande sofrimento para os atletas, já

que os mesmos tendem a sofrer antecipadamente só em pensar em perder. Ganhar simboliza muito para o atleta; já que existe uma questão comercial e capitalista envolvendo todos os esportes de alto rendimento no mundo.

Mas, alguns autores, como Weber (2004), defendem que ter a noção de que o caminho para o sucesso deve ser árduo e penoso, repleto de provocações e superações é algo importante para o atleta; e sofrer, portanto, seria algo para que os mesmo pudessem superar-se e isso seria indispensável para o atleta. O autor destacou que o sofrimento existe no esporte e que deve ser interpretado como algo de crescimento do atleta na modalidade praticada.

Outro problema relatado por Rubio (2013) é que para que o atleta possa atingir bom rendimento é preciso que o mesmo esteja em sua melhor condição física e psicológica. Isso reforça a imagem de que o atleta de alto rendimento é forte, e que mantem suas ações, corpo e emoções tudo sobre controle. O atleta sempre tenta ultrapassar seus limites físicos; inclusive a de tolerância à lesão e à dor. No entanto, ao expor seu corpo em prol do rendimento, o atleta se aproxima da possibilidade de sofrer lesões; e isso pode gerar sofrimento ao mesmo.

Medeiros (2016), portanto, destaca que estamos diante da presença de um sujeito que sofre muitas vezes e que não pode expressar seu sofrimento por estar identificado nele à imagem do herói e inserido em um contexto onde a lesão e a dor são naturalizadas e permitidas.

A questão do ser herói é um traço de identidade do atleta e a impossibilidade de atingi-la é vivenciada com muito sofrimento; pois é dada muita ênfase à vitória e a necessidade de superação muitas vezes ultrapassa o limite desses atletas (Dias & Sousa, 2012).

Outro aspecto citado por Gonçalves, Turelli e Vaz (2012) diz respeito à relação entre a técnica, dor e sofrimento. Os atletas se habituariam a viver em um limite; sofrem, mas acreditam serem superiores e fortalecidos após cada superação. Existe uma relação antagônica nesse processo, uma vez que a entrega do corpo aos dispositivos do treinamento com a respectiva produção de sofrimento é moldada por um desejo de construção de rendimento. Com isso, o corpo não deixa de ser um meio para efetivar a técnica e se torna um objeto a ser cobrado até seu limite ou acima dele.

Gonçalves et al. (2012) destacam que não podemos esquecer que esse processo de cuidar e o maltratar são duas faces da mesma moeda, o treinamento não é desprovido de dor, de sofrimento e de abdições. Vale destacar que, muitas vezes, as lesões são motivos de orgulho para os atletas, ocasionando certo culto às lesões e ao sofrimento.

Em relação a essa questão, Vaz (2000) coloca que existe no esporte uma presença do culto à obediência; ao autoritarismo e ao sofrimento, e uma presença de um aspecto masoquista; lugar em que a técnica se torna uma maneira de organizar a dor e o sofrimento, potencializando o corpo e seu rendimento. O ruim, é que muitas das vezes, os atletas parecem precisar mostrar coragem e passar uma imagem de indiferença à dor; e ainda precisam esconder o sofrimento atrás de um sorriso (Gonçalves, et al., 2012).

A dor e o sofrimento derivados do constante desgaste corporal resultante do treinamento precisam ser dominados diariamente nas formas do ritualismo do sacrifício. Nessa dinâmica exaustiva e dilacerante, relatos sobre lesões e enfermidades não são raros. É possível dizer que há no esporte, de certa forma, a presença de um aspecto masoquista (Gonçalves & Vaz, 2012).

Gonçalves e Vaz (2012) relatam que a valorização da dor e do sofrimento em práticas corporais e a escassez do aspecto lúdico, no caso de alguns esportes, como atletismo, onde a dimensão do jogo é restrita, tende a ampliar ainda mais o sentido de

sofrimento para os atletas; já que o trabalho é sempre muito repetitivo, instrumental e solitário.

Diante da literatura sobre sofrimento, é possível notar que os atletas de alto rendimento podem sofrer constantemente e por motivos diferentes. Esse sofrimento pode levá-los a uma possível Síndrome de *Burnout* e afastamento do esporte praticado (Verardi, et al., 2012; Pires, et al., 2012).

1.4- Aproximações entre o conceito de atleta e atleta profissional

A legislação em vigor acerca da prática do esporte não define a palavra atleta. Atualmente, a nossa língua portuguesa não diferencia o atleta do desportista. Na verdade, eles são tratados como sinônimos, inclusive na legislação. Entretanto, existe uma distinção entre estas figuras, tendo o atleta uma conceituação mais profissional que o esportista (Miguel, 2014).

O esportista é a pessoa que pratica atividades físicas para divertimento, saúde e lazer. Já atleta, do grego *athletes*, está relacionado aos lutadores que se disputavam nos jogos oficiais, com o sentido de competição.

A lei 9.615/98, Lei Pelé, regulamenta o desporto no Brasil e prevê que os atletas profissionais têm caráter trabalhista. A relação empregatícia entre a entidade desportiva e o atleta profissional se constitui por um contrato especial de trabalho desportivo, sendo o vínculo desportivo acessório ao vínculo empregatício.

Desde a Constituição de 1988 até a implantação da lei 12.395/11, que alterou a Lei Pelé, apenas os atletas de futebol eram considerados como atletas profissionais. Entretanto, no parágrafo 3º do art. 28-A, é possível visualizar que qualquer modalidade

esportiva coletiva será tratada como profissional, desde que praticada na forma dos artigos 26, 27 e 28 da lei 9.615/98 (LEI Nº 9.615, de 24 de março de 1998).

Uma vez que apenas o atleta profissional é considerado empregado, é importante saber o exato alcance da lei Pelé nos seus aspectos trabalhistas e estabelecer o eventual alcance da competência da Justiça do Trabalho para atletas não profissionais (Melo Filho, 2011).

A diferença entre o atleta e o atleta profissional, para o direito, é que o atleta profissional exerce a atividade mediante uma relação de emprego; para o direito interessa então conceituar isso como profissão (Peluso, 2009). Os atletas passam a serem considerados profissionais a partir do momento em que a construção da sua carreira compreende aspectos como relações ou vínculos com organizações esportivas, e conforme Rubio (2015) também apresentar características comuns a outras profissões, como por exemplo: disciplina, autoridade, iniciativa, perfeição, destreza, racionalidade, organização e burocracia.

Atleta é o indivíduo que pratica esporte de rendimento, isto é, aquele praticado na busca de resultados e integração de pessoas e nações, com observância das legislações nacionais e internacionais, nos termos do inciso III, do artigo 3º da lei Pelé. Várias teorias foram cogitadas para explicar o trabalho do atleta, seja de natureza civil, seja um trabalho autônomo. Porém, foi consagrada como vitoriosa a tese da Lei Pelé de contrato especial desportivo, de relação empregatícia para o atleta profissional (Melo Filho, 2011).

A classificação que impera na lei é de atleta não profissional, que era chamado de amador, será considerado autônomo, exceto se for atleta em formação. O atleta praticante de modalidade esportiva coletiva poderá ser profissional e o atleta individual

em regra será autônomo, salvo se a entidade de prática desportiva entender que deve formalizar com ele um contrato especial de trabalho desportivo.

Agora, compreendido a classificação do atleta, temos que a Justiça do Trabalho será sempre competente para dirimir as questões oriundas da relação atleta profissional e entidade de prática desportiva, pois esta será sua empregadora e estará diante de uma relação de emprego (Barros, 2008).

Apesar de boa parte dos atletas serem autônomos, em uma relação de trabalho e, e em caso de eventuais controvérsias surgidas entre entidade de prática desportiva e este atleta serão da competência da Justiça do Trabalho, nos termos do artigo 114 da Constituição da República, assim como os questionamentos surgidos da relação atleta em formação e entidade desportiva formadora, dada a natureza jurídica de contrato de aprendizagem.

A profissão de atleta profissional de futebol possui regras específicas que, em diversos momentos, diferencia os trabalhadores dessa área dos demais, prevendo mais vantagens, e tendo a característica de suprimir ou reduzir certos direitos inerentes à grande maioria dos trabalhadores estabelecidos pela Consolidação das Leis do Trabalho e pela Constituição Federal.

Segundo informações obtidas no Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, a grande maioria dos atletas profissionais de futebol não recebem enormes salários; a maior parte recebe em torno de dois salários mínimos. Diante desse fato, a maioria dos jogadores de futebol são trabalhadores que recebem baixos salários e lutam diariamente para sustentar as suas famílias; a minoria dos atletas se torna extremamente rico, mas é uma exceção a essa classe de trabalhadores (Abal, 2012).

1.5- Futebol no Brasil e suas peculiaridade

O futebol se caracteriza como elemento da cultura popular brasileira, perpassando por um processo histórico que culminou com a espetacularização do jogo e a profissionalização dos sujeitos envolvidos com o esporte (Marques & Samulski (2009). Segundo Carravetta (2009; 2012), o futebol é definido como uma modalidade com características de cooperação e oposição, regulada por 17 regras e disputada entre duas equipes, compostas por 11 jogadores cada, e destaca a modalidade como um sistema aberto com estruturas internas, o próprio jogo, e externa, os clubes e as federações.

A globalização foi o marco inicial para a projeção atual da modalidade, possibilitando a ampliação das relações do campo esportivo com os setores econômico, financeiro e comercial (Gastaldo, 2000).

O contexto pelo qual passa o futebol permitiu o desenvolvimento das relações do esporte com o campo econômico, político e social. A profissionalização dos atletas envolvidos na modalidade, o crescimento dos meios de comunicação e a paixão dos torcedores demonstram o potencial sociocultural que a mídia tem na elaboração e divulgação de notícias esportivas. Esta ampliação das possibilidades de retorno financeiro afetou vários segmentos relacionados ao esporte. Os meios de comunicação, em interposição com o universo futebolístico, mostram-se um campo permeado por interesses que notabilizam trocas favoráveis a todos os agentes envolvidos com o espetáculo esportivo (Cavalcanti & Capraro, 2013).

O esporte futebol, um dos mais conhecidos mundialmente, teve como berço institucional a Inglaterra, que na época (final do século XIX), figurava como potência econômica no cenário da Revolução Industrial, assim, o futebol se disseminou

juntamente com a expansão territorial da Inglaterra, já que ele fazia parte da cultura dos ingleses que passavam a habitar as novas regiões conquistadas (De Rose Junior, 2004).

Mendes et al. (2013) colocam que a televisão tem assumido a função de exaltar fatos polêmicos inerentes aos protagonistas do esporte futebol de rendimento. Para Saldanha e Goellner (2013), os protagonistas do futebol moderno têm se preocupado em vender a sua imagem da melhor forma possível por meio da mídia esportiva, considerando que isso lhes agrega maior valor no mercado do qual fazem parte, portanto, a mídia tem notável controle sobre as suas ações, pois se de um lado ela pode glorificá-los, de outro lado, ela pode criticá-los, e isso irá refletir drasticamente na estadia esportiva valorizada do atleta do futebol televisivo.

Nos anos trinta as edições dos jornais tinham um custo elevado, e a população possuía dificuldades de compreender a mensagem, por falta de instrução, ou porque os termos esportivos na época faziam referências às línguas estrangeiras, mais especificamente a língua inglesa, como por exemplo: o pênalti, tão usual no futebol, ou a palavra set ou game no tênis de campo ou no voleibol.

A massificação do esporte e dos meios de comunicação de massa aconteceram efetivamente com a união do futebol de campo com o rádio. Este marco ocorreu por volta dos anos quarenta e cinquenta. Os torcedores levavam o radinho aos estádios para acompanharem as narrações e este artefato de comunicação possibilitou a criação de um universo muito interessante em relação ao futebol, muitas gírias e jargões do jornalismo esportivo ascenderam nesta época, porque o radialista esportivo tinha a função básica de criar a imagem da disputa para aqueles que estavam distantes do jogo. O imaginário era acionado e deste modo, que as ideologias, identificações e simbologias no esporte tiveram seu nascimento nesta época (Camargo, 2001).

Outra transformação importante e que merecesse destaque nessa retrospectiva foi datada nos anos cinquenta e sessenta com o surgimento da mídia audiovisual, que trouxe as narrações mais criativas do rádio para a televisão e envolveu os aspectos mercadológicos no esporte, como o patrocinador e o marketing esportivo. Neste resgate não podemos esquecer que os anos noventa também contribuíram para a divulgação das informações esportivas, através da Internet (Camargo, 2001).

A origem do futebol no Brasil é exaustivamente citada em todos os livros e em reportagens e começou em 18 de fevereiro de 1894, quando o estudante brasileiro Charles William Miller retornou para o país de origem, o Brasil. Ele passou uma temporada de estudos na Inglaterra e trouxe uma mala com livros de futebol, contendo regras do jogo, trouxe também dois uniformes, duas bolas e bomba para enchê-las (Peluso, 2009).

Apesar de que existem alguns relatos que houve sim partida de futebol antes da chegada do Charles William ao Brasil. Em 1874, 20 anos antes dele chegar ao Brasil, ocorreu uma partida de futebol na praia de Botafogo, no Rio de Janeiro, organizada por marinheiros de navios que estavam ancorados no porto. Em 1878 também ocorreu uma partida de exibição em frente à casa da Princesa Isabel disputada por marinheiros e oficiais do navio inglês *Crimeia*.

A primeira partida oficial realizada pelo Charles William Miller foi em 14 de abril de 1895, um ano após o seu retorno ao Brasil. A partida ocorreu em um terreno baldio em São Paulo. De um lado estava a equipe *The São Paulo Railway* e do outro lado a equipe *The Gas Company*. A equipe *The São Paulo Railway* foi da empresa na qual o Charles trabalhava.

Após essa partida, em 1896, surgiram as primeiras equipes de futebol, o São Paulo Athletic Club, cujo time atualmente chamado de Clube Atlético São Paulo

(SPAC), foi fundado em 13 de maio de 1888. Com inclusão do Charles William Miller no quadro associativo da equipe. Várias equipes surgiram em todo país logo após essa data: em Porto Alegre, o Esporte Clube Rio Grande, em 1900; em Campinas, a Associação Atlética Ponte Preta, em 1900; no Rio de Janeiro, o Fluminense Football Club, em 1902; o Clube de Regatas Flamengo, 1895 e o Clube de regatas Vasco da Gama, em 1898 (Peluso, 2009).

Em 14 de dezembro de 1901 foi fundada a Liga Paulista de Futebol e no ano seguinte ocorreu disputa oficial do primeiro campeonato paulista de futebol, com o São Paulo Athletic Clube como equipe vencedora.

Exatamente no dia 20 de agosto de 1914 foi fundada a Confederação Brasileira de Futebol, a conhecida CBF; filiando-se a FIFA em 1923.

O futebol não era levado muito a sério e era praticamente praticado por membros de elite da sociedade. Mas não demorou e logo se profissionalizou. A profissionalização do futebol no Brasil iniciou em 1915, os atletas agora que iriam compor as equipes eram agraciados pelas participações nas partidas (Waldenyr, 1990). Nessa época, os países europeus já ofereciam melhores condições de vida aos jogadores brasileiros para atraí-los financeiramente. Para se evitar a perda de jogadores a outros países, a partir de 1932, o América Football Club, time do Rio de Janeiro, começou a assinar contratos com os atletas estabelecendo remuneração e algumas condições (Peluso, 2009).

No Brasil existia a tendência à elitização, com o cuidado em admitir no esporte apenas pessoas de boa família, de índole ou de boas maneiras pertencentes, obviamente, a burguesia. Na prática do futebol os pobres eram excluídos, e era constituída principalmente pelos negros. Estes não eram contemplados ao padrão estereotipado e convencionalizado socialmente (Rezer, 2005).

No final do século XIX, a escravidão acabava de ser abolida, mas os negros não eram aceitos na sociedade, e no futebol não era diferente. O esporte continuava a ser praticado apenas pela elite branca, algo que refletia a sociedade da época em muitos aspectos sociais (Rezer, 2005).

O primeiro brasileiro a aceitar um jogador negro foi o Bangu. O Vasco da Gama foi o primeiro na colocação de um time racialmente misturado em campo. No começo, o futebol dos grandes clubes era proibido aos negros. O pequeno clube Vasco da Gama se tornou campeão carioca, com um time composto por negros e brancos pobres, trazendo revolta para muitos da grande elite. Até meados de 1940/ 1950 clubes do Rio Grande do Sul não aceitavam os negros em suas equipes (Rezer, 2005).

O profissionalismo no futebol foi iniciado somente em 1885, na Inglaterra. No ano seguinte foi criada no país, a *International Board*, entidade cujo objetivo principal era estabelecer e mudar as regras do futebol, quando necessário. Então, no ano de 1904, em Paris foi criada a Federação Internacional de Futebol Association (FIFA) (com seis países envolvidos: França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suíça e Espanha, e logo depois, Alemanha e Itália, ainda sem o apoio da Inglaterra). Um ano depois, a Inglaterra finalmente se cedeu à FIFA e passou a comandar, juntamente com os outros países, os direitos de mudar leis e regras do esporte. A FIFA é quem organiza os grandes campeonatos de seleções (Copa do Mundo) de quatro em quatro anos, também organiza campeonatos de clubes como, por exemplo, Copa Libertadores da América, Copa da UEFA, Liga dos Campeões da Europa, Copa Sul Americana, entre outros (Gehring, 2010).

No restante do mundo o futebol não era considerado um esporte de elite ainda, tanto que na segunda edição dos jogos olímpicos modernos, a modalidade foi considerada apenas como exibição, muito atrás de esportes como atletismo, esgrima ou

tênis. Os jogos de exibição atraíam poucos torcedores, em grande maioria, composta por familiares. Apenas na Inglaterra o futebol tinha força, e seus clubes faziam excursões pelo mundo para difundir ainda mais o esporte (Gehring, 2010).

Entre 1914 a 1918, a Primeira Guerra Mundial freou o futebol na Europa, e conseqüentemente, a Inglaterra tentou excluir os países derrotados na guerra do quadro da FIFA. A Inglaterra, contrariada pelos outros membros, decidiu tentar acabar com a própria entidade no futebol, e sem sucesso, manteve ainda quatro ingleses no membro e se retirou do quadro, mas a FIFA precisava muito mais da Inglaterra do que a Inglaterra da FIFA (Gehring, 2010).

Em 1920, assume interinamente a presidência da FIFA o francês Jules Rimet, advogado e com grande influência no futebol francês. Embora contasse com apenas 20 países afiliados, Jules Rimet tinha uma ideia inovadora e ambiciosa, que era um torneio Mundial de Futebol, a ideia não era nova, mas Rimet foi o primeiro efetivamente a tirar do papel esse projeto. Esse foi o primeiro passo para a organização do futebol nos Jogos Olímpicos de 1920, 1924 e 1928 pela FIFA, ainda sem a participação da Inglaterra, até então brigada com a entidade. O Uruguai foi o primeiro país a sediar a primeira Copa do Mundo (Gehring, 2010).

A primeira Copa foi composta por apenas treze países, com quatro europeus, dois norte-americanos e sete sul-americanos. Por questões políticas, o Brasil foi com apenas jogadores cariocas deixando paulistas de fora. O Brasil fracassou no seu primeiro jogo contra a Iugoslávia perdendo de 2 x 1. O Brasil ainda jogou mais uma partida vencendo a Bolívia por 4 x 0, apenas para cumprir tabela (Gehring, 2010).

O Uruguai se tornou campeão da primeira edição da Copa, vencendo a Argentina na Final por 4 x 2. O torneio foi considerado um grande sucesso, o esporte já estava difundido pelo mundo e ficou decidido que em quatro anos teria uma nova

edição. Esse formato (de quatro em quatro anos) permanece na atualidade (Gehring, 2010; FIFA, 2021).

Em 1950, o Brasil sediou a Copa do Mundo, o Futebol já era um sucesso e o título era esperado, mas, na final, quase 200 mil pessoas foram ao Maracanã assistir o Brasil perder para o Uruguai. Como nas conquistas existem os heróis nas derrotas também existem os vilões. Assim, Barbosa (goleiro) e Bigode (zagueiro) foram considerados os grandes culpados pela derrota. Não por coincidência, foram negros que desfilaram com a camisa da seleção em um período claramente preconceituoso. Nos dias de hoje, os negros são a maioria no futebol, mas o preconceito ainda se manifesta principalmente na Europa obviamente não com a mesma intensidade do século passado (Rezer, 2005).

A popularidade alcançada pelo futebol em todo mundo, é impressionante. A FIFA, órgão máximo que gere o futebol, tem mais filiados do que a própria Organização das Nações Unidas (ONU), mostrando que para além de um esporte que possibilite intensas relações de sociabilidade, o futebol possibilita uma análise da própria política mundial (Café, 2010; FIFA, 2021).

Nesse processo, o futebol acompanhou e acompanha as grandes transformações históricas da humanidade, como o aumento do tempo livre da classe trabalhadora, as manipulações político-ideológicas, e alienação provocada na população pela massificação da prática esportiva e também da política neoliberal (Rezer, 2005).

Um exemplo político foi fundamental no ano de 1970, em o Brasil venceu a Copa do Mundo de 1970. O país atravessava um momento político complicado estabelecido pelo governo militar, em que o título Mundial de Futebol conquistado pelo Brasil foi associado ao grande desenvolvimento econômico/político desenvolvido por seu governo militar (Rezer, 2005).

O Brasil acabou se tornando o país do futebol devido aos seus cinco títulos mundiais conquistados (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) e milhões de brasileiros apaixonados pelo esporte. A seleção Brasileira então se transformou na maior vencedora da Copa do Mundo (Giglio, 2013). Os brasileiros são aclamados por serem os mais habilidosos e terem em sua história o melhor jogador de todos os tempos: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

Se antes do futebol ser transformado em um espetáculo mercadológico mundial o que valia para jogadores, torcedores e dirigentes era a identificação com os clubes, com a região, com a cultura, agora o que vale é o capital, sendo poucos os atores que se recusaram a fazer parte do show. No futebol espetáculo, crianças e adolescentes de países em desenvolvimento são tirados de suas casas e levados para os grandes centros europeus na esperança de se tornarem ídolos mundiais e ganharem enormes quantias de dinheiro para mudarem a realidade de suas famílias e muitas vezes das comunidades onde nasceram ou se naturalizam por outras seleções em busca de mais dinheiro (Café, 2010).

Entretanto, é importante ressaltar que nem todos os jogadores que chegam ao profissional serão necessariamente bem-sucedidos financeiramente. A imagem de um jogador que sai da periferia, favela e se torna milionário é uma imagem bem explorada pela mídia, em que o futebol aparece como salvacionista das mazelas sociais. O que não se percebe, muitas vezes, é que muitos jogadores vivem em um mundo de incertezas e inseguranças (Rezer, 2005).

Nessa trajetória, o Futebol continuou, apesar das mudanças contínuas na sociedade, se adaptando e se renovando, produzindo ídolos, criando heróis e vilões, frustrando e tornando sonhos em realidades. Talvez, por toda essa ambiguidade, o futebol se torna tão emocionante e apaixonante.

1.6- Atleta de alto rendimento no futebol de campo

Pode-se conceituar o atleta profissional de futebol como a pessoa natural que pratica futebol e, por força de contrato, presta pessoalmente os serviços à entidade desportiva empregadora, mediante subordinação e salário, em caráter não eventual (Peluso, 2009; Giglio, 2013).

O atleta de futebol de campo tem como característica movimentos rápidos, curtos e não contínuos. A forma como cada jogador se movimenta, o ritmo, a velocidade, a duração de cada ação específica dependem das circunstâncias com as quais o jogador se depara em relação à sua posição em campo (Philippaerts et. al., 2006).

Aspectos como a duração da partida e as dimensões do campo de jogo são responsáveis pela execução de funções específicas na modalidade de futebol de campo (Prado, et. al., 2006). As demandas fisiológicas utilizadas em uma partida de futebol, por exemplo, variam de acordo com taxa de trabalho principalmente pela peculiaridade das funções exercidas pelo atleta (Reilly, Bangsbo & Franks, 2000). Rienzi et al. (2000) mostraram em seus estudos que o deslocamento dos jogadores durante os jogos é determinado pela posição ou função tática exercida.

As características antropométricas mais significativas para os atletas de futebol são a estatura, massa corporal e o percentual de gordura que estão relacionadas com o desempenho em competições de alto nível (Barbosa, et. al., 2011). Essas informações servem de suporte para os treinadores efetuarem alterações nas posições que os jogadores exercem em campo e até mesmo na forma tática de toda equipe, otimizando o desempenho da mesma (Prado, 2006).

Conforme Côrrea, et. al. (2002), os clubes de futebol estão aprendendo a valorizar os aspectos psicológicos do jogador e a necessidade de conduta, disciplina, responsabilidade e autoconfiança passou a ser importante no momento de contratação de um atleta de futebol. Não basta então ter mais excelente técnica, preparo físico e habilidade dentro de campo, mas é preciso ter também consciência e maturidade dentro e fora dele nas suas ações. Em toda ação presente em um jogo de futebol, existe envolvimento psíquico, sendo esse consciente ou não, mas a qualidade desse envolvimento será importante para o resultado da ação (Côrrea, et. al., 2002).

A formação do atleta de futebol pode se iniciar a partir dos 12 anos de idade, e tem uma duração aproximada entre 5.000 e 6000 horas de trabalho voltado para preparo físico e para o domínio de técnicas corporais e psicológicas (Damo, 2005; Melo, 2010), a carreira no futebol exige extenuante trabalho corporal.

De acordo Hall et. al. (2003) e Dietschy (2006), o fenômeno de migração de jogadores aponta para um alto grau de conectividade e integração no mercado do futebol, mas há de se destacar que esse fenômeno faz parte de um movimento mais amplo do processo migratório e econômico entre os países pobres e os ricos a partir dos anos de 1980. Esse cenário criou um tipo específico de produção de jogadores que visa prioritariamente o mercado exterior.

Os jovens recrutados para os centros formadores passam a ter como meta profissional a emigração para outros países. As faixas salariais variam e há uma hierarquia de acordo com os mercados que têm mais visibilidade na mídia e prestígio junto aos torcedores (Soares, et. al., 2011).

A aposta na carreira de atleta de futebol requer diferentes renúncias, considerando a extenuante demanda de trabalho corporal que pode, segundo Melo (2010), ultrapassar as seis mil horas de atividades ao longo do processo de formação. O

fato do tempo de dedicação à formação no futebol ser igual ou superior ao de dedicação à escola pode gerar problemas no processo de escolarização do atleta.

O futebol profissional é altamente competitivo, com uma carreira que possui longevidade curta quando a comparamos com outras profissões e com uma pirâmide salarial tão desigual, mas mesmo assim há uma grande demanda de jovens que buscam um lugar nesse limitado mercado (Soares, et. al., 2011).

Soares e Melo (2011) e Soares et. al. (2013) apontaram para a existência de uma alta carga de treinamento destinada à formação de jovens atletas no futebol, a ausência de supervisão pedagógica sobre o desempenho escolar dos atletas e a prioridade dada ao futebol em relação à formação escolar. Existe uma dificuldade de conciliação entre a formação escolar e a esportiva, o que afasta o atleta da permanência ou dedicação na escola básica.

O futebol, dessa forma, se torna uma rede de significados e um projeto de vida principalmente para as famílias de camadas populares, quando vislumbram ter em casa algum jovem com talento para o esporte (Souza, Vaz & Soares, 2008).

Diante disso, o investimento no futebol pode configurar-se, em última análise, como trabalho precoce e infantil, pois é muito treinamento que se transformam em histórias de sacrifício e dedicação, e podem resultar em sucesso ou em frustração na biografia de muitos daqueles que se aventuram na construção de uma carreira profissional (Souza, Vaz & Soares, 2008).

No próximo capítulo abordaremos os fatores que podem influenciar na vida do atleta: a influência midiática no esporte, os patrocinadores, o apoio da família, torcida, adversários, os aspectos financeiros, as cobranças externas, internas, físicas e psicológicas. A escolha desses aspectos se deve ao fato de terem sido citados pelos

atletas no decorrer da entrevista, quando se falava em sofrimento, na Síndrome de *Burnout* e nos aspectos considerados bons ou ruins no esporte praticado.

CAPÍTULO 2: FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR NA VIDA DO ATLETA

2.1- Influência do fenômeno midiático no esporte

O processo de globalização é um marco inicial para a projeção das modalidades esportivas, possibilitando a ampliação das relações do campo esportivo com vários setores: econômico, financeiro e também comercial (Gastaldo, 2000). Nessas relações estabelecidas pelo esporte, destaca-se a mídia e o mito heroico, que objetiva superar obstáculos intransponíveis e vencer grandes disputas (Campbell, 1990). A supervalorização dos resultados, por parte do jornal, sugere uma narrativa mítica que correlaciona o protagonista do evento esportivo com a figura do herói (Santos & Medeiros, 2009).

Conforme Cintra Sobrinho (2004) acredita-se que a mídia e as entidades esportivas estabelecem relações no campo esportivo que consistem em uma troca favorável a ambos, criando uma relação sócio histórica. Tal condição é influenciada pelo interesse do público, desenvolvendo representações sociais que afetam o dia a dia de uma sociedade.

Os meios de comunicação são relevantes veículos discursivos no que diz respeito ao herói do esporte. A transposição de dificuldades, a desconfiança na trajetória da conquista, a expectativa pela vitória e a imprevisibilidade dos resultados constituem elementos que enquadram o futebol e também outras modalidades (Rubio, 2001; Helal, 2003).

O atleta herói deverá apresentar condições que demonstrem de fato o seu potencial. Devendo provar sua capacidade tanto física, como psíquica, superando

obstáculos impossíveis, mostrando coragem, sabedoria, paciência e perseverança (Campbell, 1990). O herói busca ampliar seus conhecimentos, renovando sua realidade social e tornando-se exemplo para as pessoas que o admiram. Os obstáculos enfrentados, as dificuldades superadas, caracterizam a experiência de vida das pessoas que perfazem o caminho vitorioso nas mais diversas sociedades (Silva, Rabelo & Rubio, 2010).

Transpor obstáculos é um desafio físico e psicológico constante para o atleta na busca incessante pela vitória. No esporte de alto rendimento, este lugar de sucesso não é condicionado apenas pelo nível de habilidade técnica apresentado pelo indivíduo, mas é resultado de uma somatória de fatores físicos e mentais, que aliados a essas habilidades e à tecnologia contribuem para que os objetivos sejam alcançados.

O herói, portanto, deverá apresentar condições que demonstrem seu potencial para assumir o posto de protagonista. Devendo provar sua capacidade física e psíquica, superando obstáculos impossíveis, denotando coragem, sabedoria, paciência e perseverança (Silva, Rabelo & Rubio, 2010).

De acordo com Cavalcanti e Capraro (2013), a utilização de acontecimentos como heroísmo é característica dos jornais que visam à comercialização do que está em maior evidência. O tratamento de um fato específico, seja ele um gol ou uma defesa de um pênalti, como feito heroico acontece de acordo com o nível de importância da realização, que pode ser baseado pela sorte e até por casualidade.

De acordo com Liedtke (2002), não deu certo um ídolo, já entra em pauta outro para anestesiar o povo. Para ninguém sentir a falta de um determinado atleta. Por essas e outras razões, o futebol perde sua pureza; perde seu encantamento. Sobra alienação e muita manipulação do povo.

No Brasil, cada vez mais, a televisão vem interferindo nos acontecimentos esportivos. Existe uma troca de espetáculos estéticos da mídia e do esporte em si. De um lado, o esporte gerando espetáculos para a mídia, e do outro, os esportistas dependendo da repercussão da mídia para garantir a sobrevivência financeira do futebol. A audiência que a mídia fornece também significa garantia de público nos estádios e nas televisões, como também retorno para os patrocinadores, que conseguem dar visibilidade aos seus produtos (Liedtke, 2002).

De acordo com Capraro et al. (2011), um dos principais símbolos ligados ao consumo de produtos e serviços explorado pelo futebol midiático é a imagem do atleta. Como exemplos disso, podemos citar duas situações comuns e que se relacionam com a imagem do atleta em canais de comunicação de massa, neste caso, a televisão. A primeira associada ao consumo de produtos, na qual um atleta aparece utilizando um determinado modelo de roupa em um programa de mídia esportiva, dias depois, observa-se o mesmo modelo de roupa sendo amplamente utilizado pelo público do programa. A segunda associada ao consumo de serviços, na qual se tem um atleta que é alvo frequente da mídia esportiva, sendo que o atleta utiliza um tipo de corte específico de cabelo que no mercado de serviços assume um valor mais elevado que os demais cortes, dias depois, observa-se uma série de pessoas usufruindo deste serviço com valor mais elevado para tentar se igualar à imagem do referido atleta (Smoute, Gomes & Coutinho, 2017).

Mas vale a pena ressaltar que não é unicamente a mídia que encoraja a população para admirar mais um esporte do que outro, mas é a identidade da população com um esporte em específico que se traduz no interesse da mídia em divulgar este determinado esporte, assim, buscando atingir maiores índices de audiência, como por

exemplo, o futebol enquanto esporte pode ser o interesse da mídia em satisfazer a lucrativa atenção do seu público (Saldanha & Goellner, 2013).

Betti (2001) destaca que não existe esporte na mídia, apenas esporte da mídia. Se a mídia enfocasse o esporte como cooperação, autoconhecimento, sociabilização etc., em vez da habitual ênfase na vitória-derrota, recompensa extrínseca, violência etc., ainda assim estaria fragmentando e descontextualizando o fenômeno esportivo, pois a competição e certa agressividade são a ele inerentes.

O esporte na mídia é sempre mediado pelos olhares interessados dos diversos meios, dentre os quais destaca-se a televisão (Betti, 2001; Araújo, 2017). De fato, o esporte não teria alcançado a importância política, econômica e cultural de que desfruta hoje se não fosse sua associação com a televisão; associação esta que criou uma “realidade textual autônoma”: o esporte telespetáculo (Araújo, 2017).

O discurso do jornal é sempre semelhante, colocando sobre a recorrência ao drama, a emotividade e o enaltecimento das conquistas. Evidências que corroboram com a ideia de que a narrativa visa atingir o imaginário esportivo contemporâneo, demonstrando a necessidade da mídia em preencher-se de feitos espetaculares (Rubio, 2001).

Acredita-se, portanto, que a mídia e as entidades esportivas estabelecem relações no campo esportivo que consistem em uma troca favorável a ambos, criando uma relação sócio histórica quase amalgamada. Tal condição é influenciada pelo interesse público, desenvolvendo representações sociais que afetam o cotidiano de uma dada sociedade (Cintra Sobrinho, 2011)

Percebe-se a relação entre a espetacularização do esporte e a narrativa de eventos esportivos, segundo a qual a competição é uma descrição de batalhas das quais o herói é o protagonista. A mídia define o adversário como alvo de superação, utilizando-se das

histórias esportivas como cenário de representação dos feitos heroicos de uma equipe. (Rubio, 2002)

A imprensa esportiva elabora seus discursos pautados em um ideal que define um herói como o responsável por um feito histórico (Cavalcanti e Capraro, 2013). Essa busca por heróis faz parte do universo midiático esportivo, já que necessita de estratégias para a comercialização do seu produto. No entanto, esse protagonismo atrelado ao sujeito responsável por um feito isolado não se enquadra nas especificidades do mito heróico esportivo (Campbell, 1990). A elaboração e utilização do termo herói, como um acontecimento descontextualizado, faz parte da cultura do efêmero, do breve e do descontínuo refletidos na imprensa esportiva (Betti, 2001).

Conforme Rubio (2001), ao tratar o jornal como um meio de comunicação criador de histórias heroicas no esporte, permeadas por personagens e situações que afetam o imaginário social, supõe-se que o periódico utiliza-se não só da espetacularização do evento, como forma de elaboração do seu discurso, mas também na retratação da imagem dos atletas como agentes participantes deste cenário teatralizado.

Dentre as modalidades esportivas, o futebol tem se destacado, pois exerce notório poder de movimentação das massas. Assim sendo, a supremacia das notícias vinculadas ao esporte futebol em relação aos demais esportes no programa também incorporam valores políticos, ou seja, não se pretende apenas divulgar os esportes, mas divulgar “um” esporte que demonstra exercer poder sobre as massas (Smoute, Gomes & Coutinho, 2017)

De um lado, poucos ídolos-heróis, de outro lado, uma notória parcela de sujeitos que são explorados pelo mercado do futebol, sem muitas vezes nem se quer alcançar um lugar no alto rendimento deste esporte. Entretanto, parece que este segundo lado da

moeda é alvo de frequente "amnésia" na mídia esportiva (Smoute, Gomes e Coutinho, 2017).

Cavalcanti e Capraro (2013) dialogam sobre a imagem do ídolo no futebol, para isso expõem elementos vinculados à mídia que atuam como propulsores do discurso sobre o ídolo-herói, ou seja, o menino que nasceu em um contexto de baixa condição econômica e alcançou por meio do futebol o status de reconhecimento social através do acumulo de capital, condição essa que, embora seja sobejamente contestada na conjuntura acadêmica atual, tem sido ovacionada pelas massas.

Podemos citar alguns atletas no futebol, dentre vários, que passaram por esse contexto antes de adquirirem a fama. Um deles foi o jogador Romário, conhecido como “o Baixinho” veio de uma família muito pobre do Rio de Janeiro, mas o futebol fez com que conseguisse mudar a vida não apenas de seus pais e irmãos, como de tios, primos e padrinhos. Outro atleta foi o Cafu, capitão do penta, que mesmo depois de ter sido dispensado em nove peneiras, ele não desistiu e conseguiu ser aprovado nas categorias de base do São Paulo. Hoje, ajuda jovens carentes do Jardim Irene, em São Paulo, lugar onde nasceu. Não podemos deixar de citar a Marta do futebol feminino, que só conseguiu ser reconhecida no Brasil depois de fazer sucesso lá fora. Hoje, é apontada como a melhor jogadora de futebol da história, tendo mudado a vida financeira de sua família. São inúmeros casos de atletas que saíram de uma situação de pobreza extrema para uma vida de riqueza, reconhecimento social e ídolo no esporte que pratica, no entanto, a grande maioria dos atletas não consegue essa proeza.

Betti (2001) que citou quais são as características do esporte da mídia, centrando-nos no caso da televisão, algumas delas são: Prevalência dos interesses econômicos, Sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo, Superficialidade, Ênfase na “falação esportiva” e Monocultura esportiva. Apesar de ser uma publicação

antiga, ela retrata bem o que ocorre na mídia atual, como a falação esportiva e todas as outras características.

Betti (2001) coloca que a falação esportiva (Eco, 1984) informa e atualiza quem ganhou, quem foi contratado ou vendido (e por quanto), quem se contundiu, e até sobre aspectos da vida pessoal dos atletas. Conta a história das partidas, das lutas, das corridas, dos campeonatos; uma história que é sempre construída e reconstruída, pontuada pelos melhores momentos. A falação faz previsões: qual será o placar, quem deverá vencer. Depois, explica e justifica: por que tal equipe o atleta ganhou ou perdeu. A falação promete: emoções, vitórias, gols, medalhas. Cria polêmicas e constrói rivalidades: foi impedimento ou não? A falação critica: "fala mal" dos árbitros, dos dirigentes, da violência. A falação elege ídolos: o "gênio", o craque fora de série. Por fim, sempre que possível, a falação dramatiza.

Já a Monocultura esportiva dá ênfase quantitativa da "falação" das mídias, assim como da transmissão ao vivo de eventos, principalmente do futebol.

E a sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo é característica marcante da mídia televisiva. O esporte espetáculo tende a valorizar a forma em relação ao conteúdo. Isso decorre do fato do discurso televisivo fazer uso privilegiado da linguagem audiovisual, combinando imagem, som (música, por exemplo) e palavra, com ênfase na primeira. As possibilidades do audiovisual são levadas cada vez mais adiante, em decorrência dos avanços tecnológicos associados à informática (mini-câmeras, closes, recursos gráficos etc.). Mas também nas mídias impressas (jornal, revista), as imagens vêm ganhando espaço em relação à palavra – são fotos, gráficos e outros recursos produzidos com sofisticação e qualidade cada vez maiores por conta dos avanços da informática/computação.

Sobre a Superficialidade, as próprias características das mídias a impõem. Como lembra Santaella (1996), a cultura das mídias é a cultura do efêmero, do breve, do descontínuo; é a cultura "dos eventos em oposição aos processos" (p.36). Mas como a cultura das mídias caracteriza-se também pela interação entre elas, a mesma notícia passa de uma mídia a outra, permitindo análises mais aprofundadas nas revistas semanais e no jornalismo investigativo da TV por assinatura, por exemplo. Idealmente, as mídias seriam intercomplementares (Santaella, 1996), e a notícia da TV levaria o espectador ao jornal, daí à revista, etc. Mas quem no Brasil lê jornais, revistas ou pode pagar por uma TV a cabo? Daí o receio dos efeitos perniciosos que a televisão pode trazer a um país como o Brasil, com baixo nível educacional, com uma grande massa de analfabetos e semi-analfabetos, e que estão se expondo diretamente à cultura audiovisual das mídias, sem a mediação anterior da cultura letrada.

E em relação à Prevalência dos interesses econômicos, a lógica das mídias, em última instância, atende a interesses econômicos, entronizando na televisão os índices de audiência, e criando assim um círculo vicioso: os produtores pressupõem o que o público (que é visto como homogêneo) quer, e só lhe oferecem isso, portanto, não podem saber se o público deseja outra coisa. Novidades aparecem, mas sempre sobre os mesmos temas e sob as mesmas formas. Como não há opções, o público reafirma a audiência das "fórmulas" tradicionais.

Além disso, Betti também cita um exercício de imaginação (e esperança...) o que deveríamos realmente ler, ouvir e olhar se houvesse outro lado, o do esporte na mídia, e cita: 1º a cobertura de várias modalidades esportivas, inclusive as que ainda são predominantemente amadoras; e a presença de informações/conteúdos científicos (biológicos, socioculturais, históricos) sobre a cultura esportiva; 2º análises aprofundadas e críticas a respeito dos fatos, acontecimentos e tendências nas várias

dimensões que envolvem o esporte atualmente (econômica, administrativa, política, treinamento, tática etc), considerando o passado, o presente e o futuro; 3º as vozes dos atletas (profissionais e amadores) enquanto seres humanos integrais, e não apenas como máquinas de rendimento, nos falando sobre a experiência global de praticar esporte; 4º uma maior interação com os receptores, considerados indivíduos singulares, instaurando um verdadeiro processo de comunicação.

Isso tudo nos faz refletir o quanto a mídia seria necessária para as pessoas no geral se pudessemos ter coberturas de várias modalidades e não só do futebol; se a mídia pudesse mostrar a importância do esporte na vida das pessoas, tanto para saúde quanto para a história da sociedade; olhando o atleta como ser humano integral; e passar as informações mais aprofundadas, críticas e sérias ao telespectador, sempre com respeito ao atleta.

2.2- Patrocinadores do esporte

O patrocínio é considerado o principal investimento dentro do marketing esportivo, é um meio de comunicação capaz de impactar significativamente o público (Zucco et. al., 2015). A pesquisa sobre marketing esportivo tem crescido de uma forma bem intensa nos últimos dez anos, principalmente no Brasil, onde esse interesse pode estar ligado à realização de megaeventos esportivos como, por exemplo, a Copa do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos (Fagundes et al., 2012).

Morgan e Summers (2008) citam que esporte é um motivador e que envolve os públicos de idades e classes sociais de todos os níveis. Os investimentos no esporte tornam-se uma opção de valor para o marketing das empresas (Smith & Stewart, 2007).

O termo marketing esportivo foi estabelecido em 1978 pela Revista *Advertising Age*, com o intuito de descrever as atividades dos profissionais de marketing de produtos industriais, de consumo e serviço que utilizavam cada vez mais o esporte como contexto da comunicação do marketing (Mullin & Walker, 2010).

O esporte possui o poder de entrar em vários aspectos do cotidiano e é considerado um dos meios de entretenimento e educação que atingem pessoas de todas as idades, gêneros e classes sociais diferentes atravessando fronteiras culturais e emocionais (Morgan & Summers, 2008). Dessa forma, os consumidores e fãs de esporte são a base na qual se aumenta a popularidade (Smith & Stewart, 2007).

Blackwell et al. (2005) acreditam que o comportamento do consumidor é um conjunto de atividades diretamente envolvidas em obter, consumir e dispor de produtos e serviços, incluindo os processos decisórios que antecedem e sucedem suas ações. O consumidor esportivo apresenta motivadores distintos para suas escolhas, que o distinguem da maioria de outros tipos de consumidores de produtos ou serviços ofertados em outros setores.

O patrocínio esportivo tem como características básicas a valorização e o posicionamento da marca patrocinadora de um time ou esporte em seus mercados-alvo (Ottoni & Montagner, 2004) e é uma forma utilizada pelas empresas para expor suas marcas em eventos, nos atletas, em equipes, etc, para assim associá-las àquilo que está sendo patrocinado (Gwinner & Swanson, 2003).

Para Zucco, et. al. (2015), o patrocínio esportivo é uma ferramenta de comunicação que contribui de forma eficiente com os esforços promocionais de relacionamento das organizações com seus públicos. A imagem, a competição em si, o status e a exposição são algumas das razões para o investimento (Gwinner & Swanson, 2003).

Almeida e Reis (2015) apontam a visão do patrocínio esportivo, que por meio da mídia está baseada no fato de que a maior parte das mensagens que são passadas ao público durante a transmissão de um evento esportivo, chega a um telespectador em um momento de relaxamento e, portanto, mais receptivo ele ficará a essas mensagens. Isso para o patrocinador é muito bom, porque o telespectador ficará com sua marca na memória.

As mensagens transmitidas por patrocínios de eventos esportivos chegam de forma bem sutil e fixam na mente dos consumidores mediante associações, garantindo prestígio e credibilidade às marcas que patrocinam. A percepção do patrocinador está intrinsecamente ligada à influência desses fatores sobre os fãs em relação à equipe ou esporte. Quanto mais forte for a ligação dos fãs à sua equipe ou esporte, maior será a percepção do patrocínio (Zucco, et. al., 2015).

Escobar (2002) concluiu em seu estudo que existe uma aceitação do esporte em nossa sociedade, que se reflete na alta participação das pessoas em atividades esportivas, e também no grande espaço destinado à cobertura de fatos esportivos pelos meios de comunicação. Concluiu também que, o esporte carrega consigo características ligadas a aspectos da vida como a vitória, a derrota, persistência, força física, saúde, beleza, que são transmitidos para as marcas patrocinadoras.

Com isso, o Patrocínio Esportivo se constitui em uma ferramenta de enorme potencial, seja para atingir objetivos relacionados à imagem da empresa ou da marca, ou para objetivos relacionados à exposição de mídia, relacionamento com clientes e fornecedores ou vendas.

2.3- Importância do apoio familiar na vida esportiva do atleta

O desenvolvimento de uma carreira esportiva é influenciado, tanto por fatores pessoais, como motivação e objetivos no esporte, quanto por fatores contextuais, como exigências do treinamento e da competição, cobranças, acompanhamentos e incentivos vindos de dirigentes, treinadores, colegas e/ou também familiares (Folle, et. al., 2018).

Conforme Vilane e Samulski (2002), a carreira bem sucedida do atleta, em sua grande parte, pode ser relacionada à família, que o encoraja, dá amor e suporte que são necessários durante toda a trajetória da carreira esportiva. Mas, infelizmente, a família pode apresentar um aspecto negativo na vida do atleta. Isso porque, a alta exigência, e cobranças dos pais podem gerar regras bem rígidas e expectativas não reais.

Outra questão que pode ser muito negativa para o atleta é a influência excessiva ou ineficaz da família no esporte (Vilane & Samulski, 2002).

Para Fonseca e Stela (2015), durante a infância, o incentivo dos familiares é fundamental para o sucesso no esporte. A família apresenta um ambiente social primário, onde o jovem atleta pode desenvolver sua potencialidade para a prática esportiva. A qualidade dos incentivos e os exemplos dos pais variam em termos de engajamento como a principal força de influência aos filhos.

O incentivo é uma atividade adulta essencial para as crianças adquirirem autoestima alta, controle e consciência de ter pais como um agente incentivador. É uma indicação de que o mundo dos adultos exerce uma atividade efetiva sobre a vida esportiva das crianças que provavelmente serão futuros atletas de alto rendimento (Fonseca & Stela, 2015).

Segundo Verardi e De Marco (2007), a presença dos pais na arquibancada, atua de forma direta sobre o desenvolvimento psicológico do filho. A maneira com a qual os

pais interagem com seus filhos em casa, será de alguma maneira também retratada no convívio em sociedade, influenciando assim a maneira como a criança se comporta na escola e nos esportes. Esse comportamento define muitas vezes a continuidade, o prazer e a perspectiva da criança em relação à modalidade esportiva vivenciada.

Para Torregrosa, et al. (2008) ao receber o apoio e aprovação parental, ao atletas sentem prazer e satisfação para a prática esportiva, e por isso se sentem encorajados e motivados a se comprometer ainda mais com o esporte, ao contrário disso, se o atleta sentir-se pressionado, o esporte acaba não sendo sadio.

Segundo Almeida e Souza (2016), pode existir também uma influência negativa que os pais exercem sobre seus filhos no que tange, especialmente, ao interesse financeiro em torno da carreira esportiva do atleta.

O reconhecimento do mérito, por parte dos familiares, pode basear-se principalmente na compensação financeira recebida pelos atletas, reforçando o entendimento de que poderão obter retornos expressivos a partir dos investimentos realizados na carreira dos filhos atletas. Essa compreensão reforça a importância de os familiares se desafiarem a encontrar o equilíbrio adequado entre seu interesse pela prática esportiva e a interferência no trabalho do treinador, de modo a evitar a projeção de seus objetivos pessoais no sucesso esportivo dos atletas (Delforge & Le Scanff, 2006; Nunomura & Oliveira, 2014).

Já Fonseca e Stela (2015) acreditam que o incentivo familiar pode ser o principal sustentáculo de um ambiente saudável e seguro para os atletas desenvolverem e ampliarem as suas potencialidades, além de adquirirem maior segurança e motivação para prosseguirem com sua carreira esportiva. Dessa maneira, os próprios pais reconhecem que o esporte propicia, aos atletas, o desenvolvimento de auto percepções positivas, de responsabilidade pessoal, ética, compromisso e de valores positivos, bem

como a construção de amizades, de trabalho em equipe e cooperação, aprendendo a respeitar as autoridades e a ampliar sua dedicação em vários setores da sua vida (Neely & Holt, 2014).

Fonseca e Stela (2015) concluíram em suas pesquisas que os pais possuem um papel crucial especialmente na infância, pois, há um enriquecimento da participação dos mesmos, possibilitando grandes experiências e principalmente a permanência no esporte.

Folle, et. al. (2018) colocam em seus estudos que para realizar análise mais aprofundada do envolvimento da família sobre o processo de desenvolvimento esportivo de atletas seria necessário considerar, também, a presença de outras variáveis mediadoras neste processo, como os valores educacionais, a quantidade de membros, os níveis socioeconômico e educacional dos familiares, bem como a qualidade das experiências esportivas vivenciadas no passado. Todas essas variáveis podem influenciar a construção de determinadas concepções sobre o significado e sobre o papel que o esporte deve desempenhar na vida dos atletas em formação.

Alves e Becker (2021) apontaram em seu estudo que o envolvimento parental pode trazer importantes contribuições no desempenho das práticas esportivas, isso porque o esporte pode atuar positivamente no processo de socialização, além de poder contribuir para a integração dos membros familiares no compartilhar de conquistas pessoais, desafios e momentos de lazer.

Por outro lado, Alves e Becker (2021) também verificaram em seu estudo que as expectativas e cobranças parentais acabam prejudicando o desempenho esportista dos filhos, além de trazer impactos negativos no âmbito emocional e familiar dos atletas. Os autores também citaram alguns estudos que identificaram a ausência parental nas práticas esportivas, de modo que, os atletas não puderam contar com o suporte

presencial de seus pais e/ou emocional e/ou financeiro, o que trouxe maiores desafios para a continuidade de suas atividades físicas.

O estudo de Alves e Becker (2021) foi interessante porque mostrou os pontos positivos, como também os negativos de se ter o envolvimento familiar no esporte, mas mostraram que a ausência parental pode ser algo que abale/desestruture o envolvimento do atleta no esporte.

2.4- A torcida e os adversários

A torcida é um importante determinante externo pode exercer uma influência importante no desempenho do atleta, em alguns momentos ela pode agir como um fator motivador e em outros como estressor (gerador de tensão), dependendo de fatores relacionados ao indivíduo e à situação na qual ele está passando (Couto Junior, et.al., 2007).

Diante disso, o estudo de Couto Junior, et. al. (2007) teve por objetivo investigar como se dá a presença da torcida no Futsal, mais precisamente, como os atletas percebiam a presença do público nessa modalidade, que consequências essa avaliação trazia para a performance dos mesmos e o papel modulador desempenhado pela auto eficácia nesse processo de avaliação. Para isso, utilizaram a metodologia qualitativa, tendo como técnica, o questionário com perguntas abertas. Doze atletas de futsal do sexo masculino de idade de 18 a 26 anos responderam ao questionário. Posteriormente, foi realizada a análise dos dados por categorização. Os resultados apontaram que tanto a torcida a favor quanto a contra, atuam de forma positiva no rendimento da maioria dos atletas. A torcida contra aumentou em muitos a vontade de vencer, também aumentou a

pressão. As reações qualitativas a favor da torcida, de apoio e incentivo, mostraram que podem trazer muitos benefícios aos jogadores, principalmente por aumentar a motivação dos jogadores. A auto eficácia moldou a avaliação que os atletas faziam da presença da torcida em suas performances, permitindo aos atletas com maior auto eficácia, atuar de forma mais segura e eficiente, independentemente da forma de manifestação da torcida.

Já Filgueira e Schwartz (2007) apontam em seus estudos que quanto mais jovem e menos experiente o atleta, maior será o efeito da torcida sobre seu comportamento, porque não conseguem lidar com a presença dela durante um jogo ou treinamento.

Na literatura ainda são poucos os estudos relacionados aos efeitos da torcida sobre o comportamento das crianças, uma vez que existem relatos de sentimentos positivos (competência, orgulho, motivação, etc.) e sentimentos negativos (fracasso, abatimento, etc.) (Filgueira & Schwartz, 2007).

Para Medeiros Filho e Haddad (2008), a presença de mais torcedores pode estimular os atletas, intimidar os adversários e até afetar a preferência do árbitro pelo time da casa do jogo, mesmo que não intencionalmente. Para os autores, quando o jogo é em casa, além dos fatores de torcida e pressão do árbitro, existirá uma vantagem devido ao conhecimento da equipe da casa sobre o campo de jogo e a influência do itinerário da equipe visitante. Em relação ao fator torcida, cada situação criada terá um impacto psicológico positivo nos atletas da equipe da casa. Portanto, a presença da torcida para os jogadores que jogam em casa pode ser algo positivo durante a competição (Medeiros Filho & Haddad, 2008).

O aumento da confiança por meio do apoio dos torcedores pode ter um impacto positivo no desempenho dos atletas (Medeiros Filho & Haddad, 2008).

O estudo de Medeiros Filho & Haddad (2008) mostrou que em torneios com número semelhante de jogos em casa e fora, a equipe da casa tem tendência a vencer mais de 50%. Para Silva e Moreira (2008), ao estudar os resultados de diferentes campeonatos europeus da primeira e segunda liga e campeonatos nacionais, verificou-se que 60% a 65% dos pontos eram a favor da equipe da casa. Nesse estudo, o autor concluiu que a influência de fatores locais no futebol brasileiro é ainda maior do que nas ligas europeias (Portugal, Espanha, Inglaterra, Itália e Alemanha). E concluíram que isso pode ocorrer devido à influência da torcida, à pressão sobre o árbitro, ao conhecimento do local, ou até mesmo ao cansaço da equipe adversária devido a esta viagem.

Segundo Machado (2001), a torcida vai desde a família e amigos dos atletas, a torcida organizada, o telespectador no campo ou ginásio, o telespectador que acompanha pela televisão ou rádio, a imprensa, o técnico, os companheiros de equipe, etc.

Para Becker Jr. (2000), quando os jogadores competem, ou mesmo enquanto treinam, sempre terá alguém acompanhando seus desempenhos e isso pode influenciar na quantidade e na qualidade da atuação destes atletas, pois segundo, a presença de pessoas, seja elas da família ou torcida organizada, pode determinar mudanças no rendimento de sujeitos submetidos a desafios.

Machado (2001) destacou que os manifestos da torcida podem motivar os jogadores, tanto que é comum durante alguns jogos observar alguns jogadores fazendo gestos para que a torcida se manifeste, percebe-se então que a motivação é uma questão de suma importância no que se refere à prática de esportes. No entanto, além das manifestações positivas que a torcida pode apresentar ela também age com hostilidade contra um jogador ou uma equipe, usando, por exemplo, palavras ofensivas ou

depreciativas, e estas por sua vez poderão produzir emoções negativas como depressão ou revolta acentuada. Portanto, a torcida pode se manifestar de diferentes formas.

Para Samulski (2002), a torcida influencia o comportamento dos jogadores, sendo esta uma variável significativa para o aparecimento de comportamentos agressivos no esporte.

Rúbio (2000) considera que a torcida pode influenciar os atletas, acrescentando que a atenção e concentração destes jogadores podem também sofrer a influência da torcida.

Em relação aos adversários, estudos apontaram (Poulter, 2009; Sarmiento, et. al., 2014; Lago, 2009; Folgado et. al., 2014) que fatores situacionais como o local do jogo e o nível do adversário incidem na performance das equipes durante a competição. Especificamente, espera-se que o nível de rendimento do adversário seja suficiente para alterar o perfil da posse de bola e o comportamento tático coletivo durante o jogo formal.

Folgado et. al. (2014) observaram uma redução nas condições físicas de equipes de futebol durante o jogo formal quando o nível de rendimento dos adversários era inferior. Sendo assim, corroborando com Folgado et. al (2014), Davids et. al. (2013) e Vilar et. al (2014) concluíram que as relações interpessoais estabelecida pelos jogadores no contexto do jogo dependam tanto das capacidades (táticas, físicas, técnicas e fisiológicas) dos atletas quanto das interações cooperação e oposição entre as equipes.

Desta forma, respostas relativas às demandas tática e física de determinadas equipes poderão ser diferentes na dependência da equipe adversária (Praça, et. al., 2016).

2.5- Aspectos financeiros na vida do atleta

O aspecto financeiro na vida do atleta certamente será um dos fatores que mais interferem tanto na iniciação ao esporte quanto no processo de desenvolvimento e no alto rendimento.

Brandão (2004) afirma que é grande a expectativa dos jogadores de alto nível de se tornarem atletas de sucesso nacional e internacional, já que essa conquista mobiliza a atenção de investimentos financeiros e tem um enorme espaço na mídia. Nesse contexto, os atletas profissionais ganham, como consequência, grandes vantagens econômicas, notoriedade e, de fato, prestígio. Mas, isso depende de cada fase que o atleta se encontra.

Cada fase requer exigências específicas e ajustamentos nas esferas da vida ocupacional, social, psicológica do atleta e, principalmente, financeira; sendo necessário sempre o esforço pessoal de cada atleta para a adaptação à nova fase (Agresta, et. al., 2008).

Conforme Côrrea et. al. (2002), o fato dos atletas deixarem de serem pessoas comuns para se tornarem públicas, vivenciando riqueza e estrelato, pode provocar fortes influências em suas personalidades. Os craques podem ter problemas em suas vidas devido à fama, dinheiro e ao luxo em que vivem e isso pode alterar a performance do atleta em campo.

Segundo Aquilina (2013), são poucos os atletas de alto rendimento recompensados financeiramente e que conseguem reverter suas experiências esportivas pregressas em ocupações no mercado do esporte.

Por conta disso, preocupados com a possibilidade de irem para outra carreira além do futebol (Damo, 2005), uma das problemáticas sobre a carreira esportiva que

tem tido atenção no cenário de pesquisas brasileiras é a conciliação entre estudo e formação esportiva, em especial nas categorias de base (Marques; Samulski; 2009; Melo et. al., 2014). Isso porque muito dos atletas precisam trabalhar por fora, por questão financeira, e tentar conciliar com seu treinamento diário no futebol.

Conforme Moraes e Salmela (2003), além de anos de treinamento, apoio dos pais e alto grau de motivação para a prática esportiva, se faz necessário uma infraestrutura para o desenvolvimento dos atletas. Tal infraestrutura pode ser dividida em: recursos humanos, como: a presença de treinadores, auxiliar técnico, fisioterapeuta, médico e profissional da área de psicologia do esporte; recursos materiais como: instalações esportivas, espaço para o treinamento e material esportivo e recursos financeiros como: salário, bolsa de estudo e vale-transporte fornecidos aos atletas.

O estudo de Damo (2008) fala sobre dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. O autor aborda várias questões envolvendo dinheiro no esporte. Primeiro, diz que em um cenário futebolístico em que o dinheiro tem cada vez mais importância na mediação de contrato entre clubes e jogadores, enquanto os afetos continuam sendo a base do contrato entre clubes e torcedores, a circulação dos profissionais e seu duplo estatuto, de pessoa e mercadoria, é continuamente tensionada. Quando um jogador encerra seu contrato legal com o clube e decide negociar no mercado sua força de trabalho, como é legítimo para qualquer trabalhador, o amor e dinheiro mostram-se, neste caso, uma mistura explosiva.

Achei muito interessante esse parágrafo, porque de fato, isso acontece muito no esporte como um todo, e constantemente vemos na televisão atletas que amam muito o time e a sua torcida, e posteriormente é vendido para outro clube, automaticamente esse amor também é transferido. Ou seja, nos faz refletir sobre a relação dinheiro/amor envolvido no esporte. Será que os atletas jogam por amor ao seu time ou por amor ao

dinheiro que recebem? Gera a dúvida na gente! Sei que esse não é o momento de expressar sobre opiniões, nem contar acontecimentos, porque o texto é formal, mas queria abrir aqui um espaço para citar o meu pai.

Meu pai era atleta profissional, jogador que foi disputado por vários times de futebol. Infelizmente, teve que largar o esporte por questão financeira, porque tinha muitos filhos para criar e naquela época não conseguiria viver do esporte. Abandonou e seguiu a vida como servidor público. E ele dizia: *“Hoje em dia ninguém joga futebol mais por amor a camisa e sim por dinheiro... na minha época todos jogavam porque amavam muito o time do coração”*. Lembro muito disso e peço desculpas por colocar isso em um texto formal de doutorado.

Outra questão levantada por Damos (2008) foi sobre os frequentes casos de futebolistas que gastaram toda a fortuna que receberam no futebol. E colocou que talvez eles não tenham estrutura para gerir suas carreiras, não sabem o valor do dinheiro e coisas do gênero.

E destacou que muitos boleiros têm dificuldade de reter seus ganhos em razão de duas forças convergentes que atuam sobre eles: certo modelo idealizado de bondade dos ricos, muito frequente entre os grupos populares, segundo o qual o bom rico é o que distribui a riqueza, e não o que acumula indefinidamente, como sugere a ética capitalista puritana (Veyne, 1976 citado por Damos, 2008); e um conjunto de representações acerca do dom, presentes no próprio meio futebolístico, segundo as quais o dinheiro que é produto do dom (como sinônimo de talento e dádiva) é propenso à redistribuição, porque o dom não pertence ao sujeito (Damos, 2008).

De acordo com Assis (2021), o futebol é um dos poucos casos onde o reconhecimento nas demonstrações contábeis do capital humano encontra respaldo para alocação no Intangível, com as transações entre os participantes do mercado servindo de

balizador e fonte de informações monetárias para valorar os ativos trocados, no caso, atletas profissionais.

Ainda que o as normas permitam somente o registro do ativo intangível adquirido de terceiros, os altos valores envolvidos nas negociações e o fato de os jogadores constituírem na maior parte das vezes o principal ativo das organizações, colocam os clubes profissionais em posição privilegiada para a discussão acerca do Intangível e seus variados campos de discussão (Morrow, 2006; Gazzola & Amelio, 2016).

Desta forma, Nadson et. al. (2020) citam que a aproximação do esporte à economia de mercado aponta uma visceral e orgânica vinculação entre o esporte e o modo de produção capitalista. Fato que ocorre pela via da mercadorização da performance esportiva, que tem sido produzida enquanto um produto, um artigo ou uma mercadoria.

Tais considerações indicam o movimento de sujeição do esporte ao modo de produção capitalista, ou, em outros termos, de produção de mercadorias, de valores de troca. Isso ocorre uma vez que o processo de produção do esporte, ao produzir determinadas mercadorias, como marcas, recordes, competências, esportistas, espetáculos, por meio do trabalho assalariado, com o fim de realizar ganhos e valorizar o capital acaba por incluir o esporte no circuito de valorização do capital (Nadson, et. al., 2020).

2.6- Cobranças internas, externas, físicas e psicológicas que podem levar ao abandono da prática esportista

Começo este tópico citando uma publicação nossa sobre exigências e cobranças na vida dos atletas (Oliveira & Pedroza, 2021, p. 241):

Um heroísmo que requer dedicação e treinamento acima dos limites desses atletas; dor constante; obrigação em vencer a qualquer custo; estresses e sobrecargas diárias; tudo isso e outros aspectos podem levá-los ao afastamento do esporte que antes era um sonho na vida desse atleta; uma brincadeira; um momento de lazer e de práticas corporais saudáveis.

Essa citação anterior mostra que uma cobrança em cima do atleta, seja por parte do treinador, dos colegas de profissão, da família ou até da torcida, pode gerar sofrimento e outros aspectos que vão afetar de forma indireta e direta a vida dele, como por exemplo, a relação atleta/técnico. No caso de atletas, embora a relação atleta/técnico seja importante, não é o elemento fundamental do contexto esportivo, mas pode interferir de forma direta ou indireta na vida do atleta.

Para atletas, a exaustão profissional pode ser decorrente das demandas do treinamento e das competições (cobranças), e pode estar associada à percepção de baixo desempenho profissional em termos de habilidades e rendimento esportivo (Raedeke, 1997, Verardi, et. al., 2012).

A exaustão profissional em atletas apresenta três importantes aspectos: 1º relato de esgotamento emocional e físico, decorrente das demandas excessivas impostas por

treinos e competições; 2º reduzido senso de autorrealização, com a percepção de que os objetivos são inatingíveis e 3º desvalorização e desinteresse pelo esporte (Gustafsson, Hassmén, Kentta & Johansson, 2008; Lemyre et al., 2008).

Algumas variáveis são associadas ao aparecimento da exaustão profissional no contexto esportivo e incluem o estilo do treinador, as altas demandas competitivas, as estratégias de enfrentamento, o estilo de vida externo, monotonia do treinamento e escassez de reforços positivos. Considerando tais variáveis, pesquisadores (Garcés de Los Fayos & Vives Benedicto, 2002; Orlick, 2000) têm sugerido programas de prevenção e intervenção no contexto esportivo, focando em aspectos de como estruturar de maneira mais racional o trabalho desportivo, planificar períodos de prática mental e treinamento psicológico, modificar a estrutura social do esporte competitivo e aumentar a idade mínima exigida para a prática esportiva e competitiva.

Ambientes precários de infraestrutura e condições de treinamento inadequadas acabam por potencializar o estresse crônico (Fletcher & Scott, 2010).

A exaustão física e emocional está associada às intensas demandas dos treinos e competições (Raedeke & Smith, 2001). Tais demandas advindas da rotina atlética interferem no bem-estar físico, psicológico e social. Portanto, reações como ansiedade, tensão e estresse, além de cansaço físico e psicológico, representam essa dimensão.

Uma cobrança externa que interfere diretamente na vida do atleta é a relação com seu treinador. Sarrazin et al. (2002) indicam que 50% de jogadoras francesas de handebol abandonam este esporte entre os 13 e 15 anos de idade, considerando esta etapa como crítica para o desenvolvimento do esporte. Mencionam também que fatores como os treinadores são determinantes no processo de motivação e, conseqüentemente, do abandono. O treinador possui importantíssimas funções no esporte, ainda mais para

atletas jovens, pois é o principal responsável pelo desenvolvimento dos treinamentos, do bom ambiente no grupo, reconhecimento e avaliação do rendimento.

Outros fatores que geram cobrança na vida dos atletas e que podem ser um dos principais motivos do abandono da prática esportiva foram os estudos, a falta de tempo para amigos, namoro, lazer, outros interesses fora do esporte, a monotonia dos treinos, problemas com o treinador, lesões, problemas de saúde, falta de resultados, pouca participação e a desmotivação; apontando assim uma multiplicidade dos motivos para o abandono (Gould et al., 1982; Gould e Horn, 1984; Butcher, Lindner e Johns, 2002 e Cruz, 1997). Já Benevides-Pereira (2002) e Silva (2006) citam como principal motivo de cobrança externa que pode gerar o abandono da prática esportiva, a excessiva ênfase na competição.

O artigo de Bara Filho e Guillén Garcia (2008) teve por objetivo avaliar os motivos do abandono no esporte em jovens com idades compreendidas entre os 10 e 20 anos, comparando modalidades esportivas, gênero e faixas etárias. Os resultados apontaram os principais motivos do abandono indicados pelos ex-atletas: houve um total de 30 motivos distintos para o abandono do esporte praticado, mas os autores apresentaram somente parte deles, pois alguns motivos tiveram uma frequência pouco relevante. A frequência e o percentual mostram que os estudos foram o principal motivo do abandono em 34% dos atletas. Um total de 17,5% abandona por falta de tempo para amigos/ namoro/ lazer; 16% por outros interesses fora do esporte; 13,6% por monotonia dos treinos, problemas com o treinador e lesões/ problemas de saúde; 12,3% por falta de resultados/ pouca participação nas competições e, inclusive, 11,1% se referem a desmotivação. O esgotamento, a falta de companheirismo, o excessivo tempo de dedicação, mau condicionamento, decisão dos pais e distância de casa ao treinamento também são causas importantes do abandono no esporte. Observou-se uma grande

variedade de motivos com distintas origens. Os autores sugeriram para futuras pesquisas que seja feita uma análise mais detalhada, comparando os motivos entre diferentes subgrupos- sexo, modalidade esportiva e faixa etária.

O longo processo de seleção pelo qual os atletas passam é extremamente conflituoso e, muitas vezes, envolve uma série de obstáculos como a separação da família e do seu meio social (amigos), a dificuldade de continuação dos estudos, o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições e a incerteza quanto à continuidade de sua carreira esportiva (Alfermann & Stambulova, 2007).

Outro aspecto que gera cobrança física e psicológica constante na vida do atleta é a obrigação em vencer. Conforme Rubio (2006), nem toda preparação física ou mental, a partir de treinamentos extenuantes, nem a utilização de conhecimentos científicos, muito menos o uso de substâncias ilícitas, dão a certeza ao atleta da garantia da vitória. E destaca que a força de expressão “saber perder” é uma das características que se atribui ao estilo esportivo do atleta. E coloca que a derrota pode levar o atleta a desenvolver dois tipos de condutas: ou provoca o abandono da vida competitiva ou produz um fortalecimento de atitude.

No próximo capítulo, falaremos um pouco sobre o ex-atleta e sua vida pós esporte, algo muito citado por todos os entrevistados como um fator de medo e ansiedade.

CAPÍTULO 3: O EX-ATLETA E A VIDA PÓS-ESPORTE

Este tópico foi incluído na tese pelo fato dos atletas já se preocuparem com o futuro deles pós-esporte, algo que foi relatado por todos os entrevistados desta pesquisa; sendo considerado então um aspecto que pode afetar diretamente a vida de cada um dos atletas de alto rendimento.

Normalmente, a criança ou adolescente, ao iniciar a prática de um esporte não tem consciência ou se organiza para se tornar um atleta profissional. Geralmente, buscam o esporte para manutenção da saúde, estética corporal ou até lazer; sem intuito de ser profissional em uma modalidade esportiva. Alguns vão se destacando dos demais em uma determinada prática esportiva; acabam se envolvendo cada vez mais em uma modalidade específica e com isso, vão sendo apoiados, recebem investimentos financeiros e apoio afetivo. Quando isso ocorre, o atleta passa a ter uma carreira esportiva de forma profissional (Maciel & Moraes, 2008).

Segundo Stambulova (1994), a carreira esportiva estaria relacionada à multiplicidade de atividades esportivas do indivíduo que pretende se aperfeiçoar e ser reconhecido no esporte. A carreira, no esporte em geral, pode ser definida como o desenvolvimento do praticante como atleta, até o alto rendimento, objetivando o alcance de resultados específicos e definidos (Tenenbaum & Eklund, 2007).

O esporte profissional é aquele que além de demandar grande dedicação e envolvimento dos atletas, traz também o provimento deles, por meios de salários pagos e de contratos com clubes que ele representa (Maciel, Cappelle & Campos, 2015). Para os atletas de alto rendimento, o esporte é a energia que move a vida e o marco de sua identidade (Brandão et. al, 2001). Entretanto, após anos de dedicação, por razões diversas, defronta-se com o processo final da carreira do esporte. É quando se

conscientizam que não foram preparados para enfrentar a vida pós-esporte. A aposentadoria, nesse caso, pode gerar uma situação de estresse e de crise de identidade (Agresta, Brandão & Neto, 2008).

O atleta que tem a intenção de desenvolver uma carreira no esporte, muitas das vezes nem pensa em como planejar esse desenvolvimento e encerramento da sua carreira (Sgobi, 2012). Infelizmente, muitos dos atletas se afastam do esporte de alto rendimento devido à aposentadoria ou se aposentam até mais cedo que o previsto. Para Veloso e Dutra (2010), a transição de carreira ocorre quando o atleta efetua uma mudança que implica em assumir uma nova identidade profissional. No caso de atletas, mudam a carreira de alto rendimento para uma nova carreira após a aposentadoria. Essa identidade profissional sofre constantes influências pessoais, externas e internas (Maciel, Cappelle & Campos, 2015); e é marcada pela ambiguidade (Dias & Soares, 2009). Isso porque, o atleta pode encarar o afastamento do esporte como algo de grande oportunidade profissional; pode resultar em mudanças positivas ou negativas, em mudanças familiares e individuais; o que pode gerar impactos marcantes e diferentes em cada pessoa. Principalmente, se esse atleta foi obrigado a se aposentar mais cedo, em uma determinada modalidade esportiva, em função de derrotas, lesões, idade ou patologias.

A transição na carreira é algo inevitável e natural do processo de desenvolvimento de uma carreira e abrange uma série de situações na vida ocupacional, financeira, psicológica e social (Martini, 2012). A transição de carreira pode ser definida, segundo Schlossberg (1981) como um evento ou não evento no qual resulta em uma troca nas suposições sobre si mesmo e o mundo que o cerca e assim requer uma mudança correspondente nos relacionamentos e comportamentos próprios dos indivíduos.

Conforme Martini (2012), as causas de transição de carreira podem ser voluntárias e involuntárias. A transição voluntária é quando o atleta se afasta do esporte conforme ele havia planejado ou estruturado; resultando assim de livre escolha, diminuição gradativa das habilidades físicas ou falta de oportunidades competitivas. O término de carreira involuntária acontece de maneira inesperada devido a questões que estão fora do controle do atleta; como por exemplo: lesão, desengajamento com o time ou esporte praticado; e o tempo cronológico da duração do atleta no esporte; pois a idade avançada pode impedir o atleta de competir em alto rendimento.

Para Brandão et al. (2000), as causas involuntárias, que são as mais inesperadas, como por exemplo, a ocorrência de lesões, são as que mais resultam em alterações emocionais. As lesões podem prejudicar os jovens atletas na progressão de aprendizagem e aperfeiçoamento esportivo. Já o profissional adulto pode perder espaço na equipe envolvida ou até ter diminuição do seu sucesso profissional. Talvez, dependendo da lesão, o atleta pode comprometer toda a sua carreira (Markunas, 2010).

Para Mendelsohn (1999), a grande maioria dos atletas não aposenta por conta própria e põe fim à sua carreira; mas se aposentam ou são retirados do esporte de maneira abrupta.

Roffé (2000) também destaca duas situações diferentes que norteiam a aposentadoria do atleta: primeiramente, quando o atleta se aposenta de forma voluntária devido a várias razões (declínio do rendimento, lesão grave, cumprimento de objetivos, não está bem psicologicamente e se encontra desgastado com o esporte). Segundo, quando o esporte afasta o atleta (aposenta involuntariamente) porque não tem mais o mesmo rendimento; não tem mais condições de jogar pelo clube ou representar uma seleção. Isso pode resultar em sofrimento e decepção, levando o mesmo à aposentadoria.

Uma solução para a fase de transição de carreira voluntária ou involuntária seria buscar fontes de identificação em outras esferas na vida, como por exemplo, buscar outra profissão ou atividade, fazer um curso superior em educação física etc. Essa questão é indispensável para manutenção do equilíbrio pessoal durante e após o final da carreira esportiva (Maciel, Cappelle & Campos, 2015).

O atleta pode enfrentar situações esperadas e inesperadas na transição de carreira. Se ele tiver habilidades em lidar com essas situações, tiver identidade no esporte, como também apoio do meio esportivo, essa transição pode se tornar mais fácil para ele (Martini, 2012).

O encerramento da carreira, normalmente, não acontece de repente. Os estudos a respeito surgiram há cerca de vinte anos, isso porque os atletas praticavam outras atividades consideradas profissionais e não estavam tão expostos à mídia. A falta de preparo para lidar com essa transição da carreira esportiva, pode levar atletas a apresentarem baixas de motivação e encorajamento limitado para considerar o fim de suas carreiras (Martini, 2012).

De acordo com Martini (2003) existem três causas que levam o atleta ao encerramento da carreira: o primeiro seria o *Dropout*, considerado desistência do esporte antes que se alcance o seu potencial máximo. O segundo seria o *Atrition*, considerado um lento processo de exaustão física e psicológica. E a terceira causa seria o *Burnout*, considerado sentimento de exaustão emocional que leva o atleta à falta de habilidade em continuar o esporte. Causas essas que podem resultar em desistência do atleta com a sua profissão; gerando abandono das atividades profissionais.

Como a Síndrome de *Burnout* pode ser considerada uma das causas para o encerramento da carreira esportiva, seguiremos no próximo capítulo com os conceitos, o histórico e estudos sobre *Burnout* no esporte de alto rendimento.

CAPÍTULO 4: A SÍNDROME DE *BURNOUT*

4.1- Conceitos da Síndrome de *Burnout*

O termo *burnout* vem da junção de *burn* e *out*, que significa na língua inglesa queimar ou arder e fora. Portanto, o significado literal em português é queimar para fora. Porém, a tradução fica melhor com a palavra esgotamento (Michaelis, 1989).

O conceito de *Burnout* surgiu nos Estados Unidos em meados dos anos de 1970, para explicar o processo de deterioração nos cuidados e atenção profissional nos trabalhadores de organizações (Nunes, 2008).

O primeiro autor a falar e descrever o conceito de *Burnout* foi Freudenberger no ano de 1974. Freudenberger definiu o *Burnout* como um sentimento de fracasso, esgotamento e exaustão diante de excessivas demandas energéticas (Maslack & Jackson, 1981).

Maslack e Jackson no ano de 1981 conceituaram o *Burnout* como uma síndrome tridimensional que atingia os trabalhadores, caracterizada por esgotamento emocional, despersonalização e reduzida realização pessoal. Maslack e Jackson ampliaram as investigações a outros âmbitos da atividade humana, incluindo o esporte.

Apesar de Freudenberger ser considerado o precursor na literatura científica sobre *Burnout*, coube a Maslach e Jackson (1981) o papel de protagonistas nos primeiros estudos, conceituando-o como uma síndrome de exaustão emocional.

As autoras elaboraram um postulado específico da síndrome, bem como validaram um instrumento de mensuração denominado *Maslach Burnout Inventory* (MBI). Após a análise fatorial, foram encontradas três dimensões que explicam o *Burnout*: exaustão emocional, despersonalização e realização pessoal. A exaustão

emocional foi definida como situação em que os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmos em nível afetivo. Percebem esgotamento da energia e dos recursos emocionais próprios, devido ao contato diário com os seus problemas. A despersonalização foi considerada desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativos e de cinismo às pessoas destinatárias do trabalho ou endurecimento afetivo. Já a falta de envolvimento pessoal no trabalho foi considerada tendência de uma evolução negativa nesse ambiente, afetando a habilidade para realização das atividades profissionais, ou o contato com as pessoas usuárias do trabalho (Maslach & Jackson, 1981).

Inicialmente, a Síndrome de *Burnout* (SB) foi estudada em profissões responsáveis pela atribuição de benefícios e bem-estar aos seus clientes ou pacientes, como é o caso dos médicos, professores, assistentes sociais e advogados.

Diversos são os conceitos sobre *Burnout* na literatura nacional e internacional, conceitos estes que se diferenciam dependendo do autor (que será abordado na fundamentação teórica da pesquisa), mas na análise de todos esses conceitos, existe um consenso de que seria uma síndrome devido à resposta ao estresse diário (Codo & Vasques-Menezes, 1999) e à sobrecarga imposta à pessoa. Ao longo dos anos, essa síndrome tem se estabelecido como uma resposta ao estresse laboral crônico integrado por atitudes e sentimentos negativos (Nunes, 2008).

Apesar de alguns atletas no âmbito do esporte de alto rendimento poder desenvolver essa síndrome, existem ainda poucos materiais na literatura que relacione a SB ao abandono do atleta ao esporte praticante ou a derrotas e frustrações. Infelizmente, existe uma lacuna ou déficit na literatura sobre esse tema relacionando-o ao esporte de alto rendimento ou no meio esportivo, principalmente na língua portuguesa (Gustafsson, Kenttä, Hassmén & Lundqvist, 2007).

A maioria dos estudos envolvendo atletas investigou somente uma variável da psicologia (o estresse), principalmente em situações competitivas (De Rose Jr., 2002), com esportes coletivos tradicionais ou analisaram atletas de diferentes modalidades esportivas em um único estudo, sem diferenciação por tipo de esporte (Dias, Cruz & Fonseca, 2009).

Alguns autores correlacionam o termo *Burnout* com *stress*, mas são termos diferentes. No início do século XVII, *stress* significava fadiga, cansaço e dois séculos depois passou a ter relação com o conceito de força, tensão e esforço (Benevides-Pereira, 2002). O médico Hans Selye, nas décadas de 20 e 30 no século passado, aplicou o termo *stress* pela primeira vez na área da saúde e definiu como desgaste geral do organismo (Miranda, 1998).

O *stress* é desgaste provocado por alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se vê obrigada a enfrentar uma situação amedrontante e irritante. Qualquer situação que gere uma emoção forte, boa, má ou de mudança é considerado agente estressor, uma fonte de *stress* (Lipp, et. al, 1994). Já o *Burnout* é considerado uma resposta do organismo a um estresse crônico e prolongado, instalado em situações de enfrentamento que não foram utilizadas, falharam ou não foram suficientes (Miranda, 1998). Então são dois termos, que apesar da literatura correlacionar, são distintos.

No esporte, o *Burnout* pode ser definido como uma síndrome psicossocial que envolve aspectos de exaustão emocional e física, desvalorização esportiva e reduzido senso de realização em relação à tarefa (Lazarus, 2000; Gustafsson, et. al., 2008).

Para Chiminazzo e Montagner (2009), as implicações da síndrome no treinamento esportivo apontam que a queda no rendimento do atleta pode ser um sintoma de *Burnout*. Pires et al. (2012) destacam que, os atletas de modalidades

individuais, especialmente tênis, natação e ginástica artística apresentam maior possibilidade de desenvolver o *Burnout* em relação aos competidores de modalidades coletivas.

Todavia, o papel exato das relações entre o envolvimento em modalidades esportivas e as manifestações do *Burnout*, ainda não estão totalmente esclarecidas (Goodger, et. al., 2007).

Recentemente, Pires et. al. (2012), em um estudo de revisão sistemática, descreveram que a literatura nacional ainda apresenta escassez de estudos comparativos que investiguem possíveis diferenças relacionadas ao tipo de esporte (atletas de esportes coletivos *vs* individuais), ao gênero (atletas homens *vs* mulheres) e ao nível de excelência esportiva (atletas *experts vs* iniciantes).

De acordo com Trigo, Teng e Hallak (2007), no Brasil, o Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999, na época, tinha aprovado o Regulamento da Previdência Social e, em seu Anexo II, trata dos Agentes Patogênicos causadores de Doenças Profissionais. No item XII da tabela de Transtornos Mentais e do Comportamento relacionados com o trabalho, a Síndrome recebeu a denominação de Sensação de Estar Acabado ou Síndrome de *Burn-Out* ou Síndrome do Esgotamento Profissional e recebeu o código QD85. Essa lista é organizada segundo grupos de patologias ou processos mórbidos da Classificação Internacional das Doenças e consta da décima revisão, aprovada pela Portaria/MS nº 1.339/1999.

As doenças são organizadas em um sistema de dupla entrada, por doença e por agentes etiológicos ou por fator de risco de natureza ocupacional. A Síndrome de *Burnout* está inserida no Grupo V, nos Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionado ao Trabalho.

Atualmente, a classificação estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11), pronta no ano de 2019, após aprovação na 72ª Assembleia Mundial da Organização Mundial da Saúde (OMS), foi aprovada pelos estados membros para que entrasse em vigor no dia 1º de Janeiro de 2022. A classificação estabelece uma linguagem comum que facilita o intercâmbio de informações entre os profissionais da área da saúde ao redor do mundo.

Na CID-11 foi revisada a definição da Síndrome de *Burnout* ou esgotamento profissional, e entrou para lista de problemas associados ao emprego ou à falta dele. O problema foi descrito pela OMS como uma síndrome resultante de estresse crônico no trabalho que não foi administrado com êxito e que se caracteriza por três aspectos: sensação de esgotamento, cinismo ou sentimentos negativos relacionados a seu trabalho e eficácia profissional reduzida.

A nova classificação já entrou em vigor e já é considerada uma sinalização positiva por aqueles que lidam com situações envolvendo o problema do mercado de trabalho. No caso de atletas de alto rendimento, como podem ser considerados profissionais da área esportiva, essa resolução seria positiva também para sua atuação profissional.

4.2- Histórico da Síndrome de *Burnout*

Os primeiros estudos sobre *Burnout* foram realizados a partir das experiências pessoais, estudos de casos, estudos exploratórios, observações, entrevistas ou narrativas baseadas em programas e populações específicas (Maslach e Leiter, 1999). O *Burnout*

surgiu primeiro como uma preocupação social e depois se tornou um constructo estudado pelos acadêmicos (Maslach, 1993).

A Síndrome de *Burnout* teve sua evolução descrita em duas fases: uma fase pioneira e a outra empírica. A primeira fase, pioneira, refere-se ao período de 1970, que teve um caráter de conhecimento, exploração e também de mapeamento do fenômeno, com estudos relacionados ao ambiente de trabalho (Maslach e Schaufeli, 2001). Nessa fase surgiram conceitos desenvolvidos por pessoas da prática e não por acadêmicos, o que provocou uma confusão ao termo, com vários conceitos próprios (Maslach, 1982).

A segunda fase, a empírica, nos anos de 1980, surgiu uma enorme quantidade de modelos teóricos e de estudos empíricos sobre o fenômeno. Essa fase foi subdividida em duas. A primeira, na década de 80, marcada por criação e utilização de instrumentos para diagnosticar a Síndrome de *Burnout* e foi criado questionário, por Maslach e Jackson, o *Maslach Burnout Inventory* (MBI), para identificação dos sintomas da síndrome.

A segunda parte da fase empírica começou na década de 1990 e vai até os dias atuais. Tem como marca o aparecimento de novos conceitos e abordagens para a Síndrome de *Burnout*, além da ampliação da quantidade de profissões que ainda não tinham sido inseridas nos estudos sobre o tema. Tiveram início com profissionais de serviços da saúde que tinham contato direto e constante com vários tipos de pessoas (Carlotto e Gobbi, 1999). Atualmente, diversos estudos têm sido realizados com vários tipos de populações: médicos, enfermeiros, policiais, religiosos, psicólogos, treinadores, árbitros e recentemente com atletas (Pines e Aronson, 1988; Benevides-Pereira, 2002).

O termo *Burnout* passou a ser utilizado no início da década de 1970, quando o médico Herbert Freudenberg fazia atendimento em uma comunidade de usuários de drogas em Nova York. Os usuários de drogas eram chamados de *Burnout* por só darem

importância às drogas, sem se interessar em outros assuntos. Freudenberg, no ano de 1974, escreveu um artigo intitulado em *Staff Burn-out*, para a Revista de Psicologia e utilizou o termo pela primeira vez com a intenção de alertar a comunidade científica para os problemas que os profissionais da área da saúde estão expostos em função do trabalho (Benevides-Pereira, 2002).

A partir dessa data, estudos sobre esse tema começaram a multiplicar e se propagar. Essa propagação também se deve à professora de Psicologia da Califórnia, Christina Maslach, que junto com a psicóloga Susan Jackson desenvolveram em 1981 um instrumento com objetivo de verificar os sentimentos pessoais e atitudes de enfermeiros em seu trabalho e da relação com os seus pacientes.

O instrumento MBI desenvolvido pelas psicólogas Maslach e Jackson é um questionário constituído por 22 itens a serem respondidos em uma escala de pontuações que variam de 0 a 6, em que 0 significa nunca e 6 todos os dias. Tenta-se, com essas pontuações, caracterizar três dimensões: Exaustão emocional (EE), Despersonalização (DE) e Realização Profissional (RP). Cada uma dessas dimensões recebe pontuações para itens individuais pertencentes a cada uma das três subescalas separadas. Como resultado, considera-se que uma pessoa em *Burnout* apresente altas pontuações em EE e DE, junto com baixos valores em RP.

O instrumento MBI foi traduzido e adaptado a vários países, com intuito de estudarem o fenômeno *Burnout*. O interesse pela temática foi tão grande que de 1975 a 1980, o número de trabalhos publicados passaram de cinco para 300 no final da década de 80.

Podem ser encontrados vários trabalhos científicos utilizando termos diferentes para fazer referência à síndrome, como por exemplo, Estresse Laboral, Estresse

Ocupacional, Estresse Profissional, Neurose profissional e Síndrome de Queimar-se pelo trabalho.

França em 1987 colocou que o *Burnout* era um processo gradativo, cumulativo e progressivo. Em 1993, Maslach e Schaufeli verificaram que *Burnout* acometia as pessoas que eram altamente motivadas e dedicadas. Nesses profissionais acabavam ocorrendo uma queda de performance que influenciava na qualidade dos serviços prestados.

Codo e Vasquez-Menezes (1999) destacaram que o *Burnout* era uma síndrome da desistência, isso porque o indivíduo deixava de investir no trabalho e nas relações afetivas. Os autores colocaram essa metáfora para significar aquilo ou aquele que chegou ao seu limite e por falta de energia não tem mais condições de desempenhar as atividades tanto físicas quanto mentais (Benevides-Pereira, 2002). Rudow (1999), na época, destacou que o *Burnout* era um processo que pode evoluir por anos ou décadas.

Em 2001, Maslach, Schaufeli e Leiter destacaram os cinco elementos em comum entre as várias definições de *Burnout*, e são elas: predominância de sintomas relacionados à exaustão emocional, mental, fadiga e depressão; sintomas relacionados ao trabalho; ênfase nos sintomas comportamentais e mentais e não nos físicos; manifesta-se geralmente em pessoas que não sofriam distúrbios psicológicos; e apresentam atitudes e comportamentos negativos que levam a diminuição da afetividade e do desempenho no trabalho.

Em 2002, Benevides-Pereira definiu a Síndrome de *Burnout*, pela concepção clínica, como um conjunto de sintomas: fadiga física e mental, falta de entusiasmo pelo trabalho e pela vida, sentimento de impotência, inutilidade e baixa autoestima que podem fazer com que as pessoas tenham depressão e até cheguem ao suicídio.

Partindo dos conceitos de *Burnout*, diversos estudos têm apresentado variáveis responsáveis pelo desencadeamento da Síndrome de *Burnout* (Urdaniz, 1997, Maslach, Schaufeli e Leiter, 2001, Schaufeli, 1999, Carlotto, 2001, Benevides-Pereira, 2002), são elas: características pessoais (exemplo: idade, filhos, sexo, nível educacional, personalidade, estado civil, nível educacional, motivação) e características do trabalho (exemplo: tipo de ocupação, tempo de profissão).

4.3- Modelos teóricos e concepções para a Síndrome de *Burnout*

A Síndrome de *Burnout* tem se tornado cada dia mais tema de estudos pelo fato de afetar vários segmentos profissionais e por causar danos à saúde física e psicológica do ser humano. Surgem então vários modelos teóricos e concepções para explicar como se desenvolve e se manifesta a Síndrome de *Burnout* na população. São estes os modelos teóricos: Modelo Multidimensional de Maslach; Modelo por fases; Modelo Desenvolvimental de Leiter; Modelo existencial de Pines; Modelo Processual de Cherniss; Modelo expandido de Meier; Modelo Ecológico de Carrol e White; Modelo Integrado de Perlman e Hartman.

O Modelo multidimensional de Maslach se baseia em dois conceitos, o do comprometimento interessado que se refere à forma ideal de combinar humanitarismo com a distância emocional e a autodefesa por desumanização, desta forma, o *Burnout* se torna uma síndrome de exaustão emocional e cinismo que geralmente ocorre em pessoas que desenvolvem trabalho com indivíduos de algum tipo (Maslach, 1993; Maslach & Jackson, 1981). De acordo com Silverio (1995), o ponto principal da síndrome são os sentimentos crescentes de exaustão emocional, seguidos por desenvolvimento de

atitudes negativas e clínicas e de uma tendência para avaliar a si próprio de maneira negativa. Maslach (2003) explicita que a exaustão emocional é dada a partir da gama de sentimentos de esgotamento emocional no trabalho, devido à presença de sobrecarga no trabalho e de conflitos sociais; a despersonalização e o cinismo são reações negativas ou excessivas com as pessoas presentes no trabalho ou que fazem parte dele, devido à presença de sobrecarga no trabalho e de conflitos sociais; já a falta de realização no trabalho se refere às sensações de ineficácia/frustração relacionadas ao trabalho realizado. O modelo leva em consideração três dimensões que indicam menor ou maior incidência de *Burnout* no comportamento do trabalhador, a saber: a exaustão emocional (sentimentos de esgotamento emocional no trabalho), a existência de despersonalização ou cinismo (relacionamentos negativos com as pessoas no trabalho) e a falta de realização no trabalho (sensações de ineficácia e frustração) (Souza, Helal & Paiva, 2017).

O Modelo por fases defende que a despersonalização é a primeira a ser vivenciada, uma vez que certo grau de separação profissional é muitas vezes funcional no contato com outros indivíduos. À medida que a despersonalização se aprofunda, as exigências ultrapassam as competências de se lidar com a situação, conduzindo a uma exaustão emocional (Silverio 1995). Por isso este modelo se chama “por fases” porque a pessoa que está sofrendo a Síndrome de *Burnout* passa primeiro pela despersonalização para depois encaminhar para uma exaustão emocional.

O modelo desenvolvimental de Leiter defende um modelo misto, ao mesmo tempo é sequencial e paralelo. Esse modelo continuará sequencial porque defende que a exaustão emocional apareceria em consequência de um meio ambiente extremamente exigente, e à medida que aumentaria a exigência, apareceria também a despersonalização como forma de se lidar com a exaustão e paralelamente a este

processo desenvolveria a falta de realização pessoal, que é provocada pelo local de trabalho (Leiter, 1993; Silverio, 1995).

O modelo existencial de Pines defende que a principal causa da Síndrome de Burnout é a necessidade de acreditar que a vida tem sentido, que as coisas que fazemos são consequências, e que somos úteis e importantes (Pines, 1993). A característica que diferencia o *Burnout* de outros conceitos, como estresse e alienação no trabalho, fadiga e crise existencial é aquele que sempre é o resultado de um processo gradual de desilusão na busca de um significado existencial através do trabalho. Pines (1993) afirma que o modelo não é estático, e o indivíduo pode passar de um polo para outro e mesmo quando o ciclo de *Burnout* se instala, pode ser interrompido em vários pontos.

O modelo Processual de Cherniss coloca que o *Burnout* é um processo que se desenvolve com o decorrer do tempo e que representa uma forma de adaptação ao estresse (Cherniss, 1993). Esse modelo destaca que o trabalhador tem uma sensação de fracasso e tende a ter prejuízo no trabalho, podendo chegar a largar ou abandonar o emprego. Desta forma, entende a Síndrome de *Burnout* como resultado de uma sensação de fracasso que causa retirada emocional do indivíduo da situação que lhe causou o estresse (Cherniss, 1993, 1995).

O modelo expandido de Meier define a Síndrome de *Burnout* como um estado que resulta das experiências nas quais os indivíduos têm baixas expectativas em relação a reforços positivos e altas expectativas de reforço de punições em seus ambientes de trabalho. Este modelo destaca que expectativas de reforço, resultado e eficácia podem influenciar diretamente as experiências subjetivas do *Burnout* (Meier, 1983).

O modelo ecológico de Carrol e White desenvolveu uma abordagem ecológica do conceito de *Burnout*, considerando-o como uma experiência Psicobiossocial (Carrol & White, 1982). O *Burnout*, nesse conceito, acontece então quando o indivíduo não tem

a devida competência para lidar com o estresse do trabalho e mesmo assim tem que trabalhar no ambiente que gerou todo esse estresse, gerando frustrações. De acordo com Carrol e White (1982), este modelo é uma interação dinâmica das variáveis pessoais, como conflitos emocionais e variáveis ambientais, como por exemplo, a falta de supervisão, incluindo nestas a influência de outros ecossistemas como a família, o que pode gerar o *Burnout* isolado.

Por fim, o Modelo Integrado de Perlman e Hartman que identifica as variáveis pessoais e organizacionais que podem se relacionar com o *Burnout*. Nesse modelo as dimensões do Burnout refletem as três categorias de sintomas de estresse (fisiológico, afetivo-cognitivo e comportamental) (Silverio, 1995, Santos, 2015). Esse modelo é composto por quatro fases: a primeira se refere ao grau em que a situação provável ao estresse acontece e o indivíduo não consegue corresponder e as exigências podem não ser percebidas como estressoras. O segundo estágio diz respeito ao nível do estresse percebido. O terceiro estágio já representa as categorias de respostas ao estresse e o quarto estágio apresenta o *Burnout* como um dos resultados possíveis do estresse, enquanto experiência multifacetada do estresse emocional e crônico.

Em relação às Concepções da Síndrome de *burnout*, atualmente tem sido abordada ao longo de seu processo de construção a partir de cinco perspectivas: a concepção clínica, a social-psicológica, a organizacional, a social-histórica e a psicologia do trabalho.

A Concepção Clínica surgiu em 1974 por Herbet J. Freudenberger que estudava a etiologia dos sintomas, à evolução clínica e o tratamento da síndrome. O autor foi um dos primeiros a observar alterações significativas de humor, atitude, motivação e personalidade associadas à exaustão profissional, culminando na formulação do conceito clínico para o *burnout* ou esgotamento, descrito como um “estado de exaustão

física e mental causado pela vida profissional”. O termo “esgotamento” é formado pela raiz originária do latim “gota” (gutta), que significa líquido a escorrer, acrescida do sufixo da mesma origem “mento” (mentus), que confere um sentido de uma ação sofrida no passado acompanhado de uma mudança de estado. A palavra esgotamento parece nos remeter ao clássico provérbio português: “a última gota d’água faz transbordar o copo”.

Freudenberger considerava o *Burnout* como estado de fracasso e exaustão resultante de trabalho muito desgastante por conta do contato direto com pessoas, mas que ocorre por características pessoais (Freudenberger, 1974). De acordo com o autor, essa síndrome leva a pessoa a um estado negativo, devido ao nível alto de estresse no trabalho, causando desmotivação, muito cansaço e falta de interesse pela função que desempenha.

A concepção Social-Psicológica foi introduzida na década de 80 pela psicóloga Christina Maslach, que definiu a síndrome como um processo que ocorre com a perda de criatividade e com uma reação de tédio e aborrecimento. Maslach identificava nas características ambientais do trabalho, a origem para o desenvolvimento do Burnout, que considerou como uma síndrome que é uma resposta patológica aos fatores estressores crônicos existentes nas relações sociais do trabalho (Maslach & Jackson, 1981).

Esta concepção defendida por Maslach e Jackson (1981) é na atualidade, a mais utilizada, porque compreende o Burnout como um processo formado por um constructo multidimensional, contendo três categorias distintas para identificação da síndrome: a exaustão emocional, a despersonalização e a falta de envolvimento pessoal no trabalho.

A síndrome envolve três componentes: a Exaustão Emocional que é uma situação em que os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmos a nível

afetivo, percebem esgotada a energia e os recursos emocionais próprios, devido ao contato diário com os problemas que os envolvem; a Despersonalização que se caracteriza por uma espécie de desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas e de cinismo às pessoas destinatárias do trabalho, endurecimento afetivo; e a Falta de Envolvimento Pessoal no Trabalho, afetando a habilidade para a realização deste e o atendimento ou contato com as pessoas usuárias do trabalho, bem como a sua organização.

A Síndrome de Burnout é definida por Maslach e Jackson:

como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados ou com problemas. Cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene; grandes responsabilidades espreitam o profissional a cada gesto no trabalho. O trabalhador se envolve efetivamente com os seus “clientes”, se desgasta e, num extremo, desiste, não aguenta mais, entra em *burnout* (Maslach e Jackson, 1981, p. 21).

A concepção social-histórica já atribui ao impacto social a principal forma de aparecimento do *Burnout* (Sarason, 1977, 1983). O teórico desta concepção compreende o Burnout como um reflexo das mudanças rápidas do perfil social após a segunda guerra mundial, que causou um conjunto de características psicológicas nos indivíduos. E que a pós guerra mundial modificou o comportamento dos profissionais das áreas humanas e da saúde. Essas mudanças atingiram todas as estruturas sociais, tornando o ambiente propício ao aparecimento de patologias, incluindo o *Burnout* (Sarason, 1977, 1983). Nessa perspectiva ocorre uma ênfase mais nas características organizacionais ou individuais e no impacto da sociedade como determinante de *Burnout*. Dentro dessa concepção destacam-se os trabalhos de Sarason (1977, 1983), que utiliza como método de investigação a análise histórica, buscando compreender quais aspectos sociais, ao

longo do tempo, foram determinantes para o surgimento do Burnout. Em sua pesquisa de 1983, a autora avalia os efeitos da Segunda Guerra Mundial nos locais de trabalho, ressaltando que após 1945 houve uma rápida transição do senso comunitário para o individualismo. Segundo a autora, em uma sociedade individual e competitiva, o ser humano termina com desinteresse em ajudar o outro, o que contribui para o surgimento de uma das principais características do *Burnout*, que é o desinvestimento em relação ao trabalho.

A ênfase em determinantes sociais também aparece no modelo sociológico de Woods. Woods (1999) aborda o *Burnout* em uma perspectiva contextualista, ao considerar a interação de fatores em níveis micro, meso e macro. Fatores micro são os que se situam dentro da biografia pessoal e profissional do indivíduo (comprometimento, valores, carreira e papéis desenvolvidos). Os fatores meso são os institucionais (tipo de escola, aspectos éticos da escola). Os fatores macro são todas as forças derivadas das tendências globais e políticas governamentais, as quais influenciam maciçamente o nível individual e institucional. Nessa concepção, há uma redução da autonomia no trabalho, menor tempo para executar a atividade laboral, para atualização profissional, e para outras atividades, como o lazer, convívio social e poucas oportunidades de trabalho criativo. Esses determinantes sociais seriam os principais responsáveis pelo processo de exaustão e despersonalização profissional (Carlotto, 2002).

A concepção Organizacional já entende os sintomas da síndrome como resultantes das características organizacionais, percebendo o trabalho como fonte de estresse. Nesta perspectiva a principal representante é Cary Cherniss (1995). A concepção teórica proposta por Cherniss (1995) baseia-se em teorias de estresse, coping e adaptação, destacando-se conceitos provenientes de estudos sobre desenvolvimento de

carreira (Sonnenfeld & Kotter, 1982). A conjugação desses elementos teóricos resultou em um modelo que compreende o *Burnout* como uma relação de três dimensões: as experiências de trabalho, as experiências pessoais não diretamente ligadas ao trabalho e também características de personalidade. No entanto, ressalta-se o perigo em destacarmos as características individuais na gênese do *Burnout*, já que sentimentos e pensamentos são fortemente influenciados pelos contextos sociais ao nosso redor (Cherniss, 1995). O autor destaca que a complexidade do fenômeno *Burnout* só pode ser adequadamente compreendida na interação entre variáveis individuais e laborais. Desta forma, os sintomas que compõem a síndrome seriam respostas a uma demanda de trabalho estressante, frustrante e monótona. Assim, o sentimento de fracasso psicológico teria uma função crucial no processo de transformação do estresse crônico em *Burnout* (Cherniss, 1980, 1993).

A concepção da psicologia do trabalho tem como principal teórico Codo (1999). Nesta concepção, a síndrome decorre da dificuldade ou não existência da relação afetiva com o trabalho e com as pessoas envolvidas neste fator importante para o desenvolvimento e bom desempenho nas atividades laborais que requerem interação direta com o cliente. De acordo com Codo e Vasques-Menezes (1999), não existe uma única definição capaz de abarcar de forma eficaz a síndrome de *Burnout*, mas é necessário analisar os diferentes aspectos emocionais pertinentes ao comportamento desse trabalhador, sendo assim, existe um consenso no que se refere à síndrome, a mesma está relacionada ao estresse laboral crônico, pois há uma rejeição emocional a cerca dos usuários daquele serviço prestado, afetando assim as suas atividades profissionais.

A escrita de diferentes modelos e concepções teóricas nos revela que a síndrome de *Burnout* tem sido associada a um conjunto de variáveis individuais, laborais e

socioculturais. A busca por um modelo que integre essas variáveis é uma tarefa complexa, tendo em vista a dificuldade para identificar a influência de cada uma delas na manifestação da síndrome. Existe um consenso na literatura entre as abordagens em *Burnout* acerca do papel das elevadas expectativas laborais no desenvolvimento da síndrome.

Geralmente as pessoas com a síndrome trabalham de forma árdua e quando o esforço implicado não obtém retornos, manifestam-se exaustão e eventual despersonalização. É esse sentimento que os faz passar do estresse à apatia, ao desinteresse total e à depreciação das recompensas intrínsecas à atividade realizada. Apesar desses aspectos consensuais, ainda não se dispõe de uma rede teórica que contenha interação entre essas variáveis no processo individual de adoecimento. Essa limitação teórica já foi percebida por Maslach et al. (2001), que alertaram acerca da necessidade de esclarecer o processo que leva os sujeitos a desenvolverem um quadro dessa síndrome. Da mesma forma, Taris, Le Blanc, Schaufeli e Schreurs (2005) afirmam que o *Burnout* precisa ser compreendido como um processo de desenvolvimento, salientando que a estrutura desse processo ainda é amplamente desconhecida.

4.4- Histórico da Síndrome de *Burnout* no esporte

O esporte pode ser considerado uma fonte geradora de estresse em consequência de fatores fisiológicos, biomecânicos e psicológicos que exercem um papel fundamental para o desempenho esportivo (De Rose Jr, 1996). Os estímulos estressores no ambiente

esportivo podem originar de reações somáticas e psicológicas de um indivíduo frente às exigências diárias que ultrapassam seus limites para lidar com todas elas.

Dentre os estímulos estressores no ambiente de esportes, temos o treinamento excessivo que os atletas lidam rotineiramente. Os sintomas de um esforço ou treinamento excessivo são a apatia, letargia, distúrbio no sono e gastrointestinais, frequência cardíaca e/ou pressão elevada, perda de peso, mudança no humor, dores musculares, dificuldade em se recuperar e perda do apetite (Tourinho Filho & Rocha, 1999).

De acordo com Uusitalo (2001) é difícil determinar o estágio de treinamento excessivo em que o atleta se encontra, mas pode se diagnosticar pelo histórico do atleta, descartando possíveis doenças com exames laboratoriais. O treinamento excessivo pode levar o atleta de alto rendimento à Síndrome de *Burnout*.

Nesse sentido, a exaustão emocional, associada com tensão psicológica e fisiológica (Lee & Ashforth, 1990), foi denominada, no esporte, de exaustão física e emocional, a qual está associada às intensas demandas dos treinos e competições (Raedeke & Smith, 2001). Sabe-se que tais demandas advindas da rotina atlética interferem no bem-estar físico, psicológico e social dos esportistas, portanto, reações como ansiedade, tensão e estresse, além de cansaço físico e psicológico, representam essa dimensão de *Burnout*.

O *Burnout* no esporte pode ser entendido como uma resposta psicofisiológica de esgotamento causado por esforços excessivos em função de treinamento e competições. A Síndrome se caracteriza pelo esgotamento físico e emocional, que vem em forma de preocupação, energia, interesse, sentimentos de baixa realização pessoal e profissional, a autoestima baixa, fracasso, depressão e nível de rendimento diminuído (Weinberg & Gould, 2011).

Santos (2015) destaca a possibilidade de investigação sobre o tema para entender sobre a prevenção e combate da doença, com intuito de minimizar os casos de esgotamentos que interferem no desempenho do atleta e que pode provocar desistência ou abandono de carreira (Santos, 2015).

Apesar de Freudenberg (1974, 1975) ser considerado o precursor na literatura científica sobre *Burnout*, coube a Maslach e Jackson (1981) o papel de protagonistas nos primeiros estudos, conceituando-o como uma síndrome de exaustão emocional e cinismo que ocorre frequentemente entre indivíduos que realizam algum tipo de trabalho para outras pessoas. As autoras elaboraram um postulado específico da síndrome, bem como validaram um instrumento de mensuração (*Maslach Burnout Inventory*).

Inicialmente estudada em profissões classificadas como de "ajuda", aquelas nas quais o profissional é responsável pela atribuição de benefícios e bem-estar aos seus clientes ou pacientes, como é o caso dos médicos, professores, assistentes sociais e advogados, a síndrome de *Burnout* passou a ser investigada no âmbito esportivo a partir da década de 80 do século passado. O primeiro estudo analisou as diferenças de gênero na percepção da síndrome em treinadores esportivos (Caccese e Mayerberg, 1984).

Raedeke (1997), Raedeke e Smith (2001) desenvolveram a adaptação conceitual das dimensões da Síndrome de *Burnout* para o contexto esportivo. A dimensão realização pessoal foi primeiramente descrita como sentimentos de competência e conquista de sucesso no trabalho com pessoas (Maslach e Jackson, 1981). A realização pessoal possui uma conotação positiva. Por essa razão, Lee e Ashforth (1990) intitularam-na de reduzida realização pessoal, designação que a torna diretamente relacionada à síndrome de *Burnout*.

No esporte, o termo mais empregado é “reduzido senso de realização esportiva”, interpretado, fundamentalmente, como “insatisfação relacionada à habilidade e destreza esportiva” (Raedeke e Smith, 2001). Exemplos dessa dimensão são a falta de progressos no desempenho atlético e percepções de falta de sucesso e falta de talento (Gould et al., 1996).

A despersonalização é associada à estafa psicológica e à fuga como método de enfrentamento (Lee e Ashforth, 1990); ou seja, um sujeito decide se manter afastado e indiferente em relação às pessoas para as quais ele exerce sua profissão, como, por exemplo, pacientes ou clientes, na tentativa de não sofrer de modo mais intenso as consequências do *Burnout*. No campo esportivo, entretanto, o melhor termo encontrado para definir tal dimensão de *Burnout* foi desvalorização esportiva, uma vez que Raedeke (1997) associou a despersonalização a uma atitude negativa e indiferente diante de algo importante em determinado domínio. Destarte, quando o atleta para de se preocupar com o seu rendimento e com o seu envolvimento dentro do meio esportivo, tem início um processo similar ao que ocorre na despersonalização, porém em relação ao desempenho esportivo, e não mais em relação a outras pessoas. Entre as principais manifestações dessa dimensão estão falta de interesse, falta de desejo e falta de preocupação em relação ao esporte (Silva, 1990).

Quanto à manifestação do *Burnout* no domínio esportivo, investigação conduzida com 980 atletas adolescentes suecos pertencentes a 58 modalidades esportivas coletivas e individuais apontou que a maioria dos participantes apresentou níveis baixos a moderados da Síndrome de *Burnout* (Gustafsson et al., 2007). Em relação ao tipo de modalidade esportiva, Smith (1986) afirma que os sentimentos inerentes à síndrome são geralmente menos notados em atletas de esportes coletivos em

virtude da divisão de funções e tarefas, além do maior número de relações interpessoais existentes nos esportes de equipe.

A meta-análise desenvolvida por Goodger et al. (2007) constatou que, das 61 publicações sobre *Burnout* identificadas, 27 utilizaram atletas como amostra e 23 utilizaram treinadores. Poucas investigações analisaram o *Burnout* em diretores atléticos (2), fisioterapeutas esportivos (2), árbitros (3) e funcionários de centro esportivo (1). No mesmo estudo foi verificado que as mulheres apresentam maiores valores para exaustão física e emocional em 73% das publicações sobre o tema, enquanto entre os índices de *reduzido senso de realização e desvalorização esportiva* não houve diferenças significativas (Goodger et al., 2007).

As investigações científicas sobre o *Burnout* no esporte se justificam por dois motivos: (1) o impacto da síndrome no desempenho atlético; e (2) a necessidade de manutenção da saúde e qualidade de vida dos profissionais esportivos. Em ambos os casos a relevância dos estudos consiste na formulação de estratégias de prevenção, identificação e enfrentamento (*coping*) do *Burnout*, seja para reduzir a possibilidade de queda de desempenho seja para evitar doenças, ausência a treinos e competições ou o abandono da carreira esportiva.

Lazarus e Folkmann (1984) definem *coping* como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelo indivíduo com o objetivo de lidar com as demandas específicas internas ou externas que surgem em situações de estresse e que são avaliadas como sobrecarga.

No Brasil, as publicações científicas sobre o *Burnout* no esporte surgiram há pouco mais de uma década.

4.5- Sintomas da Síndrome de *Burnout* em atletas

São diversos os sintomas associados ao *Burnout* encontrados na literatura (Benevides-Pereira, 2002). De acordo com Garcés de Los Fayos e Vives Benedicto (2002), as causas do *Burnout* em atletas são várias e estão relacionadas principalmente com dificuldades de contato com treinadores, com a alta demanda de competições, rotina monótona nos treinos, diferença de expectativas com resultados finais alcançados, questões financeiras, alta demanda de tempo e energia solicitada, falta de apoio da família e dos amigos, problemas de relações pessoais fora do esporte e a falta de esforços positivos.

A SB também pode atingir dimensões físicas, comportamentais e cognitivas. Na dimensão física, os atletas de alto rendimento podem apresentar redução dos níveis de energia, distúrbios do sono, alterações fisiológicas e aumento de suscetibilidade de doenças. Na dimensão comportamental, podem apresentar depressão, raiva e isolamento (Pires, 2006; Smith, 1986). Fender (1989) cita a dimensão cognitiva e coloca as alterações na percepção de sobrecarga, abandono no esporte e baixa realização profissional.

O quadro abaixo apresenta as sintomatologias da SB conforme Benevides-Pereira (2002) (quadro 3).

SINTOMAS FÍSICOS	SINTOMAS PSÍQUICOS	SINTOMAS COMPORTAMENTAIS	SINTOMAS DEFENSIVOS
---------------------	--------------------	-----------------------------	------------------------

<ul style="list-style-type: none"> - fadiga constante e progressiva; - dores musculares ou osteomusculares; - distúrbios do sono; - Distúrbios do sistema respiratório; -cefaleias/enxaquecas; -perturbações gastrointestinais; - imunodeficiência; - transtornos cardiovasculares; - disfunções sexuais; Alterações menstruais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de atenção; - Falta de concentração; - Alterações da memória; - Lentificação do pensamento; - Sentimento de alienação; - Sentimento de solidão; - Sentimento de impotência; - Labilidade emocional; - Dificuldade de autoaceitação; - Baixa autoestima; - Astenia/desânimo; - Depressão; - Desconfiança/paranoia 	<ul style="list-style-type: none"> - Negligência; - Irritabilidade; - Agressividade; - Incapacidade de relaxar; - dificuldade de aceitação de mudanças; - perda de iniciativa; - comportamento de alto risco; - suicídio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tendência de isolamento; - Sentimento de onipotência; - Perda de interesse pelo trabalho; - perda de interesse ao lazer; - absenteísmo; - abandono ao trabalho; - Ironia/cinismo
--	--	---	--

Quadro 3: Sintomas associados ao *Burnout* (adaptado de Benevides-Pereira, 2002).

Conforme Benevides-Pereira (2002), os efeitos da SB interferem em quase todas as esferas da vida do atleta, com prejuízos pessoais e profissionais; assim como à instituição ou local de trabalho, quando os efeitos acabam refletindo na produtividade, na imagem de eficiência da organização, nos custos com tratamento do funcionário, na nova contratação do atleta e no treinamento dessa nova pessoa.

Pires (2006) destaca ainda, que o *Burnout* surge devido à incompatibilidade de planos com as demandas contínuas de cunho sócio-psico-físico do esporte praticado, podendo gerar o afastamento do atleta da modalidade praticada.

A instalação da SB ocorre lentamente e gradualmente, acometendo o atleta progressivamente (Pêgo & Pêgo, 2016). Nunes (2008) diferencia três momentos para a

manifestação dessa síndrome. Primeiramente, as demandas do trabalho serão maiores que os recursos materiais e humanos, gerando estresse laboral no indivíduo ou atleta e sobrecarga de trabalho. Posteriormente, o indivíduo esforça-se para se adaptar e produzir uma resposta emocional ao problema percebido. Com isso, aparecem sinais de fadiga, tensão, irritabilidade e ansiedade; gerando adaptação no atleta. Isso reflete em seu trabalho, reduzindo seu interesse pelas atividades e em sua responsabilidade pela sua função. E finalmente, em um terceiro momento, ocorre um enfrentamento defensivo, trocando condutas e atitudes para se defender das tensões, ocasionando comportamentos de distanciamento emocional, retirada das atividades, cinismo e rigidez.

O Ministério da Saúde preconiza como tratamento dessa Síndrome, o acompanhamento psicoterápicos, farmacológicos e intervenções psicossociais, sendo variável de acordo com a gravidade e especificidade de cada caso. Desta forma, é importante identificarmos os fatores que desencadeiam a Síndrome de *Burnout* na trajetória profissional, na saúde física e mental da população.

Depois de termos escrito sobre o conceito, histórico e sintomatologia do *Burnout* no esporte, seguiremos com os estudos que envolvem o *Burnout* no meio esportivo.

4.6- Estudos sobre *Burnout* em diversas áreas e no esporte

Foi realizada uma busca eletrônica por artigos científicos nas bases de dados computadorizados do portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foi utilizada como método de pesquisa, uma revisão de literatura com buscas em cinco bases de dados bibliográficos: PubMed,

SciELO, Web of Science, EMBASE e LILACS. Ao final de cada pesquisa nesses bancos de dados, as referências que estavam duplicadas automaticamente foram excluídas. Foram selecionados artigos em inglês, português e espanhol.

O critério de exclusão adotado foi o de eliminação de artigos, sobre ambos os temas, que não se relacionavam com o esporte. Incluiu-se artigos que abrangessem o esporte, de forma direta ou indireta, tanto esporte individual quanto coletivo. Foram explanadas nesse tópico, várias revisões de estudos sobre a Síndrome de *Burnout* em diferentes esportes por ordem cronológica de publicação; de 2012 a 2021. Para coleta dos artigos utilizou-se os seguintes descritores: *Burnout*; Síndrome de *Burnout*; esgotamento profissional; sofrimento; esporte de alto rendimento; estresse; como também associação desses descritores.

O estudo de Pires, et al. (2012) consistiu em revisar as pesquisas referentes à síndrome no ambiente esportivo brasileiro. O método empregado para a seleção dos trabalhos consistiu na busca eletrônica nas bases de dados computadorizados do portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na procura por citações em artigos identificados na busca eletrônica publicados até maio de 2011. Foram encontradas oito pesquisas relacionadas à síndrome de *Burnout* no cenário esportivo brasileiro, as quais foram classificadas em três temas para discussão: (a) implicações do *Burnout* no treinamento esportivo; (b) instrumento psicométrico de mensuração; e (c) manifestação do *Burnout* em atletas e treinadores. Os autores concluíram que existe uma carência de investigações científicas sobre o *Burnout* no ambiente esportivo brasileiro.

O estudo de Verardi et al. (2012) objetivou em apresentar uma revisão atualizada sobre *Burnout* no contexto esportivo. Os autores destacaram que o estresse está negativamente relacionado ao desempenho individual. Algumas evidências, entretanto,

sugerem que o desempenho em determinada tarefa será mais baixa em níveis muito reduzidos ou muito elevados de estresse, e ótima sob níveis moderados de estresse. O *Burnout* está associado à percepção de que os recursos pessoais são insuficientes ou inadequados para enfrentar o estresse. Identificar agentes estressores e estratégias de enfrentamento que, se empregadas pelos indivíduos, conseguem amortecer o impacto do estresse, permite delinear programas preventivos e de intervenção. Os autores destacaram também que pesquisas futuras podem também investigar o papel exercido pelo tempo de experiência do atleta, que parece estar relacionado ao desenvolvimento de estratégias mais adequadas de enfrentamento. Uma possível linha de investigação é, ainda, analisar eventuais relações entre o estresse psicofísico e o regime de trabalho, haja vista as alterações do sistema de trabalho ao longo das várias etapas da formação do atleta, até que ele atinja o grau profissional. Sugerem ainda que, avaliar diferentes estratégias de enfrentamento, em várias modalidades esportivas, em curto e em longo prazo, também são questões importantes para subsidiar intervenções práticas.

O estudo de Sobral, et al. (2014) objetivou em correlacionar os efeitos das cargas de treino impostas a atletas amadores de *Rugby Sevens* com resultados obtidos em um questionário de *Burnout*. Nove jogadores foram avaliados, antes do seu período preparatório, quanto ao seu percentual de gordura, estado nutricional, estado de estresse e da potência aeróbia. Durante o período preparatório, foram avaliados novamente seu estado de estresse, a potência aeróbia, e a intensidade do programa de treino. De acordo com os resultados encontrados nessa pesquisa, os autores observaram que não há correlação significativa entre a intensidade do treino e os escores de *Burnout* ($p > 0.05$), nem entre os escores de *Burnout* e a potência aeróbia. No entanto, houve correlação significativa entre a intensidade do treino e a potência aeróbica ($p < 0.01$). Diante disso,

os autores concluíram que um programa de treino prescrito adequadamente evita o aparecimento da síndrome de *Burnout* em atletas de *Rugby Sevens*.

O estudo de Casagrande, et al. (2014) teve por objetivo investigar a síndrome de *Burnout* em tenistas infanto-juvenis brasileiros. A amostra foi composta por 88 tenistas, sendo 69 meninos e 19 meninas que responderam ao Questionário de *Burnout* para Atletas e a um questionário de caracterização. Os resultados apontaram que Tenistas com menor tempo de prática (1 a 3 anos) apresentaram menores índices de exaustão física e emocional ($p= 0.005$, $\Delta= -0.57$) quando comparados com os que treinavam há mais tempo (4 a 7 anos). Tenistas com menor volume de treino (até 10 horas por semana) apresentaram maiores índices de *Burnout* ($p= 0.009$, $\Delta= 0.33$), desvalorização desportiva ($p= 0.011$, $\Delta= 0.56$) e baixo senso de realização desportiva ($p= 0.002$, $\Delta= 0.44$) do que os com maior volume (11 a 20 horas por semana). Os resultados encontrados nessa pesquisa foram de encontro aos pressupostos teóricos da síndrome de *Burnout* em atletas e pesquisas que investigaram essa população.

O estudo de Bim, et al. (2014) investigou as estratégias de *coping* e os sintomas de *Burnout* em atletas adultos de futsal do estado do Paraná. Participaram da pesquisa 58 esportistas, membros das quatro equipes paranaenses participantes da Liga Nacional de Futsal 2011. Como instrumentos, foram utilizados o Questionário de *Burnout* para Atletas e o Inventário Atlético de Estratégias de *Coping*. Os resultados dessa pesquisa evidenciaram que os sintomas de *Burnout* mais presente entre os atletas foi o reduzido senso de realização esportiva e as estratégias de *coping* mais utilizadas pelos atletas foram confiança e motivação e rendimento máximo sob pressão. Os atletas convocados para a seleção brasileira utilizam mais as estratégias de rendimento máximo sob pressão ($p = 0,049$), confiança e motivação ($p = 0,010$) e treinabilidade ($p = 0,044$) quando comparados aos demais. Os jogadores das equipes não classificadas para as finais

apresentaram maior treinabilidade ($p = 0,001$) e menor reduzido senso de realização esportiva ($p = 0,010$). Verificaram também a correlação da desvalorização do atleta com as estratégias de concentração ($r = -0,41$) e confiança e motivação ($r = -0,38$). Os autores concluíram que o nível de desempenho da equipe e do atleta demonstrou ser um elemento interveniente nas estratégias de *coping* e nos sintomas de *Burnout*.

Costa et al. (2014) estudaram a síndrome do *Burnout* entre jovens nadadores e investigaram frequências de sentimentos independentes do gênero e da categoria de competição. Para verificar a prevalência da síndrome do *Burnout* em nadadores e comparar as possíveis diferenças nas dimensões do *Burnout*, entre gêneros e categorias de competição, 102 atletas de natação (65 masculinos e 37 femininos; 14 a 19 anos), foram divididos conforme suas respectivas categorias. Os sentimentos do *Burnout* foram analisados pelo *Athlete Burnout Questionnaire*. O teste Qui-quadrado foi utilizado para comparar a proporção de atletas expostos ao *Burnout* Total, exaustão física e emocional (EFE), reduzido senso de realização esportiva (RSRE) e desvalorização da modalidade esportiva (DME), em relação ao gênero e categoria de competição. A análise demonstrou uma exposição de 24.5% ao *Burnout* total, 35.3 % à EFE, 64.7% ao RSRE e 22.5 % à DME. Não houve diferenças entre gênero e as categorias de competição. A amostra avaliada demonstrou estar exposta às dimensões de sentimentos do *Burnout*; todavia, esses eventos parecem ocorrer independentemente do gênero e das categorias de competição.

Vilela e Gomes (2015) analisaram a importância dos processos de avaliação cognitiva na experiência de ansiedade e de *Burnout* bem como a importância da avaliação cognitiva e da ansiedade na predição da síndrome. Participaram nessa investigação 711 atletas (89 do sexo feminino e 622 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos. Os participantes responderam a um protocolo

de avaliação composto por três instrumentos, além de um questionário demográfico: Escala de Ansiedade no Desporto; Escala de Avaliação Cognitiva e Questionário de *Burnout* para Atletas. Os resultados demonstraram que a avaliação cognitiva primária desempenha um papel fundamental na experiência de ansiedade e de *Burnout*, dado que a percepção de ameaça correspondeu a maiores níveis de ansiedade e *Burnout* e a percepção de desafio correspondeu a menores níveis nessas variáveis. Além disso, verificou-se que as dimensões da avaliação cognitiva primária, em conjunto com as dimensões da ansiedade, foram variáveis preditoras do *Burnout*. Os resultados dessa pesquisa evidenciaram a importância da avaliação cognitiva no estudo dos estados emocionais dos atletas, sugerindo a continuação de investigações futuras sobre esse tema.

Bicalho e Costa (2018) fizeram uma revisão sistemática com intuito de analisar o *Burnout* em atletas de elite. Foi realizada uma revisão descritiva, qualificada como semiquantitativa. Os autores consultaram as seguintes bases de dados para construção da pesquisa: DialNet, Lilacs, Portal CAPES, PsycNet, PubMed / Medline, Redalyc, SciELO, Scopus, SportDiscus e Web of Science. Foram incluídos setenta e oito artigos publicados até março de 2016. Os resultados apontaram para uma correlação negativa entre *Burnout* e motivação autodeterminada; motivação intrínseca; autonomia; competência; relacionamento; perfeccionismo; expectativas dos pais; e padrões pessoais. Como também apontaram correlações positivas entre *Burnout* e motivação; perfeccionismo prescrito de forma social e preocupação com os erros cometidos. Dessa forma, os autores concluíram que existem variáveis que se relacionam positivamente ou negativamente com o *Burnout* em atletas no esporte de alto rendimento.

Granz, et al. (2019) estudaram agentes estressores em atletas de elite adolescentes para verificar se tinham possíveis quadros de *burnout*. Alguns desses adolescentes apresentaram sintomas da síndrome de *burnout*. A proposta era definir quais características iriam caracterizar um adolescente atleta de elite com sintomatologias da Síndrome. Os resultados relataram características para definir riscos altos e baixos da síndrome. Características classificadas como de alto risco: estar envolvido em um esporte considerado técnico, em esportes de resistência, estéticos ou isométricos; esportes que utilizam pesos, ter treinador autocrático; apresentar alto estresse subjetivo fora do esporte; interferência ou falta de sono e ser mulher. Características classificadas como de baixo risco: ter menos horas de treinamento; ter baixa cobrança social; e baixo estresse subjetivo fora do esporte praticado. O estudo forneceu bases importantes para os futuros estudos sobre *burnout*; ajudando assim técnicos ou profissionais na área que lidam com esporte de elite para adolescentes.

Oliveira e Pedroza (2021) publicaram um estudo de revisão de literatura sobre a síndrome de *Burnout* e sofrimento em atletas de alto rendimento no esporte brasileiro. Foi utilizado como método de pesquisa uma revisão de literatura com busca em cinco bases de dados bibliográficos: PubMed, SciELO, Web of Science, EMBASE e LILACS. Foram selecionados artigos em inglês, português e espanhol, priorizando os estudos brasileiros. O critério de exclusão adotado foi o de eliminação de artigos, sobre ambos os temas, que não se relacionavam com o esporte. Foram incluídos artigos que abrangessem o esporte, de forma direta ou indireta, tanto no esporte individual quanto no coletivo. Dos 105 artigos coletados, respeitando os critérios de exclusão, utilizaram-se na pesquisa somente 37 artigos que se relacionavam à síndrome e/ou ao sofrimento no esporte. Sendo que 17 artigos citaram ou falaram especificamente da Síndrome de *Burnout*; sete artigos citaram ou escreveram sobre sofrimento; e 16 artigos conceituais

explanaram fatores que afetam a vida dos atletas. Na revisão sistemática sobre a Síndrome de *Burnout* no esporte, utilizaram-se artigos datados entre 2012 a 2019. Para a coleta dos artigos, foram utilizados os seguintes descritores: *Burnout*; Síndrome de *Burnout*; esgotamento profissional; sofrimento; esporte de alto rendimento; estresse; assim como também a associação desses descritores. Na conclusão da pesquisa, as autoras levantaram algumas questões relevantes e sugestões de cada um dos temas sugeridos pela literatura analisada (Pires et al., 2012; Verardi et al., 2014; Sobral et al., 2014; Casagrande et al., 2014; Bim et al., 2014; Costa et al., 2014; Bicalho & Costa, 2018; Granz et al., 2019). Primeiro ponto destacado foi a existência de características classificadas de alto risco para o *burnout*: estar envolvido em um esporte considerado técnico e em esportes de resistência; e características classificadas como de baixo risco para o *burnout*: ter menos horas de treinamento, ter baixa cobrança social e baixo estresse subjetivo fora do esporte praticado (Granz et al., 2019). Assim como existem variáveis que se relacionam de forma negativa ou positiva com o *burnout* em atletas (Bicalho & Costa, 2018). Correlação negativa entre a Síndrome de *Burnout* e motivação autodeterminada, motivação intrínseca, autonomia, competência, relacionamento, perfeccionismo, expectativas dos pais e padrões pessoais. E correlações positivas entre *burnout* e motivação, perfeccionismo prescrito de forma social e preocupação com os erros cometidos. Outro ponto destacado é que os eventos da Síndrome de *Burnout* parecem ocorrer independentemente do gênero e das categorias de competição (Costa et al., 2014). Sendo assim, atletas do gênero masculino e feminino, assim como atletas de esportes individuais e coletivos, podem ser acometidos com essa síndrome. Em relação ao sofrimento, as autoras colocaram conforme a literatura pesquisada que esse sentimento surge sempre associado a eventos, principalmente externos. Um dos fatores ligados ao sofrimento em atletas se dá em relação à pressão, medo e ansiedade causados

pela obrigação de vencer, algo característico em uma sociedade na qual se exalta a emoção da vitória e o sofrimento da derrota (Bara Filho & Miranda, 1998). E destacaram que ao expor seu corpo em prol do rendimento, o atleta se aproxima da possibilidade de sofrer lesões, e isso pode gerar sofrimento ao atleta (Rubio, 2013). A questão do ser herói é um traço identificatório do atleta e a impossibilidade de atingi-la é vivenciada com muito sofrimento (Dias & Sousa, 2012). Muitas vezes, as lesões são motivos de orgulho para os atletas, ocasionando certo culto às contusões e ao sofrimento (Gonçalves et al., 2012). A dor e o sofrimento devidos ao desgaste corporal resultante do treinamento precisam ser dominados diariamente nas formas do ritualismo do sacrifício, com relato de lesões e enfermidades (Gonçalves & Vaz, 2012). Apesar disso, as autoras citaram Weber (2004) que diz que o sofrimento existe no esporte e que deve ser interpretado como algo para o crescimento do atleta na modalidade praticada. Finalizaram o artigo dizendo que entender como os atletas sofrem, como lidam com isso, e como o sofrimento entra em sua vida são importantes para que possamos manter maior quantidade e qualidade de atletas no esporte brasileiro. E que muitos deles desistem do esporte praticado devido a todo esse sofrimento e às exigências externas.

Segue abaixo estudos de revisão mais antigos, datados a partir de 2007 até 2015; todos os estudos abaixo utilizaram questionários de *burnout*. Foi descrito os objetivos de cada estudo, a composição da amostra e a parte metodológica (Quadro 4).

Autor (ano)	Periódico publicado	Objetivo do estudo	Amostra	Metodologia
Lemyre et al. (2007)	European Journal of Sport Science	Determinar a qualidade de motivos no início da temporada competitiva em atletas de alto rendimento e os sintomas de overtraining; e se podem prever propensão de <i>burnout</i>	141 atletas: 81 masculino e 60 feminino. 17 a 32 anos. Competidores de esqui, biatlo, patinação e combinado nórdico.	Os atletas responderam um questionário sobre motivação antes do início da temporada; e no final da temporada responderam perguntas sobre overtraining e Burnout. Foi feita análise estatística MANOVA, e

		ao final da temporada		utilizaram de correlação e regressão.
Torrado et al. (2007)	<i>The Spanish Journal of Psychology</i>	Investigar a relação existente entre a liderança e os níveis de <i>burnout</i> em equipes esportivas.	219 atletas masculinos de futebol e basquete, com idades entre 17 e 38 anos.	Para mensuração da liderança foi utilizado a Escala de Liderança de Pares Esportivos. Para medir o <i>burnout</i> empregou-se o <i>Athlete Burnout Questionnaire</i> . Realizou-se também análise de regressão e teste para amostras independentes.
Lemyre et al. (2008)	<i>Scandinavian Journal of Medicine and Science Sports</i>	O estudo investigou a relação entre as variáveis motivacionais cognitivas sociais e também sinais de <i>burnout</i> em atletas de elite no início e final da temporada.	141 atletas, com idade entre 17 e 32 anos. Os mesmos foram divididos em 45 atletas de elite da equipe olímpica e 96 atletas juniores.	O estudo utilizou-se de avaliação da motivação no início da temporada e um novo inventário de <i>burnout</i> no fim da estação.
Hodge et al. (2008)	<i>Journal of Sports Science</i>	Compreender os antecedentes de <i>burnout</i> em atletas de elite de rúgbi na Nova Zelândia por meio da análise da teoria da autodeterminação.	133 atletas de elite de rúgbi da Nova Zelândia. Com idade entre 16 a 26 anos.	Foi utilizado o <i>Athlete Burnout Questionnaire</i> . A análise de variância multivariada (MANOVA) foi usada para testar diferenças entre os grupos nas pontuações de necessidades básicas psicológicas.
Cresswell (2009)	<i>Journal of Science and Medicine in Sport</i>	Examinar a associação dos primeiros sinais de <i>burnout</i> medidos no meio da temporada com as características de resultados no fim da temporada.	Jogadores profissionais de rúgbi masculino, com idade entre 18 a 36 anos.	Foram utilizados dois modelos lineares gerais para determinar os efeitos de fatores nas variáveis dependentes do estudo: aborrecimentos básicos de rúgbi, apoio social e aborrecimentos com dinheiro (dimensões de <i>burnout</i> e os fatores de interesse).
Grobbelaar et al. (2010)	<i>South African Journal for Research in Sport, Physical Education and</i>	O estudo objetivou em comparar o estresse e recuperação em jogadores de rúgbi profissional; o <i>burnout</i> e pontuações de estado	41 jogadores de rúgbi do sexo masculino, com idade média de 21,87, SD= 1,39 anos.	Foi utilizado na pesquisa o <i>Athlete Burnout Questionnaire</i> e a Escala de Humor de Stellenbosch por um período de cinco meses.

	<i>Recreation</i>	de humor. Com base na posição do jogo, o nível de experiência do atleta e o status inicial.		
Lonsdale & Hodge (2011)	<i>Medicine and Science in Sports and Exercise</i>	Investigar a relação da qualidade motivacional e o <i>burnout</i> em atletas ao longo de um tempo.	119 atletas de elite da Nova Zelândia, com média de idade de 24,74 anos, SD=8,54	Foram utilizados o Questionário de Regulação Comportamental no Esporte e o <i>Athlete Burnout Questionnaire</i> . A coleta ocorreu em dois momentos no período de 4 meses.
Vieira et al. (2013)	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Analisar a síndrome de <i>burnout</i> e as estratégias de <i> coping</i> em atletas de ambos os gêneros e das categorias sub-21 e <i>open</i> , todos participantes do circuito Brasileiro de vôlei de praia.	144 atletas do Circuito do Banco do Brasil de vôlei de praia, das categorias sub-21 e <i>open</i> .	Foi utilizado para análise do <i>burnout</i> , o <i>Athlete Burnout Questionnaire</i> ; e para análise das estratégias de <i>Coping</i> , o Inventário Atlético das Estratégias de <i>Coping</i> .
Holmberg & Sheridan (2013)	<i>The Sport Psychologist</i>	O objetivo do estudo foi examinar a teoria da autodeterminação como estrutura de compreensão dos antecedentes de <i>burnout</i> em atletas universitários americanos.	598 atletas universitários de oito equipes da <i>National Collegiate Athletic Association</i> .	Foram utilizados o Questionário de Regulamento Comportamental no Desporte e o <i>Athlete Burnout Questionnaire</i> .
Sobral et al. (2014)	Motricidade	Investigar a presença de sintomas da Síndrome de <i>burnout</i> em jogadores de Rúgbi e verificar a relação existente do aumento da intensidade de treino com o <i>Athlete Burnout Questionnaire</i> .	9 jogadores amadores de rúgbi, do sexo masculino, com idade entre 19 e 35 anos.	Os jogadores foram avaliados antes e durante o período preparatório. Foi avaliado o percentual de gordura, estado nutricional, estado de estresse, potência aeróbia e a intensidade do treino correlacionado ao <i>burnout</i> , por meio do <i>Athlete Burnout Questionnaire</i> .
Verardi et al. (2014)	Revista Brasileira de Medicina do Esporte	Avaliar a síndrome de <i>burnout</i> em atletas de futebol profissional e categorias de base, durante as fases de competição e pré-	73 atletas de futebol, do sexo masculino (32 profissionais e 41 amadores).	Foram utilizados os seguintes instrumentos: Escala Modos de Enfrentamento de Problema (EMEP) e o Questionário de <i>Burnout</i>

		competição.		para atletas (QBA).
Verardi et al. (2015)	Revista de Psicologia del Deport	Identificar a incidência de sintomas associados à síndrome de <i>burnout</i> .	134 jogadores de futebol, do sexo masculino, 71 profissionais e 63 amadores.	Os jogadores responderam ao <i>Athlete Burnout Questionnaire (ABQ)</i> e foi realizada uma análise estatística univariada em seguida.

Quadro 4: Objetivos e metodologia dos artigos sobre *Burnout*.

A revisão de literatura realizada anteriormente sobre o tema “*burnout* e esporte” (Pires, et. al., 2012; Verardi, et. al., 2014; Sobral, et. al., 2014; Casagrande, et. al., 2014; Bim, et. al., 2014; Costa, et. al., 2014; Vilela & Gomes, 2015; Bicalho & Costa, 2018; Granz, et. al., 2019) traz a ideia da importância de se conhecer melhor sobre o assunto, já que acometem muitos atletas; acarretando em sofrimento psíquico e possível afastamento do atleta da modalidade praticada. A maioria desses estudos relatou a relevância do tema; e sugerem que futuras investigações sejam realizadas para sanar algumas dúvidas sobre *Burnout* em atletas de alto rendimento; possibilitando um melhor acompanhamento do atleta em seus treinos e atividades diárias.

Surgem então alguns questionamentos sobre o tema: Como o atleta de alto rendimento relacionará o sofrimento vivido por ele no esporte à síndrome de *Burnout*? Como o atleta de alto rendimento descreverá os sintomas da síndrome de *Burnout*? E de que forma o sofrimento vivido pelo atleta em seus treinos diários ocasionam um esgotamento e possivelmente à síndrome de *Burnout*; ocasionando mudanças na vida desse atleta? Para responder as perguntas acima, destacamos no próximo tópico os objetivos geral e específicos da tese.

Neste trabalho, defendemos que a síndrome de *Burnout* pode resultar em exaustão emocional, despersonalização, falta de realização pessoal, afastamento ou abandono do esporte de alto rendimento e se relacionar ao sofrimento vivido por atletas.

5- Objetivos da tese

5.1- Objetivo Geral

Compreender as concepções de atletas de futebol de campo sobre a Síndrome de *Burnout*.

5.2- Objetivos Específicos

Identificar os fatores que levam os atletas ao sofrimento no futebol;

Compreender se o sofrimento no esporte se relaciona com a Síndrome de *Burnout*;

Investigar se o sofrimento no esporte pode ter resultado em troca de modalidade esportiva ou abandono do futebol.

Capítulo 6: METODOLOGIA

6.1- Pressupostos metodológicos

A pesquisa qualitativa foi compreendida de uma entrevista semiestruturada e por meio de um instrumento de complemento de frases que abordem o tema pesquisado.

A abordagem qualitativa investiga as informações descritivas e que são interpretadas a partir das palavras do próprio sujeito entrevistado oralmente e/ou de forma escrita. Conforme Stake (2011), o pensamento qualitativo oferece fundamento para o pensamento quantitativo. Esse pensamento qualitativo está misturado com todas as etapas do trabalho científico. Para a pesquisa qualitativa, o próprio pesquisador é um instrumento ao observar ações e contextos, e utiliza sua experiência pessoal em fazer interpretações (Stake, 2011).

González Rey (2002) coloca que a pesquisa qualitativa é uma forma de produção do conhecimento, e diferentemente de simplesmente uma coleta de dados, com dados quantitativos e fixos ou absolutos. Camic, Rhodes e Yardley (2003) comentam que quando se trata somente de uma questão de método, as abordagens qualitativas e quantitativas podem produzir resultados contraditórios e respeito do mesmo fenômeno. González Rey (2002) destaca ainda que com a pesquisa qualitativa não existe uma separação entre diferentes momentos na construção do conhecimento. Com isso, a pesquisa pode ser analisada como um processo que se reorganiza com todas as novas partes durante a pesquisa, não tendo barreiras a serem ultrapassadas.

Na presente pesquisa trabalhamos com a subjetividade na elaboração da construção dos resultados. Entende-se por subjetividade um espaço intrapessoal em que o sujeito formula e apreende sentidos, pensamento, percepções, afetos, símbolos e

significados; que se formam na interação dialética com a realidade objetiva, material e concreta (Oliveira et. al., 2016). Conforme Silva (2009), a subjetividade é a maneira como aquilo que é universal se torna singular e único; e se dá por meios particulares, relacionados com a história de vida do sujeito.

Portanto, a metodologia estabelece uma relação entre o entrevistado e o entrevistador. Essa relação de proximidade é fundamental para compreensão do tema abordado; porque cada atleta tende a se comportar de maneiras diferentes frente às situações de sobrecarga. Portanto, a aplicação da metodologia constou de cuidados em relação à subjetividade na elaboração da construção dos resultados obtidos com os questionários aplicados.

Conforme Gazzotti e Codo (1999), cada indivíduo desfruta de uma história individual, que é diferente e única; sendo afetado pelas vivências, experiências, frustrações, afetos e desafetos. O que poderá gerar uma discussão diferenciada e específica para cada um dos atletas analisados. Dessa forma, a metodologia qualitativa se adequa melhor nesta pesquisa para que os objetivos propostos possam ser alcançados da melhor forma possível.

6.2- Contexto e Participantes da pesquisa

Este estudo assumirá uma natureza transversal, através da seleção de uma amostra de forma aleatória.

A amostra foi composta por cinco atletas de alto rendimento, do sexo masculino, praticantes da modalidade de futebol de campo, com idade entre 18 a 25 anos. O time selecionado para a pesquisa foi de grande referência na mídia, podendo ser

considerada de grande porte no mundo futebolístico. O técnico do time selecionou cinco dos atletas, cada um com uma função específica, para compor a amostra desta pesquisa: um lateral, um volante, um meio de campo, um atacante e um zagueiro. Essa quantidade de participantes da pesquisa pode ser justificada em função da teoria e de pressupostos utilizados na construção deste trabalho, que não se baseia em pesquisa científica com dados quantitativos e com verificação imediata e absoluta.

Para marcação da entrevista, o técnico do time encaminhou o nome completo dos atletas e o contato de cada um. A marcação da entrevista foi feita via whatsapp com cada atleta.

Antes de iniciarmos as perguntas do questionário foi lido para cada atleta um roteiro de entrevista (anexo 1) que constava algumas informações sobre a pesquisa.

No início da entrevista, a pesquisadora explicou o conceito da Síndrome de *Burnout*, expôs o objetivo principal da pesquisa, e também leu e compartilhou o termo de consentimento livre e esclarecido.

As duas partes da entrevista (Questionário semiestruturado e o Instrumento de complemento de frases) foram compartilhadas na tela do atleta para que o mesmo pudesse acompanhar cada item dos roteiros. A pesquisadora leu as perguntas para que os atletas pudessem pensar e responder conforme suas experiências de vida. A entrevista online foi individual e durou em média de 18 a 20 minutos.

Todos os atletas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido por meio de mensagem de texto, colocando nome completo e a palavra 'autorizo', via Zoom Meetings. Toda entrevista, incluindo a parte da assinatura pelo atleta foi gravada pela pesquisadora. Todos consentiram com a participação na pesquisa e com a gravação.

O ambiente escolhido para as entrevistas foi tranquilo, sem barulho ou perturbação, para não interferir no andamento da pesquisa.

O projeto sofreu modificações devido à Pandemia por COVID-19. Desta forma, foi utilizada a plataforma Zoom Meetings para aplicação das duas etapas. O Zoom Meetings é uma plataforma de videoconferências robusta que possui diversas funcionalidades, como compartilhamento de tela, gravação de *webinars* e *upload* de reuniões na nuvem.

6.3- Materiais e instrumentos utilizados na pesquisa

Foram utilizados como instrumento e materiais da pesquisa: um roteiro da entrevista (anexo 1), um Questionário semiestruturado (anexo 2), um Instrumento de complemento de frase (anexo 3) e a plataforma Zoom Meetings, na qual compartilhamos o questionário e o instrumento para serem respondidos pelos entrevistados. Os roteiros foram disponibilizados aos atletas no momento da entrevista para que pudessem acompanhar a ordem das perguntas conforme a pesquisadora as fazia de forma oral. No início da entrevista pedimos permissão para gravação de todas as etapas da pesquisa.

Os atletas não tiveram tempo estabelecido para responder cada uma das perguntas e nem para completar as frases. Tiveram total liberdade para pensar, se expressar e responder.

6.3.1- Questionário semiestruturado e Instrumento de Complemento de frases

A entrevista semiestruturada permite que o indivíduo reflita sobre sua atuação e emoções; bem como se sente a partir de sua condição de trabalho. As perguntas têm a

função de fazer com que o indivíduo reflita, elabore e responda da maneira que julgar melhor (Vieira, Ferreira & Miliroini, 2018).

O Instrumento de Complemento de frases foi baseado no instrumento do González-Rey, favorecendo a manifestação do indivíduo. Esse Instrumento baseia-se na introdução de uma ou mais palavras que devem ser complementadas pelo entrevistado, conforme o que julgar mais correto (Ferreira & Nogueira, 2013). Consiste em frases com indutores curtos a serem preenchidos pelo participante.

O Instrumento de Complemento de frases representa uma das condições facilitadoras de expressões complementares para inferências a respeito de sua visão de si, trajetória de vida, visão do mundo e do fenômeno estudado (González Rey, 2005).

7- Método para análise dos resultados

Assim que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, a pesquisadora entrou em contato com os atletas, voluntários da pesquisa, para agendamento das entrevistas.

Para que o entrevistado entendesse o que é Síndrome de *Burnout* e sofrimento no esporte, a pesquisadora conceituou cada um deles antes de iniciar a aplicação dos roteiros de entrevistas (entrevista semiestruturada e do instrumento de complemento de frases).

Todas as etapas da pesquisa foram gravadas e transcritas e os resultados foram agrupados em temas mais recorrentes, para permitir uma melhor análise interpretativa das respostas obtidas, seguindo a metodologia baseada em Pinho (2016), que transcreve os resultados em temas mais recorrentes para análises.

As perguntas semiestruturadas e o instrumento de complemento de frases foram gravados na plataforma Zoom Meetings e em seguida transcritos. Após a transcrição, foi realizada uma leitura das entrevistas e, em seguida, um levantamento dos temas/conteúdos que se destacaram na fala de cada entrevistado (Aguiar & Ozella, 2013), ou seja, que ocorreram com maior frequência nas falas deles.

De acordo com Ferreira (2012), o Complemento de frase é suscetível de múltiplas opções de análise. O pesquisador busca o contexto da informação no qual o conteúdo foi elaborado para auxiliar na construção do modelo de inteligibilidade das diferentes formas de expressão do sujeito em seus diferentes espaços sociais.

8- Cuidados éticos: riscos e benefícios da pesquisa

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UnB e foi aprovado com o número do parecer: 3.855.001 (Anexo 5).

O presente estudo foi realizado em uma plataforma on-line sem interferência de ruídos e perturbações externas. Os instrumentos de coleta não são invasivos, pois se trata de um questionário e de um instrumento (modelos em anexos); e não produziram nenhum tipo de constrangimento aos participantes da pesquisa. Os participantes foram avisados que teriam total liberdade para encerrar a entrevista a qualquer momento, caso tivesse algum motivo.

A pesquisa resultará em benefícios futuros para os atletas de alto rendimento, treinadores, como também para psicólogos esportivos em relação a alguns problemas que os atletas enfrentam em sua rotina diária de treinamento: como Síndrome de *Burnout* e sofrimento no esporte.

9- Resultados e Discussão

Os resultados foram analisados em duas etapas, conforme a parte metodológica: a primeira parte constará da análise dos questionários semiestruturados dos cinco atletas e a segunda parte constará da análise dos Instrumentos de complemento de frases. As respostas foram analisadas com temas mais recorrentes.

9.1- Análise, interpretação e discussão das respostas dos questionários semiestruturados

Iniciaremos os resultados e a discussão da pesquisa primeiramente pelo questionário semiestruturado. Foram 10 perguntas, na qual os atletas responderam conforme suas experiências no esporte e tiveram total liberdade para perguntar, questionar e até interromper a entrevista a qualquer momento. As entrevistas duraram em torno de 18 a 20 minutos e todos os atletas foram bem participativos.

Para citar os participantes no decorrer dos resultados e discussão, optamos em utilizar nomes fictícios para cada um dos atletas, como forma de resguardar suas identidades. Sendo assim, irei citar no decorrer do texto o atleta 1 como Miguel; o atleta 2 como Júnior; o atleta 3 como Ricardo; o atleta 4 como André; e o atleta 5 como Marcos.

A primeira pergunta do questionário foi sobre o que o esporte representa para os atletas. Todos os atletas responderam que significa tudo na vida deles, que é um sonho, que dedicam integralmente a isso e que não conseguem se imaginar fazendo outra coisa a não ser o esporte. Alguns citaram que o esporte representa o seu trabalho e o que sabem fazer. O atleta Miguel citou que *“ele representa praticamente tudo em minha*

vida. É um sonho que a gente tem de ser um jogador profissional. Para ser um jogador profissional tem que estar em alto rendimento sempre, tem que estar bem para jogar, treinar, sempre tem que estar em seu limite”.

O atleta Júnior respondeu que *“eu vivo futebol desde bem cedo, comecei aos quatro anos. É uma paixão! Meu pai queria que eu fosse jogador, a minha família também. É um sonho de muita gente! O esporte de alto rendimento hoje em dia é a minha vida. Dedico cem por cento a isso”*. O atleta Ricardo destacou o quanto o esporte de alto rendimento é importante para seu futuro e que não conseguiria fazer outra coisa a não ser praticar esporte.

Em seguida, foi feita a segunda pergunta sobre os aspectos considerados bons no esporte de alto rendimento e os atletas responderam no geral: a vitória, os treinos e o aprendizado que eles levam para a vida deles. O atleta Marcos respondeu que o esporte o ajuda de várias formas, como atleta e como pessoa. Ele aprendeu a ganhar, perder, respeitar o espaço do outro, se cuidar e se alimentar. O atleta André colocou que a pessoa aprende com o esporte a ser competitiva, a ter vivência com os amigos e a se tornar um cidadão melhor.

As respostas a esta parte da entrevista condizem com Holt e Neely (2011) quando colocam que os jovens que praticam desporto apresentam níveis mais elevados de autoestima, regulação emocional, competências de resolução de problemas, realização de objetivos e competências sociais quando comparados a jovens que não praticam nenhum esporte organizado. Smith e Smoll (1996) citam que o esporte permite que os jovens aprendam a competir e a cooperar uns com os outros e promove o desenvolvimento da capacidade de lidar com o sucesso e com o fracasso. Por meio do confronto com adversidades e exigências físicas e psicológicas, os jovens vão

desenvolvendo atitudes importantes acerca da realização pessoal, da aceitação da autoridade e aprendem a ser persistentes face ao insucesso (Smith & Smoll,1990).

A terceira pergunta foi sobre os aspectos considerados ruins no esporte de alto rendimento. Os aspectos mais comentados nas respostas dos atletas foram a derrota, a falta da família, as decepções e lesões. As lesões e as derrotas foram citadas por quase todos os atletas como aspecto ruim no esporte. O atleta Miguel respondeu que *“como tem muitos aspectos bons, também tem muitos aspectos ruins no esporte. Por exemplo, a derrota, porque quando você entra em um jogo é para vencer. E quando perdemos ficamos de cabeça baixa, estressados. Quando vamos mal em um jogo, a gente pensa em até parar, desistir”*. O atleta Júnior comentou que o aspecto ruim para ele é a falta da família porque fica muitas vezes longe deles. O atleta Marcos citou a falta da família como aspecto negativo e também destacou as lesões que acontecem e que podem interferir o resto da vida.

A questão do medo de perder é um dos fatores citados na literatura por Barra Filho e Miranda (1998) e Lavoura (2008) quando colocam que um dos fatores que levam o atleta ao sofrimento e à possível Síndrome de *Burnout* é a pressão, o medo e a ansiedade causados pela obrigação de vencer, e que isso seria algo característico em uma sociedade na qual exalta a emoção da vitória e o sofrimento da derrota. E destacam que isso de fato representa um grande sofrimento para os atletas, já que os mesmos tendem a sofrer antecipadamente só de pensar em perder.

Conforme Rubio (2001), a sociedade se organiza a valorizar a ascensão, as vitórias e impõem um padrão de comportamento que privilegia o mais forte, mais habilidoso. Geralmente, os atletas que alcançam o primeiro lugar são os valorizados e contribuem para a perpetuação de uma conduta. Rubio (2001) ainda coloca que os perdedores são ditos como desmoralizantes e servem de exemplo ou referência ruim

para os ganhadores. Por isso, os entrevistados relataram o quanto a derrota pode ser algo ruim na vida dos atletas.

Na quarta pergunta do questionário foi perguntado sobre qual a concepção de sofrimento no esporte e o que pode ocasionar este sentimento. Os atletas citaram a derrota, não ter amigos e familiares que o apoiam, não ter apoio do treinador, as lesões, frustrações e tristezas de não alcançar objetivos ou resultado esperado. O atleta Miguel destacou o que pode ocasionar este sentimento é a derrota. *“Quando você vai para o jogo e cria a expectativa de que você vai se sair bem e aí você acaba indo mal, ou se lesiona e acaba perdendo um jogo importante, tudo isso provoca sofrimento”*. Já o atleta Júnior colocou que *“isso varia muito, se o cara consegue adquirir ou atingir as coisas que ele quer. Se você não tem amigos, se seus amigos não te apoiam, se não tem apoio do treinador; tudo isso pode deixar a pessoa com essa sensação de sofrimento, de querer largar tudo”*.

As respostas dos entrevistados condizem com o que os autores Weber (2004) e Oliveira (2016) escreveram. Weber (2004) defende que ter a noção de que o caminho para o sucesso deve ser árduo e penoso, repleto de provocações e superações é algo importante para o atleta; e sofrer, portanto, seria algo para que os mesmo pudessem superar e isso seria indispensável para o atleta. O autor destacou que o sofrimento existe no esporte e que deve ser interpretado como algo de crescimento do atleta na modalidade praticada. E isso é bem claro nas falas dos atletas quando dizem que sofrem, mas é um sofrimento passageiro e que geralmente o fazem crescer enquanto profissional. Já Oliveira (2016) destaca que o sofrimento é integrado à nossa vida cotidiana; isso vai surgindo com o passar dos tempos e incorporando aos conceitos daquela comunidade, que neste caso é uma comunidade de atletas, que vivenciam quase as mesmas dificuldades, e acabam sofrendo.

Para complementar a pergunta anterior, perguntei se ele já tinha passado por uma situação de sofrimento em algum momento da carreira. As respostas dos atletas foram unânimes! Todos já passaram por várias situações que lhes geraram esse sentimento de sofrimento, cada um com momento único, com contextos e histórias diferentes, mas que geraram o mesmo tipo de sentimento.

O atleta Miguel respondeu que *“na metade do final do ano, eu fiquei fora de vários jogos, fora do time principal. Não estava conseguindo ter boa performance nos treinos. Nessa época eu baixei a cabeça, fiquei muito triste com a situação e no final consegui dar a volta por cima. Consegui pegar o time titular novamente para participar dos jogos”*.

O atleta Júnior respondeu que está passando por um momento muito difícil agora, mas é tudo extra campo, são perdas familiares. Situação que o deixa muito desanimado e o faz sofrer. O atleta Júnior respondeu que perdeu a mãe o ano passado e que isso o atrapalhou bastante no esporte, o deixou triste, desmotivado, com treinos ruins e abalou o psicológico dele. Já o atleta André disse que seu sofrimento foi devido à lesão que o levou a ficar parado um ano e dois meses.

O atleta Marcos respondeu que *“quando eu tinha em torno de 13 anos acabei sendo dispensado do São Paulo time e foi muito difícil para arrumar outro emprego, nada dava certo e eu conversei com meu pai e ele disse que eu era muito bom. Eu pensava comigo mesmo: será se eu era bom mesmo? Será se meu pai dizia isso só para me incentivar, será se esse sonho era dele e não meu? Será se eu sou realmente capaz? E isso me gerava sofrimento”*.

O que foi possível perceber com essa pergunta é que todos os atletas já passaram por várias situações que gerou ou gera ainda sofrimento e que isso depende do contexto e da história de cada um. Mesmo jogando no mesmo time, todos com a mesma

modalidade esportiva, com mesmo técnico e equipe multidisciplinar igual, as causas que geraram sofrimento foram diferentes. Alguns atletas tiveram sofrimento por problemas profissionais, outros pessoais e ainda uma combinação de problemas pessoais e profissionais. Maslach e Jackson (1981) especificaram que o *Burnout* parece associado ao sofrimento emocional, inclusive exaustão física, insônia, uso crescente de álcool e drogas e problemas conjugais e familiares. Gonçalves et al. (2012) destacam que não podemos esquecer que esse processo de cuidar e o maltratar são duas faces da mesma moeda, o treinamento não é desprovido de dor, de sofrimento e de abdições. Vale destacar que, muitas vezes, as lesões são motivos de orgulho para os atletas, ocasionando certo culto às lesões e ao sofrimento.

O trabalho de Gonçalves, Turelli e Vaz (2012) diz respeito à relação entre a técnica, dor e sofrimento. Os atletas se habitam a viver em um limite; sofrem, mas acreditam serem superiores e fortalecidos após cada superação. Existe uma relação antagônica nesse processo, uma vez que a entrega do corpo aos dispositivos do treinamento com a respectiva produção de sofrimento é moldada por um desejo de construção de rendimento. Com isso, o corpo não deixa de ser um meio para efetivar a técnica e se torna um objeto a ser cobrado até seu limite ou acima dele. Outro problema relatado por Rubio (2013) é que para que o atleta possa atingir bom rendimento é preciso que o mesmo esteja em sua melhor condição física e psicológica. Isso reforça a imagem de que o atleta de alto rendimento é forte, e que mantém suas ações, corpo e emoções tudo sobre controle. O atleta sempre tenta ultrapassar seus limites físicos; inclusive a de tolerância à lesão e à dor. No entanto, ao expor seu corpo em prol do rendimento, o atleta se aproxima da possibilidade de sofrer lesões; e isso pode gerar sofrimento ao mesmo.

Dando seguimento ao questionário e focando nos objetivos da pesquisa, perguntei aos atletas, na sexta pergunta, se já tinham pensado em se afastar do esporte e todos responderam que sim! Completamos na sétima pergunta o que poderia tê-los levado ao pensamento de se afastar do esporte e eles responderam: o afastamento do time principal, várias situações que passaram no esporte, lesões e doenças. O atleta Miguel respondeu que queria afastar do esporte porque ficou muito tempo afastado do time principal. Já o atleta Júnior disse que o que fez pensar em afastar foi tudo que ele passou antes no esporte. O atleta Ricardo disse que teve lesões e anemia e isso o fez refletir na possibilidade de se afastar o esporte. Os demais atletas pensaram em se afastar quando tiveram lesões.

Em relação à lesão, Rubio (2013) cita que o atleta sempre tenta ultrapassar seus limites físicos; inclusive a de tolerância à lesão e à dor. Ao expor seu corpo em prol do rendimento, o atleta se aproxima da possibilidade de sofrer lesões; e isso pode gerar sofrimento ao mesmo. Medeiros (2016) complementa dizendo que estamos diante da presença de um sujeito que sofre muitas vezes e que não pode expressar seu sofrimento, então o mesmo é inserido em um contexto onde a lesão e a dor são naturalizadas e permitidas.

Em seguida perguntei se eles achavam que derrotas e frustrações podiam levar o atleta a largar o esporte. Todos os atletas, com exceção de um, responderam que sim. O atleta Miguel respondeu que *“sim, com certeza. Já tive amigos que estavam comigo desde o começo e eles largaram por isso. Nos treinos não conseguia se sair bem para pegar o time titular e acabaram ficando frustrados e largaram o esporte. Isso acontece com bastante jogador”*. O atleta Júnior respondeu *“com certeza sim. Porque hoje em dia é impossível ter uma mentalidade tão forte a ponto de blindar as coisas negativas*

que acontecem em nossas vidas. Essas coisas ruins que acontecem fazem parte do esporte e a gente tem que saber como lidar”.

O atleta André acha que sim porque às vezes eles não conseguem lidar com frustrações. O atleta K respondeu que sim. *“Acho que é quando vai acumulando problemas e ainda junta com a idade, vai ficando mais velho e acaba largando. E ainda por cima junta derrota com algum problema financeiro e o atleta acaba largando o esporte para trabalhar”.* Já o atleta Ricardo respondeu que não, porque a derrota faz parte da vida do atleta, da profissão deles, do esporte.

As respostas dessa pergunta ficam evidentes quando Holt e Neely (2011) citam que a prática esportiva nem sempre é acompanhada de consequências positivas, estando muitas das vezes relacionada com resultados indesejáveis. E conforme Neil, Hanton, Mellalieu e Fletcher (2011), a participação dos jovens em atividades esportivas pode se tornar uma experiência estressante associada a emoções desagradáveis, sendo um dos exemplos mais evidentes a ansiedade competitiva que conduz ao sentimento de medo de falhas, sendo responsável pela desvalorização e evitamento do esporte, por parte do atleta.

Na próxima pergunta questionei sobre a concepção deles sobre esgotamento profissional e responderam de uma maneira bem diversificada. Os atletas Miguel e Júnior responderam que o esgotamento profissional é resultado de muita cobrança e Júnior completou dizendo *“A cobrança pode levar ao esgotamento profissional. A cobrança é muito importante, mas em vários momentos da vida profissional ela acaba sendo excessiva e é estressante tanto para quem cobra quanto para quem é cobrado”.* Já o atleta André respondeu que esgotamento profissional é não saber lidar com as críticas e decepções no esporte. Os atletas Ricardo e Marcos responderam sobre

sequências de jogo ruins, lesões, dor, lidar com críticas e decepções que geram esgotamento profissional no atleta.

A Síndrome do esgotamento profissional pode ser chamada também sensação de estar acabado ou Síndrome de *Burnout*; os três termos são utilizados para denominar um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho. Esses termos estão associados a situações profissionais socialmente complexas, que envolvem a representação que o indivíduo possui acerca de si mesmo e do outro. Quando isso ocorre, mesmo pessoas intensamente envolvidas com o seu trabalho, desinteressam-se dele e percebem como inútil qualquer esforço para realizá-lo (Brasil, 2001).

Na última pergunta do questionário semiestruturado, perguntei sobre o que eles achavam que poderia levar um atleta a desenvolver a Síndrome de *Burnout* e eles responderam: cobrança do atleta, não pegar convocação para jogos, acúmulo de problemas, questões extra campo, relacionamento com a família, lesões, distância da família, derrotas, decepções, frustrações e problemas de saúde. O atleta Miguel respondeu “*cobrança do atleta e outros fatores, como por exemplo, o atleta que não vai para os jogos; que treina separado do time principal; que não consegue convocação para os jogos. Se esse cara não tiver força para treinar no outro dia, se reerguer, eu acredito que isso leve o cara a largar o esporte*”. O atleta Ricardo acredita que lesões e a distância da família são os pontos principais que podem levar o atleta a desenvolver a síndrome. O atleta Marcos acredita que o acúmulo de muitas coisas podem gerar isso, como o caso das derrotas, problemas familiares e problemas de saúde.

Vários fatores estão relacionados ao aparecimento do *Burnout*, mas os mais comuns são a diminuição na qualidade do trabalho, a execução de procedimentos equivocados, negligência e imprudência. Isso pode gerar insegurança no grupo e,

consequentemente, desestruturação das relações interpessoais e predisposição à ocorrência de acidentes (Sutherland & Cooper, 1996); o que inclui todos os problemas citados pelos entrevistados. A síndrome de *Burnout* também pode estar associada a transtornos mentais, como depressão, transtornos de ansiedade, pânico, fobia social e abuso ou dependência de álcool e de outras substâncias psicoativas (Trigo, Teng & Hallak, 2007).

Com intuito de complementar as informações obtidas com o questionário semiestruturado, fizemos um Instrumento de Complemento de frases, como segunda etapa da pesquisa. No próximo tópico analisamos os resultados das respostas obtidas.

9.2- Construção das informações dos Instrumentos de Complemento de Frases

Foi aplicado na segunda etapa da pesquisa um Instrumento de Complemento de frases, que é compreendido como uma ferramenta que facilita as expressões do sujeito e permite construir sentidos mais subjetivos e processos mais simbólicos que formam a sua configuração subjetiva. O Instrumento é recomendado por González-Rey (2005) e caracteriza-se de proposições com início de frases, que são os indutores, que é complementada pelo participante da pesquisa com o que considera apropriado no momento.

González-Rey (2005) recomenda que seja elaborado um capítulo intitulado em “Construção da Informação” diferente dos capítulos com descrição e análise de dados para analisar a subjetividade de cada participante da pesquisa, considerando sua construção sócio histórica; não fazendo descrição dos dados coletados, mas construindo a partir de significados que aparecem nas informações empíricas. Portanto, faremos

neste capítulo uma construção das informações de cada atleta, com suas peculiaridades e suas histórias de vida.

O Instrumento foi aplicado via Zoom individualmente com cada atleta. Como é um instrumento livre, alguns atletas registraram apenas uma palavra de complemento, enquanto outros escreveram uma frase completa.

Seguiremos agora com a construção das informações de cada um dos atletas entrevistados.

9.2.1- Construindo as informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta Miguel

O atleta Miguel, que foi o primeiro a ser entrevistado, disse que se sente muito feliz e confiante com o esporte de alto rendimento. Para ele o futebol profissional sempre foi um sonho em sua vida. Para ser um atleta profissional tem que estar em alto rendimento sempre, tem que estar bem para jogar, treinar e sempre tem que ultrapassar seus limites. Mas, que mesmo assim, é um sonho para ele. Ele se lembra de situações boas que foram as vitórias e títulos que ele conquistou no decorrer da sua vida profissional.

Infelizmente, mesmo com tantas coisas boas que o esporte proporcionou, ele cita algumas situações ruins no esporte quando ele teve a primeira lesão, que ficou de 3 a 4 meses parado, sem praticar esportes e isso o deixou muito depressivo.

O sofrimento, para ele, é um fator normal, rotineiro na vida de um atleta. A lesão e as derrotas que ele teve o fizeram sofrer. As lesões foram algo que ele citou muito no decorrer de toda entrevista, o que mostra claramente como o acometeu e o deixou muito

para baixo. Pensou até em afastar do esporte. Mas, como o esporte é a sua vida, ele se reerguia.

Ele se sentiu desmotivado com o esporte quando não foi convocado para alguns jogos importantes e ficou afastado do time principal. Geralmente, fica estressado quando perde algum jogo, a derrota o faz sentir bastante mal. Por isso, ele se lembra em de todas as vitórias e títulos que conquistou em sua vida! Isso realmente faz ele se sentir bem. Mesmo assim ele cita que nunca quis largar de vez o esporte, a sua grande paixão.

Em algumas situações, quando ele via que ia perder algum jogo, desistia de jogar e aquilo o desmotivava. Essa situação, citada por ele várias vezes, o faz não ter mais desenvolvimento no jogo, ele não consegue mais dar o melhor de si e isso é um problema do ponto de vista dele. Geralmente, se sente esgotado profissionalmente quando termina um jogo intenso ou quando ele tem treinos bem pesados.

O atleta acha a vitória essencial em sua vida e as amizades que ele adquiriu com o esporte, e o quanto a derrota tem sido algo marcante em sua vida a ponto de fazer pensar em largar o esporte, mesmo que fosse um pensamento passageiro.

Ele acredita que as cobranças em cima do atleta, a não convocação para os jogos o faz desenvolver a síndrome de *burnout* e se o atleta não tiver força para continuar, ele pode acabar desenvolvendo a síndrome ou ter um esgotamento profissional.

9.2.2- Construindo as informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta Júnior

O atleta J. foi o segundo a ser entrevistado, disse que se sente bastante acolhido pelo esporte. Segundo ele, o esporte preenche sua vida de todas as formas. Ele se lembra

sempre das seguintes situações boas no esporte: as amizades que fez no decorrer da sua vida esportiva, como também das vitórias, das comemorações que foram marcantes para ele e dos abraços que recebia quando ganhavam. Isso tudo marcou bastante sua vida. Para ele, a rotina de treino que começa cedo e vai até tarde, se repetindo todos os dias, preenche bastante o dia dele, e ele gosta muito disso.

Ele vive futebol desde muito cedo, começou a praticar com uns quatro anos de idade. A família, no geral, sempre sonhou que ele fosse jogador de futebol profissional. Hoje, ele se dedica integralmente ao esporte e vive longe da família. A falta da família e a distância deles é para ele um dos aspectos ruins/negativos do esporte.

Uma situação ruim marcou a sua vida. Esse episódio aconteceu no final do campeonato estadual. O atleta relatou que tomou cartão amarelo no início do jogo e ficou fora da final dos jogos por causa disso, esse acontecimento fez com que ele ficasse na arquibancada vendo o time jogar e ele não pôde fazer nada para ajudar.

Tiveram momentos em sua vida esportiva que se sentiu desmotivado com o esporte, momentos que tentaram prejudicar ele dentro do campo; isso partiu de colegas e também de treinadores. Por várias vezes, o atleta citou a questão de alguém querer prejudicar ele e isso o deixou para baixo. Ficou claro o quanto isso o afetou em sua rotina de trabalho no esporte.

Outra situação citada por ele que o deixou bastante desmotivado foram as vezes que ele ia para jogar e acabava ficando de fora do jogo. Citou que já quis largar e desistir do esporte devido a uma fase ruim. Ele não especificou o que estava por trás da considerada fase ruim, só disse que foi algo dentro de campo mesmo, não foi nada extra campo, e que já conseguiu superar isso. Ele não se sentiu à vontade para me contar e preferiu omitir essa informação.

O atleta também disse que não tem motivação e nem energia para lidar com algumas situações no esporte, situações essas que ele colocou como sendo de problemas extra campo ou problemas familiares. Ele comentou sobre isso e disse que “*ultimamente eu tenho vivido um momento bem complicado em minha carreira. Não é questão de desempenho, é tudo extra campo. Coisas que vem acontecendo e me deixa muito desanimado, para baixo. Questões de perdas familiares, boatos etc*”. Ele complementou dizendo que “*essas semanas foram bem complicadas e pensei até em me afastar do futebol, mas foi pensamento passageiro*”.

O atleta também colocou a seguinte questão de que se sente muito esgotado profissionalmente quando dá o máximo nos treinos e nos jogos e as pessoas (treinadores, professores) não percebem o esforço dele e tentam até desmerecê-lo.

Eu, enquanto pesquisadora, senti que ele foi muito prejudicado em campo por colegas, treinadores e professores que o deixaram desmotivado, estressado, a ponto de querer largar o esporte praticado. O atleta teve muitos problemas familiares que somados aos problemas profissionais o fez pensar em desistir do seu maior sonho que é ser atleta profissional.

9.2.3- Construindo as informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta Ricardo

O atleta Ricardo cita a palavra esperançoso quando fala do esporte profissional. Ele se sente bastante esperançoso no esporte que pratica e coloca todas as suas energias nisso. Para ele, o esporte é muito importante para seu futuro e o chama de ‘*minha vida*’! Não consegue se imaginar longe dele.

As situações boas para ele no esporte são todas voltadas para os títulos que ganhou, para as vitórias obtidas. Acabou citando a derrota como algo estressante e ruim. No decorrer de toda a entrevista não falou muito sobre derrota, mas sobre problemas que afetaram sua vida.

Ele já quis largar o esporte devido à lesão difícil de tratar, pelas dores que sentia e a também pela perda da mãe. O ano passado e o ano retrasado foram marcados por quadro de lesões e de anemia. Isso afetou muito sua vida enquanto atleta e pessoa, o deixou abalado. Comentou que teve uma conversa com o pai sobre isso e o mesmo disse a ele para pensar se o futebol realmente valia a pena mesmo. Ele pensou em parar, largar o esporte, mas o tempo foi passando e ele viu que valia a pena continuar mesmo com tanta dificuldade que estava enfrentando.

Geralmente, o que o deixa desmotivado com o esporte são situações que ele tem más sequências de jogos ou treinos ruins, e em algumas situações que acometia muitos erros, ele acabava desistindo de jogar.

Quando alguma questão o deixava mal, no dia seguinte ele ia treinar sem motivação e sem energia. O atleta argumentou que se sente esgotado profissionalmente quando está em uma má fase e quando as coisas não dão certo para ele.

Pude perceber que os problemas familiares juntamente com as lesões que teve nesses períodos anteriores o fez pensar em querer desistir do esporte. As lesões para ele foi algo realmente que trouxe bastante sofrimento para sua vida e depressão pelo fato de ficar muito tempo parado. A perda da mãe dele no ano passado o atrapalhou bastante; o que resultou em um atleta desmotivado, triste, abalado e com treinos ruins.

Mesmo passando por todos esses problemas, se superou, se reergueu e diz não conseguir imaginar fazendo outra coisa a não ser o esporte.

9.2.4- Construindo as informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta André

O atleta André respondeu que é muito feliz no futebol e que o esporte representa o seu trabalho e o que ele gosta de fazer na vida. Para ele, o esporte faz com que a pessoa aprenda a ser competitiva, traz também muita vivência com amigos e transforma as pessoas em cidadãos melhores.

Ele se lembra das seguintes situações boas no esporte: das vitórias que alcançou, do aprendizado dia após dia e da vontade de sempre dar o melhor de si. O atleta citou como situações ruins os episódios que ele podia ter feito diferente, mas não as executou da maneira como esperava.

O atleta se sentiu muito desmotivado quando teve lesão. Pensou até em se afastar do esporte, mas felizmente foi uma ideia passageira. André está voltando de uma lesão. Ficou um ano e dois meses sem jogar e isso lhe trouxe muita tristeza e sentimento de sofrimento.

Geralmente, o estresse é aumentado quando passa por situações de derrotas. O atleta André acredita que derrotas e frustrações podem levar o atleta a largar o esporte. Ele também citou que as derrotas, frustrações, decepções e não ter ninguém para apoiar pode levar o atleta a desenvolver a Síndrome de *Burnout* ou esgotamento profissional.

Interessante destacar que o atleta André apesar de ter citado situações ruins no esporte, ele se sente sempre motivado e só não tem energia quando não pode jogar.

9.2.5- Construindo as informações do Instrumento de Complemento de frases do atleta Marcos

O atleta Marcos foi o último a ser entrevistado e relatou o quanto se sente feliz com o esporte em sua vida. Conforme ele, o esporte ajuda de várias formas, como atleta e como pessoa e disse *que “com o esporte você aprende a ganhar, perder e respeitar o espaço do outro. Aprende a se cuidar, se alimentar”*. E afirmou que quando o atleta ama o que faz, fica disposto a dar tudo de si pelo o esporte, abrir mão de muitas coisas, como amigo e família.

Um dos aspectos ruins citados por Marcos é se manter longe da família, exatamente um dos pontos que o atleta tem que optar deixar para trás para abraçar ao esporte.

Outra questão citada por Marcos, como aspecto ruim, foi quando ele acabou saindo do time do São Paulo e não conseguiu se encaixar em outro time. Esse episódio marcou muito sua vida! Ele relatou que *“quando tinha treze anos acabei sendo dispensado do time do São Paulo e foi muito difícil para arrumar outro emprego, nada dava certo e eu conversei com o meu pai e ele disse que eu era muito bom. Eu pensei comigo mesmo que será se eu era bom mesmo? Será se meu pai dizia isso só para me incentivar? Será se esse sonho era dele e não meu? Será se eu sou realmente capaz? E isso me gerava sofrimento”*. Esse episódio foi citado por ele várias vezes no decorrer da entrevista e relacionou com os seguintes trechos: *“me deixou frustrado”, “me deixou desmotivado”, “queria largar o esporte” e “é uma situação ruim no esporte”*.

O atleta se sente estressado e esgotado profissionalmente quando alguma coisa não dá certo em campo, quando não está se saindo bem dentro de campo e junto com isso ter problemas em casa. E em alguns momentos também citou a questão de se sentir

estressado quando dá o melhor de si em campo e quando alguém fala que não vai conseguir as coisas, o joga para baixo, o desmotiva.

Um trecho que me chamou muito atenção foi quando ele disse que acredita que derrotas e frustrações podem fazer o atleta a largar o esporte. O atleta Marcos acredita que quando vai acumulando problemas, como derrotas, problemas financeiros e a questão de ficar mais velho podem fazer com que o atleta acabe largando o esporte ou se aposentando logo.

Para ele, os atletas em geral, podem desenvolver a Síndrome de *Burnout* ou ter um esgotamento profissional quando passam por derrotas, problemas familiares e problemas de saúde.

O atleta Marcos já pensou em abandonar o jogo quando o time dele perdeu de dez a zero, e citou que deu vontade de desistir e abrir um buraco no chão de tanta vergonha. Apesar de já ter pensado em desistir e largar o esporte, ele tem motivação e energia para continuar a jogar futebol.

O abandono da prática esportiva entre jovens é algo que se tornou frequente devido a uma maior instabilidade física, psicológica e social. A maneira como o esporte está integrado na vida deles e a dinâmica das relações entre eles com seus treinadores e pais são muito importantes para evitar o abandono (Baker & Robertson-Wilson, 2003; Bara Filho & Feijó, 2000; Bara filho, Ribeiro & Miranda, 1999; Coakley, 1992; Gould, Tuffey, Udry & Loehr, 1996; Guillén, 2000; Guillén, Weiss & Navarro, 2005; Hellandsig, 1998, Sarrazin, Vallerand, Guillet, Pelletier & Cury, 2002; Weinberg & Gould, 2011).

Conforme Butcher, Lindner & Johns (2002), Gould, Feltz, Horn & Weiss (1982), Gould & Horn (1984), Guillén (2001), Salguero, Gonzalez-Boto, Tuero & Márquez (2003), entre os motivos do abandono esportivo, os autores destacam os

conflitos de interesses, a falta de tempo, os estudos, a falta de sucesso e de habilidades, o estresse competitivo, a falta de diversão, os treinamentos monótonos, problemas com o treinador, a pequena participação nas competições, as lesões e ao esgotamento profissional ou Síndrome de *Burnout*.

Esta pesquisa se embasou em um referencial teórico histórico e cultural do desenvolvimento humano; com a finalidade de construir um conteúdo científico significativo na relação entre entrevistado/entrevistador (entre o entrevistador/pesquisador e o atleta analisado).

Vygotsky enfatizava o processo histórico-cultural no desenvolvimento dos indivíduos. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o seu meio. Para o autor, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação. Vygotsky sempre considerou o homem inserido na sociedade e, sendo assim, sua abordagem sempre foi orientada para os processos de desenvolvimento do ser humano com ênfase da dimensão sócio histórica e na interação do homem com o outro no espaço social (pretendia assim uma abordagem que buscasse a síntese do homem como ser biológico, histórico e social).

Vygotsky et. al. (1988) acreditava que as características e atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que é mais individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com o outro. Sua abordagem sócio interacionista buscava caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da história do indivíduo.

Conforme Gazzotti e Codo (1999), cada indivíduo desfruta de uma história individual, que é diferente e única; sendo afetado pelas experiências de vida. O que

poderá gerar uma discussão diferenciada e específica para cada um dos atletas analisados. E isso aconteceu com as respostas dos atletas entrevistados nesta pesquisa. Embora tivessem respostas bem semelhantes às perguntas levantadas, no geral, as construções de informações dos entrevistados foram respondidas de forma diversificada e cada uma tem uma história a se contar bem diferente do outro, mesmo jogando no mesmo time e com a mesma modalidade praticada. Isso fica nítido no decorrer das respostas e levantamentos da história de vida de cada atleta. Cada um tem uma história diferente que os levaram traçar opiniões e modos de vida desiguais.

10-Considerações Finais

Analisando a discussão e resultados da construção das informações dos Instrumentos de Complemento de Frases e das respostas dos questionários semiestruturados, podemos destacar algumas questões relevantes:

Primeiramente, que o esporte é vida para os atletas de futebol. Apesar de terem passado por situações ruins e com grandes dificuldades, a paixão pelo esporte é algo tão relevante na vida deles que os fazem pensar em sempre continuar. Muitos deles são apoiados pela família e amigos; sendo um sonho não só deles, mas de muita gente ao seu redor. Nas duas partes da pesquisa, ficou claro o que o esporte representa no dia a dia dessas pessoas. E que muitos deles não sabem nem o que fariam sem o futebol em suas vidas.

Outra questão é que alguns aspectos, citados por todos os entrevistados são considerados bons em sua rotina diária, como por exemplo, a vitória, os treinos em si, os companheiros que se tornam amigos e os aprendizados que levam para a vida toda. Todos citaram o quanto o esporte faz bem para a vida deles, os fazem tornar cidadãos melhores. Mas será se o esporte é assim para todos? Talvez para a grande maioria!

Podemos citar alguns atletas que passaram pela história dos esportes de alto rendimento e se destruíram enquanto esportista devido a um fator qualquer: como por exemplo, o jogador de futebol Garrincha, que encantou o mundo com seus dribles desconcertantes e a maneira simples de encarar os oponentes. Assim, no dia 20 de janeiro de 1983, o ídolo do Botafogo e campeão das Copas do Mundo de 1958 e 1962 faleceu no Rio de Janeiro, com apenas 49 anos, por consequência de uma cirrose hepática devido ao alcoolismo. Outro exemplo é o Casagrande, ex-centroavante do Corinthians e hoje comentarista da Rede Globo teve sua dependência exposta ao Brasil

todo em 2007, quando sofreu um gravíssimo acidente de carro e foi internado em uma clínica de reabilitação. Anos mais tarde, lançou um livro em que relatou toda sua trajetória com drogas, que inclui o uso excessivo de maconha, cocaína, heroína e álcool.

Outra questão que foi levantada no decorrer das etapas da pesquisa foi sobre os aspectos considerados ruins no futebol. E os aspectos mais comentados nas respostas dos atletas foram a derrota, a falta da família, as decepções e as lesões. Eles se sentem muito mal com desfavorecimento do placar, mas sabem que faz parte da vida do atleta. Ganhar e perder fazem parte de suas histórias. Mas, é frustrante quando se preparam muito tempo para uma competição importante e acabam perdendo. É interessante dizer o quanto sentem falta da família ao lado e como é difícil lidar com os problemas do dia a dia estando longe deles.

Neste trabalho defendemos que a exaustão emocional, despersonalização, falta de realização pessoal, afastamento ou abandono do esporte de alto rendimento pode se relacionar à Síndrome de *Burnout* e se relacionar ao sofrimento vivido por atletas de futebol.

No decorrer das entrevistas, os atletas puderam expor suas concepções sobre sofrimento, esgotamento profissional, afastamento do esporte, como também sobre a Síndrome de *Burnout*. Os atletas acreditam que alguns aspectos ruins podem ocasionar sofrimento nos atletas, como a derrota; não ter amigos e familiares que o apoiam; não ter apoio do treinador; as lesões; as frustrações e tristeza de não alcançar objetivos ou resultado esperado. E acreditam que todos esses aspectos ruins podem levar ao abandono do esporte praticado ou até a desenvolverem a Síndrome de *Burnout*.

Analisando as concepções de cada atleta conforme suas respostas, é interessante constatar que mesmo os atletas entrevistados não pensarem efetivamente em se afastar do esporte praticado, todos acreditam que é possível que os atletas possam largar o

esporte devido ao estresse constante nas suas rotinas de treino e também por influências de vários fatores negativos em suas vidas; o que pode leva-los a desenvolver o *Burnout*.

No contexto esportivo, *Burnout* é discutido, principalmente, como uma resposta do indivíduo ao estresse crônico, caracterizada por redução no desempenho, desvalorização do esporte e exaustão física e emocional (Cresswell & Eklund, 2006). As experiências negativas dos atletas são semelhantes ao *Burnout* experimentado por profissionais de outras áreas (Cresswell & Eklund, 2006a; 2006b). Inúmeros relatos de atletas de elite que abandonaram o esporte no auge de suas carreiras são considerados, para muitos autores, exemplos dos efeitos do estresse excessivo ou esgotamento profissional no contexto esportivo (Ivarsson, 2008; Lemyre, Hall & Roberts, 2008; Raedeke, 1997).

Pode-se concluir que todos passaram por sofrimentos diversos, pensaram em desistir, mas tiveram sempre pensamentos passageiros em relação a isso. Todos os atletas entrevistados acreditam e até citaram casos de atletas que tiveram estresse crônico e esgotamento profissional e acabaram trocando ou abandonando o esporte. Então, podemos dizer que eles acreditam que o sofrimento pode ocasionar um esgotamento profissional e abandono de carreira no esporte.

Conforme Rubio (2010), analisar a história de cada atleta, instituições e agentes relacionados ao campo esportivo, possibilita ampliar a compreensão acerca do futebol, observando interações que este estabelece com outros campos da sociedade, bem como tais interações se alteram de acordo com o contexto apresentado.

Uma sugestão para futuros trabalhos é o sobre o tema “sofrimento e síndrome de *Burnout*” com atletas de diferentes esportes: coletivos, individuais; com diferentes categorias e gêneros diferentes para melhor dissertarmos sobre o tema. A quantidade de

participantes da pesquisa pode ser justificada em função da teoria e de pressupostos utilizados na construção deste trabalho.

Conforme Verardi et. al. (2012), outra importante questão é identificar quais os momentos de maior estresse para diferentes atletas e para diferentes modalidades esportivas. Pesquisas futuras podem também investigar o papel exercido pelo tempo de experiência do atleta, que parece estar relacionado ao desenvolvimento de estratégias mais adequadas de enfrentamento. Verardi et. al. (2012) cita que uma possível linha de investigação é analisar eventuais relações entre o estresse psicofísico e o regime de trabalho, haja vista as alterações do sistema de trabalho ao longo das várias etapas da formação do atleta, até que ele atinja o grau profissional. Avaliar diferentes estratégias de enfrentamento, em diferentes modalidades esportivas, em curto e em longo prazo, também são questões importantes para subsidiar intervenções práticas (Verardi et. al., 2012).

Acreditamos que a nossa pesquisa trará aos técnicos, aos atletas de futebol e a equipes um novo olhar sobre o tema. Possivelmente, abrirá as portas para que novos pesquisadores investiguem e deem continuidade ao tema. Que novas pesquisas venham porque a vida não para, as pesquisas continuam, os atletas mudam e constroem novas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abal, F. C. (2012). O contrato de trabalho do atleta profissional de futebol frente aos direitos fundamentais trabalhistas. *Espaço Jurídico*. Joaçaba, v. 13, n. 2, p. 325-336, jul./dez.
- Agresta, M. C., Brandão, M. R. F., & Barros Neto, T. L. (2008). Physical and Emotional Causes and Consequences of Career Termination in Sports. *Rev Bras Med Esporte*, 14(6), 504-508. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-86922008000600006>
- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Rev. Bras. Estud. Pedagog*, 94(236), 299-322. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>
- Alfermann D. (2005). Career transition and concomitant changes in athletes. In: Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology; 2005 Aug 5-19; Sidney, Austrália. Sidney: International Society of Sport Psychology.
- Alfermann, D. & Stambulova, N. (2007). Career Transitions and career termination. In: G. Tenenbaum e R. C. Eklund (Eds), *Handbook of Sport Psychology* (3rd ed., p.712-736). New York, Wiley.
- Almeida, R. de, & Reis, D. dos (2015). Análise da relação do patrocínio esportivo entre clube e empresa no futebol brasileiro. *Tecnologias de Administração e Contabilidade*. 5(2), 1-20.
- Almeida D. H. & Souza RM. (2016). A influência dos pais no envolvimento da criança com o esporte durante a iniciação esportiva no futebol em uma escolinha de Campo Bom-RS. *Rev Bras Futsal Futebol*; 8(30): 256-268.
- Alves, D. (2007). O esporte e lógica capitalista. Tese de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba.
- Alves, Y. C., Becker, A. P. S. Prática Esportiva e Relacionamento Familiar: Uma Revisão da Literatura. *Pensando Famílias*, 25(2), dez. 2021, (31-47).
- Aquilina, D. (2013): A Study of the Relationship Between Elite Athletes' Educational Development and Sporting Performance, *The International Journal of the History of Sport*, 30:4, 374-392
- Araújo, W. S. (2017). Competências em informação em um regime de informação. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, p. 179 - 180, 30 jun.
- Arraz, F. M. (2018). A Importância da Atividade Física na Infância. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 03, Ed. 08, Vol. 01, pp. 92-103. ISSN:2448-0959

- Assis, R. B. (2021). Os Atletas no intangível nas demonstrações financeiras do Futebol: Comparação das práticas de Clubes Brasileiros e Europeus. *Revista Intercontinental da Gestão Desportiva*. Vol. 11, e110010.
- Athayde, P. F. A. (2014). O ornitorrinco de chuteiras: determinantes da política de esporte do governo Lula e suas implicações sociais. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Departamento de Serviço Social, Brasília, Brasil.
- Baker, J. & Robertson-Wilson, J. (2003). On the risks of early specialization in sport. *Physical and Health Education Journal*, Ottawa, v.69, n.1, p.4-8.
- Bara Filho, M.G. & Feijó, O. Psicologia desportiva aplicada a jovens atletas. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, n.124, p.11-8, 2000.
- Bara Filho, M. G., & Garcia, F. G. (2008). Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo . *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 22(4), 293-300. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092008000400006>
- Bara, F., & Miranda. (1998). Aspectos psicológicos do esporte competitivo. *Treinamento Desportivo*, 3(3), 62-72.
- Bara Filho, M.G.; Ribeiro, L.S. & Miranda, R. (1999). O fenômeno do *burnout* em nadadores. *Treinamento Desportivo*,v.4, n.3, p.69-78.
- Barbosa, M. A. M. et al. (2011). Análise da antropometria e somatotipia de jogadores de futebol profissional e das categorias de base do Fluminense Football Club. *EFDeportes.com*, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 16, nº 160.
- Barros, A. M. (2008). Contratos e regulamentações especiais de trabalho: peculiaridades, aspectos controvertidos e tendências. 3. ed. São Paulo: LTr.
- Bartholomew, D.C., Mangel, J.C., Alfaro-Shigueto J, et al (2018). Monitoramento eletrônico remoto como uma alternativa potencial para observadores a bordo na pesca de pequena escala. *Conservação Biológica* 219:35–45. <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2018.01.003>
- Batista, J. B. V., Carlotto, M. S., Coutinho, A. S., & Augusto, L. G. S. (2010). Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. *Rev. Bras. Epidemiologia*, 13(3), 502-512. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2010000300013>.
- Becker, B. J. & Teloken, E. (2000). A Criança no Esporte. In: Becker BJ. *Manual de Psicologia do Esporte & Exercício*. Porto Alegre: Ed. Nova Prova, p. 131-156.
- Benevides-Pereira, A. M. T. (2002). O processo de adoecer pelo trabalho. In A. M. T. Benevides-Pereira (Org.), *Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador* (pp. 21-91). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Betti, M. (2001). Esporte na mídia ou esporte da mídia? In: *Revista Motrivivência*, Ano XII, nº 17, Educação Física, Esporte, Lazer e Mídia (1) p. 107 – 111, set./2001. Editora da UFSC. FlorianópolisSC.

- Bicalho, C. C. F., & Costa, V. T. (2018). Burnout in Elite Athletes: a Systematic Review. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 18(1), 89-102. Recuperado de <https://revistas.um.es/cpd/article/view/259261>.
- Bim, R. H., Nascimento Junior, J. R. A., Amorim, A. C., Vieira, J. L. L., & Vieira, L. F. (2014). Estratégias de coping e sintomas de burnout em atletas de futsal de alto rendimento. *R. Bras. Ci. e Mov*, 22(3), 69-75. doi: <http://dx.doi.org/10.18511/rbcm.v22i3.4351>.
- Blackwell, R.; Miniard, P. W. & Engel. J. (2005). Comportamento do consumidor. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Boer, A. (2010). A importância do Esporte Escolar na Socialização de Crianças do 3º ano ao 6º ano do Ensino Fundamental na Cidade de Bagé: Processo de Mudança de Atitude. *Revista Congrega Urcamp*, p.1-15.
- Borsa, J. C. O papel da escola no processo de socialização infantil. *Psicologia. Rio Grande do Sul*, 2007. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf> Acesso em: 17 de julho de 2019.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2001). *Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde (Série A. Normas e Manuais Técnicos)*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de http://www.ims.uerj.br/espmedtrab/doenca_trabalhador.pdf.
- Bracht, V. (1997). *Sociologia crítica do esporte: Uma introdução*. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos da UFES, 1997.
- Bracht, V. (2000). Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, ano VI, n. 12, Porto Alegre, RS, p. XIV-XIX.
- Brandão, M. R. (2000). A formação e profissionalização do psicólogo do esporte. In K. Rubio (Org.), *Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brandão, M.R.F. (2004). O lado mental do futebol. In: Barros Neto TL, Guerra I, editores. *Ciência do futebol*. Barueri: Manole;203-20.
- Brandão, M. R. F., Winterstein, P., Agresta, M., Pinheiro, C., Akel, M. C., & Martini, L. (2001, May). Career transitions of former brazilian top level athletes. *Programme and Proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology*, Skiathos, Greece, 10.
- Braz, M. (2019). O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 128, p. 85-103, Apr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282017000100085&lng=en&nrm=iso >. Acessado em 26/11/2019.
- Brohm, J. M. (1982). *Sociología Política del Deporte*. México: Fondo de Cultura Económica.

- Budó, M. L. D. et al. (2007). A cultura permeando os sentimentos e as reações frente à dor. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 41(1), 36-46. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342007000100005>.
- Butcher, J.; Lindner, K.J.; Johns, D.P. (2002). Withdrawal from competitive youth sport: a retrospective ten-year Study. *Journal of Sport Behavior, Mobile*, v.25, n.2, p.145-63.
- Café, L. Futebol, Poder e Política. Bahia: 2010.
- Camargo, V. R. T. (2001). O comunicador e o educador esportivo: novos paradigmas para o esporte midiático the communicator and educator esportivo: new paradigms for sport midiático. *Revista Conexões*, v. 6.
- Camic, P., Rhodes, J. & Yardley, L. (2003). Qualitative research in Psychology: Expanding perspectives in methodology and design (pp. 275-297). Washington. APA.
- Campbell, J. (1990). O poder do mito. São Paulo: Palas Athena.
- Campos, R. C., Cappelle, M. C. A., & Maciel, L. H. R. (2017). Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* jan.-jun. 2017, Vol. 18, No. 1, 31-41 DOI: <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n1p31>
- Capraro, A. M., et al. (2011). A imagem do atleta: publicidade em ano de Copa do Mundo de Futebol (Alemanha - 2006). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 163-171, jan./mar.
- Carravetta, E. S. (2009). O enigma da preparação física no futebol. Porto Alegre: AGE. 111 p.
- Carravetta, E. S. (2012). Futebol: a formação de times competitivos - 1ªed.
- Carlotto, M. S., Gobbi, M. D. (1999). Síndrome de *Burnout*: um problema do indivíduo ou só seu contexto de trabalho? *Alethéia*, 10 (1): 103-114.
- Carlotto, M. S. (2002). Síndrome de Burnout e satisfação no trabalho: um estudo com professores universitários. In A. M. T. Benevides-Pereira (Org.), *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador* (pp. 187-212). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Casagrande, P. O., Andrade, A., Viana, M. S., & Vasconcellos, D. I. C. (2014). Burnout em tenistas brasileiros infanto-juvenis. *Motricidade*, 10(2), 60-71. doi: <https://doi.org/10.6063/motricidade.2713>
- Cavalcanti, E. A. & Capraro, A. M. (2013). A mídia e o ídolo Ronaldo: analisando as matérias da folha online (2002-2009). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 741-755, jul./set.
- Cavalcanti, M. A. & Lameiras, M. A. P. (2020). Mercado de trabalho: PNAD-Covid: divulgação de 16/06/2020: principais destaques. *Carta de Conjuntura*, n. 47, jun.

2020. Disponível em:
https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/cc47_nt_pnad.pdf. Acesso em: 4 set. 2020.

- Cherniss, C. (1980). *Professional Burnout in human service organizations*. New York: Praeger.
- Cherniss, C. (1993). Role of professional self-efficacy in the ethiology and amelioration of Burnout. In W. Shaufeli, C. Maslach, & T. Marek (Orgs.), *Professional Burnout: recent developments in theory and research* (pp. 135-150). Philadelphia: Taylor & Francis.
- Cherniss, C. (1995). *Beyond Burnout*. New York: Routlege.
- Chiminazzo, J. G. C., & Montagner, P. C. (2009). Síndrome de Burnout e esporte: a visão dos técnicos de tênis de campo. *Revista da Educação Física*, 20(2), 217-223. doi: 10.4025/reveducfis.v20i2.5598
- Cintra Sobrinho, D. C. O importante é... Breves considerações sobre aspectos das relações entre mídia e esporte. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; 2004; Porto Alegre, BR. São Paulo: Intercom; 2004. Disponível em:<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7544034995759723009531719213053520236.pdf>.
- Coakley, J. (1992). Burnout among adolescent athletes: a personal failure or social problem. *Sociology of Sport Journal*, Champaign, v.9, p.271-85.
- Codo, W., & Vasques-Menezes, I. (1999). O que é *Burnout*? In: W. Codo. (Org.), *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Côrrea, D. K. A.; Alchieri, J. C.; Duarte, L. R. S. & Strey, M. N. (2002). Excelência na produtividade: a performance de jogadores de futebol profissional. *Psicologia: Refl exão e Crítica*, v. 15, n. 2, p. 447-460.
- Costa, M. S. F., Oliveira, S. F. M., Farah, B. Q., Guimarães, F. J. S. P., & Santos, M. A. M. (2014). Síndrome do burnout entre jovens nadadores: frequências de sentimentos independentes do gênero e da categoria de competição. *Rev. Educ. Fís.*, 25(2), 173-180. doi: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i2.22177>
- Couto Junior, J. M., Moreno, R. M., Souza, A. F., Prado, M. M. & Machado, A. A. (2007). A influência da torcida na performance de jogadores brasileiros de Futsal: um viés da Psicologia do Esporte. *Motriz*, Rio Claro, v.13 n.4 p.259-265, out./dez.
- Cresswell, S. L. (2009). Possible early signs of athlete burnout: A prospective study. *J Sci Med Sport*, 12(3), 393-398. doi: 10.1016/j.jsams. 2008.01.009.
- Cresswell, S. L., & Eklund, R. C. (2006). The nature of player burnout in rugby: key characteristics and attributions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 18 (3), 219-239.
- Cruz, J.F. (1997). *Psicología del deporte*. Madrid: Editorial Síntesis.

- Damo, A. (2005). Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado – Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). 435f.
- Davids, K., Araujo, D., Correia, V. & Vilar, L. (2013). How small-sided and conditioned games enhance acquisition of movement and decision-making skills. *Exerc Sport Sci Rev.* 41: 154-61.
- Delforge, C. & Le Scanff C. (2006). Parental influence on tennis players: case studies. *Rev Psicol Deporte;* 15(2):233-248.
- De Rose Jr. D. (2002). A competição como fonte de estresse no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 10(4), 19-26. doi: <http://dx.doi.org/10.18511/rbcm.v10i4.466>
- Dias, C., Cruz, J. F., & Fonseca, A. M. (2009). Emoções, stress, ansiedade e coping: Estudo qualitativo com atletas de elite. *Rev. Port. Cienc. Desporto*, 9(1), 9-23.
- Dias, C., Cruz, J. F., & Fonseca, A. M. (2012). The relationship between multidimensional competitive anxiety, cognitive threat appraisal, and coping strategies: A multi-sport study. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 10(1), 52–65. doi: <http://doi.org/10.1080/1612197X.2012.645131>
- Dias, M. S. L., & Soares, D. H. P. (2009). *Planejamento de carreira: Uma orientação para estudantes universitários*. São Paulo: Vetor.
- Dias, M. H., & Sousa, E. L. A. (2012). Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 729-738.
- Dietschy, P. (2006). Dos desafios políticos: los traspasos de jugadores y la descolonización deportiva de África. *Vanguardia Dossier*, Barcelona, v. 20, p. 78-89, jul./set.
- Eco, U. (1984). *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Eidelwein, B. & Nunes, M. S. (2010). Esporte na Educação Física Escolar e sua Importância na Sociabilização. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, nº 147.
- Escobar, M. N. (2002). Patrocínio esportivo e seus efeitos sobre o valor da marca: um estudo exploratório no Brasil. 2002. (Dissertação de mestrado – EAESPFGV).
- Epiphany, E. H. (2002). Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. *Estudos de Psicologia*, 19(1), 15-22. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2002000100002>
- Fagundes, A. F. A., Veiga, R. T., Sampaio, D. D. O., & Sousa, C. V. (2012). A publicação acadêmica de marketing esportivo no Brasil. *Revista Brasileira de Marketing*. 11(2), 96-123.

- Farber, B. A. (1991). *Crisis in Education: Stress and Burnout in the American Teacher*. San Francisco, Oxford: Jossey-Bass Publishers.
- Fender, L. K. (1989). Athlete burnout: Potential for research and intervention strategies. *The Sport Psychologist*, 3(1), 63-71.
- Ferreira, J. M. (2012). A ação da mulher empreendedora sob a perspectiva sócio-histórica de Gonzalez Rey (Tese de Doutorado). Universidade Positivo, Curitiba, PR, Brasil.
- Ferreira, J. M., & Nogueira, E. E. S. Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Rev. adm. contemp.* [online]. 2013, vol.17, n.4, pp.398-417. ISSN 1982-7849. < Disponível em: < Acesso em 20 Ago 2019.
- Fletcher, D., & Scott, M. (2010). Psychological stress in sports coaches: A review of concepts, research, and practice. *Journal of Sports Science*, 28, 127-137. doi:10.1080/02640410903406208
- Filgueira, F. M. & Schwartz, G. M. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. *Rev Port Cien Desp* 7(2) 245–253.
- Folle, A., Nascimento, J. V., Salles, W. N., Maciel, L. F. P. & Dallegrave, E. J. (2018). Envolvimento dos familiares no processo de formação esportiva no basquetebol feminino. *J. Phys. Educ.* v. 29, e2914
- Folgado, H., Duarte, R., Fernandes, O. & Sampaio, J. (2014). Competing with Lower Level Opponents Decreases Intra-Team Movement Synchronization and Time-Motion Demands during Pre-Season Soccer Matches. *PLoS ONE*. 9(5): e97145.
- Fonseca, G.M.M. & Stela, E.S. (2015). Família e esporte: a influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. *Kinesis*; 33(2):41-60. DOI: 10.5902/2316546420723.
- Freudenberger, H. J. (1974). Staff burn-out. *Journal of social issues, Malden*, 30(1), 159-165. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1540-4560.1974.tb00706.x>
- Garcés, L. F., Ruiz, E. J., & Vives, B. L. (2002). Variables motivacionales y emocionales implicadas en el síndrome de burnout en el contexto deportivo. *Revista Electrónica de Motivación y Emoción*, 5(11-12).
- Gastaldo, E. L. (2000). A nação e o anúncio: a representação do "brasileiro" na publicidade da copa do mundo. 353p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284170>>. Acesso em: 25 jul. 2019.
- Gazzola, P., & Amelio, S. (2016). Impairment test in the football team financial reports. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 220, 105-114.
- Gazzotti, A. A., & Codo, W. (1999). Trabalho e afetividade. In W. Codo. (Org.), *Educação: Carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Gehring, M. (2010). *Almanaque dos Mundiais: Os mais curiosos casos e histórias de 1930 a 2006*: Globo.
- Giglio, S. S. (2013). *COI X FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos*. 518 f. Tese (Doutorado em Ciências)- Escola de Educação Física e Esportes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- Gill, D. L. (1986). *Psychological dynamics of sport*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Giovanni, G. (2005). Mercantilização das práticas corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa. *Revista Gestão Industrial*, 1(1), 146-155.
- Gould, D.; Feltz, D.; Horn, T. & Weiss, M. (1982). Reasons for discontinuing involvement in competitive youthswimming. *Journal of Sport Behavior, Mobile*, v.5, p.155-65.
- Gould, D. & Horn, T. (1984). Participation motives in young athletes. In: SILVA, J.M.; WEINBERG, R.S. (Eds.). *Psychological foundations of sport*. Champaign: Human Kinetics. p.359-70.
- Gould, G.; Tuffey, S.; Udry, E. & Loehr, J. (1996). Burnout in competitive junior tennis players: I. A quantitative psychological assessment. *The Sport Psychologist, Champaign*, v.10, p.322-40.
- Gomes, A. R. (2014). Positive human functioning in stress situations: An interactive proposal. In: A. R. Gomes, R. Resende, & A. Albuquerque (Eds.), *Positive human functioning from a multidimensional perspective: Promoting stress adaptation* (Vol. 1, pp. 165–194). New York: Nova Science Publishers, Incorporated.
- Gonçalves, M. C., Turelli, F. C., & Vaz, A. F. (2012). Corpos, dores, subjetivações: Notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. *Movimento*, 18(3), 141-158. doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.27166>
- Gonçalves, M. C., & Vaz, A. F. (2012). Educação do corpo, dor, sacrifício: um estudo com competidores de atletismo. *Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação*, 58(1), 1-10. doi: <https://doi.org/10.35362/rie5811465>
- González-Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González-Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Goodger, K., Gorely, T., Lavalley, D., & Harwood, C. (2007). Burnout in Sport: A Systematic Review. *The Sport Psychologist*, 21(2), 127-151.
- Goellner, S. V. (2005). Locais da memória: Histórias do esporte moderno. *Arquivos em Movimento*, 1(2), 79-86.

- Granz, H. L., Schnell, A., Mayer, J., & Thiel, A. (2019). Risk profiles for athlete burnout in adolescent elite athletes: A classification analysis. *Psychology of Sport & Exercise, 41*, 130-141.
- Grobbelaar, W., Malan, D. J., Steyn, J. M., & Ellis, S. M. (2010). Factors affecting the recovery-stress, burnout, and mood state scores of elite student rugby players. *S Afr J Res Sport Ph, 32*(2), 41-54. doi: <http://hdl.handle.net/10019.1/13128>
- Guillén, F. (2000). O burnout em jovens desportistas. In: Becker Jr., B. (Ed.). *Psicologia aplicada à criança no esporte*. Porto Alegre: Feeval. pág. 58-82
- Guillén, F. (2001). Problema emergente no esporte infantil: el estrés de los jóvenes deportistas. *Kinesis*, v. 31, n. 4, pág. 22-34.
- Guillén, F.; Weis, G. & Navarro, M. (2005). Motivos de participación deportiva de niños atendiendo a sus edades. *Apuntes, Barcelona*, v.80, n.2, p.29-36.
- Gumbrecht, H. U. (2007). *Elogio da Beleza Atlética*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Gustafsson, H., Kenttä, G., Hassmén, P., & Lundqvist, C. (2007). Prevalence of burnout in competitive adolescent athletes. *Sport Psychol, 21*, 21-37.
- Gustafsson, H., Hassmén, P., Kenttä, G., & Johansson, M. A. (2008). A qualitative analysis of burnout in elite Swedish athletes. *Psychology of Sport and Exercise, 9*(6), 800-816. DOI: 10.1016/j.psychsport.2007.11.004
- Gwinner, K., & Swanson, S. (2003). A model of fan identification: Antecedents and sponsorship outcomes. *Journal of Services Marketing, 17*(3), 275-294. Hair, J. F. et al. (1998). *Multivariate data analysis* (5^a ed.). New Jersey: Prentice Hall.
- Hallal, P.C., Victora, C.G., Wells, J.C.K. & Lima, R.C. (2003). Physical inactivity: prevalence and associated variables in Brazilian adults. *Medicine and Science in Sports & Exercise, 35* (11), 1894-1900.
- Hamidi, M.S., Bohman, B., Sandborg, C., Smith-Coggins, R., de Vries, P., Albert M.S., Murphy, M.L., Welle, D., & Trockel, M.T. (2018). Estimating institutional physician turnover attributable to self-reported burnout and associated financial burden: a case study. *BMC Health Services Research, 18*, 851. Recuperado de <https://doi.org/10.1186/s12913-018-3663-z>
- Hanton, S., Thomas, O., & Mellalieu, S. D. (2008). Management of competitive stress in elite sport. In B. Brewer. (Ed.), *International Olympic Committee Sport Psychology Handbook* (pp. 30-42). New York: Blackwell.
- Helal R. (2003). A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Rev Alceu*;4:19-36.
- Hellandsg, E. T. (1998). Motivational predictors of high level performance and discontinuation in different types of sports among talented teenage athletes. *International Journal of Sport Psychology, Rome*, v.29, p.27-44.

- Hodge, K., Lonsdale, N. G. J. Y. Y. (2008). Burnout in elite rugby: Relationships with basic. *J Sports Sci*, 26(8), 835-844. doi: 10.1080/02640410701784525.
- Holt, N. L., & Neely, K. C. (2011). Positive youth development through sport: A review. *Revista de Iberoamericana de Psicología Del Ejercicio Y El Deporte*, 6(2), 299–316.
- Holmberg, P. M. (2013). Self-determined motivation as a predictor of burnout among college athletes. *Sport Psychologist*, 27(2), 177-187. doi: <https://doi.org/10.1123/tsp.27.2.177>.
- Jacques, M.G. & Codo, W. (2002). (Orgs.) Saúde mental & trabalho: leituras. Petrópolis: Vozes, p.98-111.
- Lazarus, R. & Folkman, S. Stress appraisal and coping. N.T.: Spring Publishing Company, 1984. Kasznar, I. (2013). A evolução do PIB do esporte: Projeções da conta satélite do Produto Interno Bruto Esportivo – Proxy – PIB, Renda per capita, Crescimento e Impostos. *EletoRevista, Revista Científica e Tecnológica*, n. 64, Julho.
- Liedtke, P. (2002). O determinismo econômico na mídia e no esporte. *Motrivivência*. Ano XIII. nº 18, p.83-89.
- Kavanagh, J. (2005). *Stress and performance: a review of the literature and its applicability to the military*. Santa Monica, CA: RAND Corporation. Retrieved from http://www.rand.org/pubs/technical_reports/2005/RAND_TR192.pdf
- Kearney, A. T. (2003). O jogo está começando. *HSM Management*, 39(1), 37-46.
- Kopper, M.; Damo, A. (2018). A emergência e evanescência da nova classe média brasileira. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, ano 24, n. 50, p. 335-376, jan./abr. 2018.
- Lago C. (2009). The influence of match location, quality of opposition, and match status on possession strategies in professional association football. *J Sports Sci*. 27(13):1463-9.
- Lara, R., Hillesheim, J. (2020). Modernização trabalhista em contexto de crise econômica, política e sanitária. 2020. Disponível em: https://suassccovid19.files.wordpress.com/2020/07/artigo_modernizaccca7acc83_o_trabalhista.pdf Acesso em: 15 de jul. 2020.
- Lavoura, T. N. (2008). Medo no esporte: estados emocionais e rendimento esportivo Editora Fontoura, 2008 ISBN8587114506, 9788587114501
- Lazzari, A.; Thomassim, L. E. C. & Stigger, M. P. A socialização de crianças e adolescentes no contexto de um projeto social de tênis. *Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon*, v. 9, n. 16, p. 51–64, 2010.
- Lazarus, R. S. (2000). How emotions influence performance in competitive sports. *The Sport Psychologist*, 14(3), 229–252.

- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, Appraisal, and Coping*. New York: Springer Publishing Company.
- Lee, R.T., & Ashforth, B.E. (1990). Sobre o significado das três dimensões de burnout de Maslach. *Journal of Applied Psychology*, 75 (6), 743-747. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.75.6.743>
- Lemyre, P. N., Roberts, C., & Stray-Gundersen, J. (2007). Motivation overtraining and burnout: Can self-determined motivation predict overtraining and burnout in elite athletes?. *Eur J Sport Sci.*, 7(2), 115-127. doi: 10.1080/17461390701302607
- Lemyre, P. N., Hall, H. K., & Roberts, G. C. (2008). A social cognitive approach to burnout in elite athletes. *Scand J Med Sci Sports*, 18(2), 221-234. doi: 10.1111/j.1600-0838.2007.00671.x
- Leiter, M. P. (1993). Burnout as a developmental process: Consideration of models. In: Shaufeli, W. B., Maslach, C. Marek, T. editors. *Professional Burnout*. Washington: Taylor e Francis, 237-250.
- Lipp, M., et. al. (1994). Validação empírica do inventário de sintomas de estresse. *Estudo de Psicologia*. Vol. 11, nº 3. 43-49.
- Lonsdale, C., & Hodge, K. (2011). Temporal ordering of motivational quality and athlete burnout in elite sport. *Med Sci Sports Exerc.*, 43(5), 913-921. doi: 10.1249/MSS.0b013e3181ff56c6.
- Machado, A. A. et al. (2001). O Momento Esportivo e uma Forte Interferência Externa: a torcida. In: Buriti, M. A. (Org). *Psicologia do Esporte*. Campinas: Alínea. p. 33-79.
- Machado, P. X., Cassepp-Borges, V., Dell'Aglio, D. D., & Koller, S. H. (2007). Impacto de um projeto de educação pelo esporte. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 11(1), 51-62. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100006>.
- Maciel, L. H. R., & Moraes, L. C. C. A. (2008). Investigação da expertise de treinadores de ginástica aeróbica brasileiros usando análise de protocolo. *Revista Iberoamericana de Psicologia del Ejercicio y el Deporte*, 3(2), 241-258.
- Maciel, L. H. R., Cappelle, M. C. A., & Campos, R. C. (2015). Continuando a jornada: Explorando a recolocação profissional de ex-atletas de alto rendimento. *Revista eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)*, 14(2), 78-91. doi: <https://doi.org/10.21529/RECADM.2015008>
- Maslach, C. (2003). *Job Burnout: Novos rumos em Pesquisa e Intervenção*. V. 12 ed. 5, pg(s): 189-192.
- Maslach, C., & Jackson, S. (1981). The Measurement of Experienced *Burnout*. *Journal of Occupational Behavior*, 2(2), 99-113. doi: 10.1002/job.4030020205

- Maslach, C. (1982). Understanding *Burnout*: Definitional issues in analyzing a complex phenomenon. In: Paine, W. S., editors. *Job Stress and Burnout: Research, Theory and Intervention Perspectives*. Beverly Hills: Sage Publications, 29-40.
- Maslach, C. & Leiter, P.M. (1999). Fonte de prazer ou desgaste? Guia para vencer o estresse na empresa. Campinas: Papirus.
- Maslach, C. (1993). *Burnout: A Multidimensional Perspective*. In: Shaufeli W. B., Maslach, C., Marek, T. editors. *Professional Burnout*. Washington: Taylor e Francis; 1993. 19-32.
- Maslach, C. Schaufeli, W. B. & Leiter, M. P. (2001). Job Burnout. *Annual Review of Psychology*. 52 (1): 397-422.
- Markunas, M. (2010). Reabilitação Psicológica do atleta lesionado. In K. Rubio (Org.), *Psicologia do Esporte Aplicada* (pp. 173-191). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Marques, A. C. P., & Rosado, A. F. B. (2005). Situações estressantes nos atletas de basquetebol de alta competição. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(1), 71-87.
- Marques, M. P., & Samulski, D. M. (2009). Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira . *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 23(2), 103-119. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000200002>
- Martini, L. A. (2003). Causas e consequências da transição de carreira atlética. In K. Rubio. (Org.), *Psicologia do Esporte: teoria e prática* (pp. 187-210). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Martini, L. (2012). Transição de Carreira e suas implicações no esporte. In K. Rubio. (Org.), *Destreinamento e transição de carreira no esporte* (pp. 6-8). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Matos; C. M; Rodrigues, L. C. & Ainhagne, M. (2012). O profissional de Educação Física. São Paulo.
- Marx, k. Teorias da mais-valia: História Crítica do Pensamento Econômico. Vol. I. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- Mattos, R. da S.; Castro, J. B. P. de; Sabino, C.; Espírito Santo, W. R. do; Florentino, J. O.; Menezes, I. de S.; Oliveira, I. H. de S.; Nascimento, S. de S. (2019). O mito contemporâneo da heroína esportiva: da guerra ao pódio. *Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon*, v. 17, n. 1, p. 317–324.
- Mazzota, M. J. S. (2011). Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. 5º ed. São Paulo: Cortez.
- Medeiros, C. (2016). Lesão e dor no atleta de alto rendimento: O desafio do trabalho da psicologia do esporte. *Psic. Rev.*, 25(2), 355-370.

- Medeiros Filho, E. S. & Haddad, J. P. A. (2008). Futebol profissional: “campo cheio” não ajuda a ganhar jogo. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 30, n. 1, p. 123-135, set.
- Meier, S. T. (1983). Rumo a uma teoria do burnout. *Relações Humanas*, 36 (10), 899-910. <https://doi.org/10.1177/001872678303601003>
- Melo Filho, A. (2011). *Nova Lei Pelé: avanços e impactos*. Rio de Janeiro: Maquinária.
- Mello, R. A. (2009). *As necessidades históricas da Educação Física na Escola: a emancipação humana como finalidade*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Melo, L. B. S. de; Soares, A. J. G. & Rocha, H. P. A. da. (2014). Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. *Rev. bras. educ. fís. esporte*, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 617-628, dez.
- Mendelsohn, D. (1999). El retiro del futbolista. *Efdeportes* [periódico en Internet]. *Efdeportes*, 4(16). Disponible en <http://www.efdeportes.com/efd16/retiro.htm>
- Mészáros, I. A. (2005). *Educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo.
- Michaelis. (1989). *Minidicionário inglês-português e português-inglês*. São Paulo: Melhoramentos.
- Miguel, R. G. A. (2014). Atleta: definição, classificação e deveres. *Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região*, Curitiba, v. 3, n. 29, p. 51-61, abr.
- Morrow, S. (2006). Impression management in football club financial reporting. *International Journal of Sport Finance*, 1(2), 96-108.
- Moura, P. V., Silva, E. A. P. C., Silva, P. P. C., Freitas, C. M. S. M., & Caminha, I. O. (2013). O significado da dor física na prática do esporte de rendimento. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, 35(4), 1005-1019.
- Moraes, L.C.; Salmela, J.H. Expertise no esporte: considerações contextuais. In: Silami, E.G; Lemos, K.L. *Temas atuais em educação física e esportes VII*. Belo Horizonte: Health, 2002. cap.11, p.159-72.
- Morgan, M. J., & Summers, J. (2008). *Marketing esportivo*. São Paulo: Thomson Learning.
- Moss, M., Good, V.S., Gozal, D., Kleinpell, R., & Sessler, C.N. (2016). An official critical care societies collaborative statement: burnout syndrome in critical care healthcare professionals: a call for action. *American Journal of Critical Care*, 44(7), 1414-1421.
- Murofuse, N. T., Abranches, S. S., & Napoleão, A. A. (2005). Reflexões sobre estresse e Burnout e a relação com a enfermagem. *Revista Latino-Americana De Enfermagem*, 13(2), 255-261. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692005000200019>

- Mullins, J. W., & Walker Jr., O. C. (2010). *Marketing management: A strategic decision making approach*. New York: McGraw Hill/Irwin.
- Nadson, S. R., et al. (2020). O esporte no capitalismo tardio: imbricações entre cultura esportiva, economia e mercado. *Educación Física y Ciencia*, vol. 22, núm. 3, Julio-Septiembre, ISSN: 1514-0105 2314-2561
- Nascimento e Silva, G. (2019). (Re) Conhecendo o Estresse no Trabalho: uma Visão Crítica: (Re) Conhecendo o Estresse no Trabalho. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(1), 2019, 51 – 61.
- Nahas, M. V. (2017). *Atividade Física, Saúde & Qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 7. ed.-Florianópolis, Ed. do Autor.
- Neely KC, Holt N. Parents' perspectives on the benefits of sport participation for young children. *Sport Psychol* 2014;28(3):255-268. DOI: 10.1123/tsp.2013-0094.
- Nunomura, M. & Oliveira, M. S. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. *Rev Bras Educ Fís Esporte* 2014;28(1):1-10. DOI: 10.1590/S1807-55092014005000004.
- Nunes, M. L. (2008). *As influências do ambiente de trabalho no surgimento da síndrome de burnout* (Monografia de Graduação). Universidade do extremo sul Catarinense, Criciúma, SC, Brasil. Recuperado de <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000037/00003786.pdf>.
- O'Connor, K., Neff, D. M., & Pitman, S. (2018). Burnout in mental health professionals: A systematic review and meta-analysis of prevalence and determinants. *European Psychiatry*, 53, 74-99. doi:10.1016/j.eurpsy.2018.06.003
- Oliveira, M. C. S. L. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 427-436.
- Oliveira, C. C. (2016). Para compreender o sofrimento humano. *Rev. Bioét.*, 24(2). doi: <https://doi.org/10.1590/1983-80422016242122>.
- Oliveira, E. T. & Bertussi, G. L. Do que é feito um país campeão? Análise empírica de determinantes sociais e econômicos para o sucesso olímpico. *Nova Economia* [online]. 2015, v. 25, n. 2 [Acessado 28 Julho 2021] , pp. 325-348. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6351/2136>>. ISSN 1980-5381.
- Oliveira, F. S. & Pedroza, R. S. (2021). Síndrome de Burnout e sofrimento em atletas de alto rendimento no esporte brasileiro. *Psic. Rev. São Paulo*, volume 30, n. 1, 226-244.
- Oliveira, R., Polidoro, D. J., & Simões, A. C. (2003). Perspectivas de vida e transição de carreira de mulheres-atletas de voleibol. In A. C. Simões. (Org.), *Mulher e esporte* (pp. 177-191). Barueri: Manole.
- Orlick, T. (2000). *In pursuit of excellence: how to win in sports and life through mental training*. 3rd. ed. Champaign: Human Kinetics.

- Otoni, J. E., & Montagner, P. C. (2004). Reflexões sobre metodologias de mensuração do retorno do investimento no esporte de competição a partir das contribuições teóricas publicadas. *EFdeportes*, 10(77).
- Peluso, F. R. (2009). O atleta profissional de futebol e o direito do trabalho. (Dissertação de Mestrado). Pontífica Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP.
- Pêgo, F. P. L., & Pêgo, D. R. (2016). Síndrome de Burnout. *Rev. Bras. Med. Trab.*, 14(2), 171-176.
- Philippaerts, R. M.; Vaeyens, R.; Janssens, M.; Renterghem, B. V.; Matthys, D.; Craen, R.; Bourgois, J.; Vrijens, J.; Beunen, G. & Malina, R.M. (2006). The relationship between peak height velocity and physical performance in youth soccer players. *Journal of Sports Sciences*, London. Vol. 24. Núm. 3. p.221-230.
- Pilatti, L. A. (2006). A lógica da produção do espetáculo: o esporte inserido na indústria do entretenimento. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información e Comunicación*, 8(2).
- Pinho, H. S. (2016). A psicologia e o psicólogo do esporte: Uma formação necessária (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Pines, A. & Aronson, E. (1988). *Career Burnout: causes and cures*. New York: The Free press.
- Pires, D. A. (2006). *Validação do Questionário de Burnout para Atletas* (Dissertação de Mestrado). Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil.
- Pires, D. A., Brandão, M. R. F., & Machado, A. A. (2005). A síndrome de Burnout no esporte. *Revista Motriz*, 11(3), 147-153.
- Pires, D. A., Brandão, M. R. F., & Silva, C. B. (2006). Validação do questionário de burnout para atletas. *Rev. Educ. Fís.*, 17, 27-36.
- Pires, D., A., Santiago, M., Samulski, D., & Costa, V. A. (2012). Síndrome de *Burnout* no esporte brasileiro. *Revista da Educação Física*, 23(1), 131-139. doi: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i1.14566>.
- Poulter, D.R. (2009). Home advantage and player nationality in international club football. *J Sports Sci*. 27: 797-805.
- Praça G. M, Fagundes, L.H.S., Braga, W, Folgado, H., Morales, J.C., Chagas, M.H. et al. (2016). Influência da alteração do adversário nas respostas táticas e físicas em pequenos jogos no futebol. *R. bras. Ci. e Mov.*; 24(4):44-54.
- Raedeke, T. D. (1997). Is athlete burnout more than just stress? A sport commitment perspective. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 10(4), 396-417.

- Raedeke, T., & Smith, A. (2001). Development and preliminary validation of an athlete Burnout measure. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 23(4), 281-306. doi: <https://doi.org/10.1123/jsep.23.4.281>
- Reis, N. S., Húngaro, V., Athayde, P. F. A. & Mascarenhas, F. (2020). O esporte no capitalismo tardio: imbricações entre cultura esportiva, economia e mercado. *Educación Física y Ciencia*, 2020, vol. 22, núm. 3, Julio-Septiembre, ISSN: 1514-0105 2314-2561.
- Reilly, T.; Bangsbo, J.; Franks, A. (2000). Anthropometric and physiological predispositions for elite soccer. *Journal of Sports Sciences*, London, v. 18, p. 669-83.
- Rezer, R. (2005) Futebol e Futsal. Possibilidades e limitações da prática pedagógica em escolinhas: Chapecó: Universitária.
- Rienzi, E.; Drust, B.; Reilly, T.; Carter, J. E. L. & Martin, A. (2000). Investigation of anthropometric and work-rate profiles of elite South American international soccer players. *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, v. 40, p. 162-9.
- Rodrigues, R. (2008). O esporte é uma prática de bem-estar ilusório no sujeito?. *Motricidade*, 4(2), 86-88.
- Roffé, M. (2000). Retiro del futbolista: el drama del día después. *Efdeportes*, 5(27). Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd27a/retiro.htm>
- Rotenstein, L. S., Torre, M., Ramos, M. A., Rosales, R. C., Guille, C., Sen, S., & Mata, D. A. (2018). Prevalence of burnout among physicians: a systematic review. *JAMA*, 320, 1131-1150
- Rubio, K. (2001). *O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2002). O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. *Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, VI(119), 95.
- Rubio, K. (2006). O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 86-91. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100012>.
- Rubio, K. (2010). *Psicologia do esporte aplicada - 2ªED*.
- Rubio, K. (2012). *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2013). *Atletas do Brasil olímpico*. São Paulo, SP: Kazuá.
- Rubio, K. (2015). *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: SESI-SP Editora.
- Rubio, K. (2017). Processos migratórios e deslocamentos: caminhos que levaram atletas de modalidades coletivas aos jogos olímpicos de Barcelona em 1992. *Olimpianos-Journal of Olympic Studies*, 1(1), 53-67.

- Rudow, B.(1999). Stress and burnout in the teaching profession: european studies, issues, and research perspectives. Em Vanderbergue, R. & Huberman, M. A. (Eds.), *Understanding and preventing teacher burnout: a source book of international practice and research* (pp.38-58). Cambridge: Cambridge University Press.
- Saldanha, R. M. & Goellner, S. V. (2013). Futebol, sexo e rock and roll: o futebol moderno na revista placar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 281-296, abr./jun.
- Salguero, A.; Gonzalez-Boto, R.; Tuero, C. & Marquez, S. (2003). Identification of dropout reasons in youngcompetitive swimmers. *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, Torino, v.43, n.4, p.530-4.
- Samulski, D. (2002). *Psicologia do esporte*. Barueri - SP: Manole.
- Santaella, L. (1996). *A cultura das mídias*. São Paulo: Experimento.
- Santana, E. S. (2012). *A importância da educação física no desenvolvimento da criança*, Faculdade Metodista Granbery, São Paulo.
- Santos, A. L. P. & Alexandrino, R. R. (2015). Desenvolvimento da Carreira do Atleta: Análise das Fases e Transições. *Revista da Faculdade de Educação Física Unicamp*. 13(2), 185-205.
- Santos, D. S. & Medeiros, A. G. A. (2009). O discurso midiático e as representações sociais do esporte: o atleta como modelo de comportamento. *Pensar Prát.* 12:1-11.
- Sarmiento, H., Marcelino, R., Anguera, M.T., Campaniço, J., Matos, N. & Leitão, J.C. (2014). Match analysis in football: a systematic review. *J Sports Sci.* 1-13.
- Sarrazin, P.; Vallerand, R.; Guillet, E.; Pelletier, L. & Cury, F. (2002). Motivation and dropout in female handballers: a 21 month prospective study. *European Journal of Social Psychology*, Muenster, v.32, p.395-418.
- Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*, 9(2), 2-18. doi: <https://doi.org/10.1177/001100008100900202>
- Sgobi, K. (2012). Os caminhos da criança e do jovem no esporte: o início de uma carreira. In K. Rubio. (Org.), *Destreinoamento e transição de carreira no esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, F. G. (2009). Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: Concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, 28, 169-195.
- Silva, L. C. F., Lima, F. B., & Caixeta, R. P. (2010). Síndrome de Burnout em profissionais do corpo de bombeiros. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 18(1/2), 91-100. doi: <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v18n1-2p91-100>

- Silva, C. D. & Moreira, D. G. (2008). A vantagem em casa no futebol: comparação entre o Campeonato Brasileiro e as principais ligas nacionais do mundo. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, Florianópolis; 10 (2):184-8
- Silva, E. M., Rabelo, I. & Rubio, K. (2010). A dor entre atletas de alto rendimento. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, São Paulo, v.3, nº- 4, janeiro/junho.
- Silverio, J. M. A. (1995). *Burnout no Desporto: Estudo comparativo em atletas do Triatlo, natação, ciclismo e atletismo*. Porto. Dissertação (Mestrado em Psicologia desportiva)- Universidade do Minho Braga.
- Singer, R. (1993). Sport Psychology: an integrated approach. In. Serpa, S.; Alves, J.; Ferreira, V. e Brito, A. Proceedings of the 8th world congress in sport psychology (pp. 131-146). Lisboa: SPPD – FMH.
- Smith, R. E. (1986). Toward a cognitive-affective model of athletic burnout. *Journal of sport psychology*, 8(1), 36-50.
- Smith, A. C., & Stewart, B. (2007). The travelling fan: Understanding the mechanisms of sport fan consumption in a sport tourism setting. *Journal of Sport & Tourism*, 12(3-4), 155-181.
- Smouter, L.; Gomes, D. & Coutinho, S. da S. (2018). A hegemonia do futebol enquanto esporte em um programa de mídia esportiva e suas relações com o esporte na educação física escolar. *Conexões*, Campinas, SP, v. 15, n. 4, p. 396–409. DOI: 10.20396/conex.v15i4.8648541. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8648541> Acesso em: 14 fev. 2022.
- Soares A. S. (2008). *Mobbing: Relações com a síndrome de burnout e a qualidade de vida dos trabalhadores de uma instituição universitária de Campo Grande, MS* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, Brasil.
- Soares, A.J.G. & Melo L.B.S. (2011). O tempo do futebol e da escola. XXXIV Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação: educação e SILVERIOjustiça soSILVAcial; 2-5 out.; Natal, BR. Natal: AMED; 2011. Disponível em:<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT14/GT14-859%20int.pdf>.
- Soares, A.J.G., Melo, L.B.S., Bartholo, T.L., Velarde, G.C., Ribeiro, C.H.V. & Santos, T.M. (2013). Time for football and school: an analysis of young brazilian players from Rio de Janeiro. *Estud Sociol.* 31:437-69.
- Sobral, A. S. C., Oliveira, L., Oliveira, L. S., Santos, R. M. L., & Brito, A. F. (2014). Associação entre as cargas de treino impostas a jogadores amadores de rugby sevens e a síndrome de burnout. *Motricidade*, 10 (2), 25-35. doi: 10.6063/motricidade.10 (2).2592

- Souza; J., M. (2010). Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em Educação Física: trajetórias, orientações legais e implicações pedagógicas. Pro-posição, Campinas, v.15, n.2 (44).
- Stambulova, N. V. (1994). Developmental sports career investigations in Russia: A post-perestroika analysis. *The Sport Psychologist*, 8(3), 221-237.
- Stake, R. E. (2011). Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso.
- Sutherland VJ, Cooper CL. (1996). Stress in the offshore oil and gas exploration and production industries: an organizational approach to stress control. Geneva: International Labour Office.
- Taris, T., Le Blanc, P., Schaufeli, W., & Schreurs, J. (2005). Are there relationships between the dimensions of the Maslach Burnout Inventory? A review and two longitudinal test. *Work & Stress*, 19(3), 238-255.
- Tenenbaum, G., & Eklund, R. C. (2007). *Handbook of Sport Psychology* (3^a ed.). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Torrado, J., Arce, C., Vales-Varquez, A., Areces, A., Iglesias, G., Valle, I., & Pantiño, G. (2007). Relationship between Leadership among Peers and Burnout in Sports Teams. *The Spanish Journal of Psychology*, 20 e 21, 1-7. doi: 10.1017/SJP.2017.18.
- Torregrosa, M., Sousa, C., Viladrichi, C., Villamarín, F. & Cruz, J. (2008). El clima motivacional y el estilo de comunicación del entrenador como predictores del compromiso en futbolistas jóvenes. *Psicothema*, 20(2), 254-259.
- Tourinho Filho, H. & Rocha, C. M. (1999). Síndrome de Burnout / Burnout's syndrome Rev. méd. Hosp. São Vicente de Paulo ; 11(24): 33-8, jan.-jun. | LILACS | ID: lil-245570
- Trigo, T. R., Teng, C. T., & Hallak, J. E. C. (2007). Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. *Rev Psiquiatr Clin.*, 34(5), 223-33. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000500004>.
- Triviños, N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Turner, M. J., & Jones, M. (2014). Stress, emotions and athletes' positive adaptation to sport: Contributions from a transactional perspective. In A. R. Gomes, R. Resende, & A. Albuquerque (Eds.), *Positive human functioning from a multidimensional perspective: Promoting stress adaptation* (Vol. 1, pp. 85–111). New York: Nova Science Publishers, Incorporated.
- Uusitalo, A.L.T. (2001). Overtraining - making a difficult diagnosis and implementing targeted treatment. *The Physician and Sports medicine*. 29 (5).
- Vaz, A. F. (2000). Na constelação da destrutividade: O tema do esporte em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. *Motus CoDiasrporis*, 7(1), 65-108.

- Veloso, E. F., & Dutra, J. S. (2010). Evolução do conceito de carreira e sua aplicação para a organização e para as pessoas. In J. S. Dutra. (Org.), *Gestão de carreiras na empresa contemporânea*. São Paulo: Atlas.
- Venturi, E. & Verztman, J. (2012). Interseções da vergonha: cultura, subjetividade e clínica. In J. Verztman et al. (Orgs.). *Sofrimentos narcísicos* (pp. 119-145). Rio de Janeiro: Cia.de Freud; CAPES PRODOC.
- Verardi, C. E. L. & DE Marco, A. (2007). Emoção e Esporte: As Relações entre Pais e Filhos numa Experiência com o Futebol. *Revista da Educação Física*, v. 18, p. 435-438.
- Verardi, C. E. L., Miyazaki, M. C. VELOSOO., Nagamine, K. K., Lobo, A. P. S., & Domingos, N. A. M. (2012). Esporte, stress e burnout. *Estudos de Psicologia. Campinas*, 29(3), 305-313.
- Verardi, C. E. L., Santos, A. B., Nagamine, K., Cravalho, T. D., & Santos, C. D. O. (2014). Burnout and coping among football players: Before and during the tournament. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 20(4), 272-275. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1517-86922014200401993>.
- Verardi, C. E. L., Nagamine, K., Domingos, A. M., De Marco, A., Miyazaki, M. C. D. O. S. (2015). Burnout and pre-competition: A study of its occurrence in Brazilian soccer players. *Revista de psicologia del deporte*, 24(2), 259-264.
- Vianna, J. A., & Lovisolo, H. R. (2011). A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores . *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 25(2), 285-296. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000200010>
- Vieira, D. G., Ferreira, J. M., & Miliorini, L. K. (2018). A configuração subjetiva de professor do Ensino Fundamental. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, 20(48), 91-106. doi: <https://doi.org/10.22535/cpe.v0i48.21684>
- Vieira, L. F., Vissoci, J. R., Pestillo de Oliveira, L., & Vieira, J. L. L. (2010). Psicologia do esporte: Uma área emergente da psicologia. *Psicologia em Estudo*, 15(2), 391-399.
- Vieira, X. X., Carruzo, M., Aizava, V. S., & Rigoni, A. G. (2013). Análise da síndrome de burnout e das estratégias de coping em atletas brasileiros de vôlei de praia. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27(2) 269-276. doi: 10.1590/S1807-55092013005000012.
- Vilaça, M. M. (2009). Vida e violência em jogo: o esporte como prática pedagógica e exercício biopolítico. 2009. 216 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Vilani, L.H.P. & Samulski, D. M. (2002). Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: Garcia ES, Lemos KLM, editores. *Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes*. Belo Horizonte: Health. p. 09-26.

- Vilar, L., Araújo, D., Travassos, B. & Davids, K. (2014). Coordination tendencies are shaped by attacker and defender interactions with the goal and the ball in futsal. *Hum Mov Sci.* 33: 14-24.
- Vilela, C., & Gomes, AR (2015). Ansiedade, Avaliação Cognitiva e Esgotamento na Formação Desportiva: Estudo com Jovens Atletas. *Motricidade*, 11 (4), 104–119. <https://doi.org/10.6063/motricidade.4214>
- Vilela, C., & Gomes, A. R. (2015). Ansiedade, Avaliação Cognitiva e Esgotamento na Formação Desportiva: Estudo com Jovens Atletas. *Motricidade*, 11(4), 104-119. doi: <https://doi.org/10.6063/motricidade.4214>
- Vygotsky, L.S. et al. (1988). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone; EDUSP.
- Waldenyr, C. (1990). O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933). v. 18 de Biblioteca "Educação física e desportos". Livros que constroem. Editora IBRASA.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2011). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre: Artmed.
- Weiss, M. R. (1995). Children in sport: An educational model. In S. M. Murphy. (Org.). *Sport psychology interventions* (pp. 39-70). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Woods, P. (1999). Intensification and stress in teaching. In R. Vanderbergue & M. A. Huberman (Eds.), *Understanding and preventing teacher Burnout: A source book of international practice and research* (pp.115-138). Cambridge: Cambridge University Press.
- Wyllemann, P., & Lavallo, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. In: WEISS, M. (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective*. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 507-527.
- Zucco, F. D., Rodrigues, L. C., Kock, N., Riscarolli V. (2015). Patrocínio esportivo: perspectivas do envolvimento, identificação e prestígio entre fãs e equipe. *PODIUM. Sport, Leisure and Tourism Review*. Vol. 4, N. 3. Setembro/Dezembro.

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Você participará de uma pesquisa de Doutorado que investigará a concepção do atleta sobre a Síndrome de Burnout e o sofrimento no esporte. A Síndrome de Burnout no esporte é caracterizada como uma síndrome psicossocial que envolve aspectos de exaustão emocional e física, desvalorização esportiva e reduzido senso de realização nas tarefas; podendo levar o atleta ao sofrimento e até ao abandono do esporte praticado.

A entrevista será composta por um Instrumento de complemento de frases e de um questionário semiestruturado. Irei projetar as perguntas na tela do computador e em seguida farei a leitura de cada pergunta ou frase e você responderá. Peço permissão para a gravação das duas etapas.

Alguma dúvida?

Então começaremos agora...

ANEXO 2

PRIMEIRA ETAPA: QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Por favor, leia as 10 (dez) perguntas abaixo e responda conforme sua experiência no esporte que pratica. Caso você tenha alguma dúvida, sinta-se à vontade para perguntar.

Pergunta 1: O que o esporte de alto rendimento representa para você?

Pergunta 2: Aspectos considerados bons no esporte de alto rendimento:

Pergunta 3: Aspectos considerados ruins no esporte de alto rendimento:

Pergunta 4: Qual a sua concepção sobre sofrimento no esporte e o que pode ocasionar este sentimento?

Pergunta 5: Situação (s) de sofrimento em algum (s) momento (s) de sua carreira:

Pergunta 6: Pensou em afastar do esporte ao longo de sua carreira no mundo esportivo?

Pergunta 7: Caso tenha pensado em se afastar do esporte, o que pode ter te levado a esse pensamento?

Pergunta 8: Você acha que derrotas e frustrações podem levar o atleta a largar o esporte?

Pergunta 9: Qual a sua concepção sobre esgotamento profissional?

Pergunta 10: O que você acha que pode levar um atleta a desenvolver a Síndrome de *Burnout* ou ter um esgotamento profissional?

ANEXO 3**SEGUNDA ETAPA: INSTRUMENTO DE COMPLEMENTO DE FRASES**

Por favor, leia as 10 (dez) frases abaixo e complemente conforme sua experiência no esporte. Caso você tenha alguma dúvida, sinta-se à vontade para perguntar.

Item 1: Sofrimento no esporte de alto rendimento é:

Item 2: Eu me sentia _____ no esporte

Item 3: Me senti desmotivado com o esporte nas seguintes situações:

Item 4: Me senti estressado nas seguintes situações:

Item 5: Me lembro das seguintes situações ruins no esporte:_____

Item 6: Me lembro das seguintes situações boas no esporte:_____

Item 7: Eu quis largar o esporte em algumas situações:

Item 8: Eu pensei em desistir quando:

Item 9: Não tenho motivação e nem energia nas seguintes situações no esporte:

Item 10: Me sinto esgotado profissionalmente quando:

ANEXO 4**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisa: “**CONCEPÇÃO DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO SOBRE A SÍNDROME DE *BURNOUT* E SUA RELAÇÃO COM SOFRIMENTO NO ESPORTE**”

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

Você participará de uma pesquisa de doutorado apresentada ao INSTITUTO DE PSICOLOGIA da UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em psicologia do desenvolvimento humano e saúde, sob a orientação da Professora Dra. Regina Lúcia Sucupira Pedroza e pela pesquisadora Fernanda Santos Oliveira. Nosso objetivo principal será compreender a concepção de atletas de alto rendimento sobre a síndrome de *burnout* e sua relação com sofrimento no esporte. Como participante voluntário, você tem todo direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalização ou prejuízo à sua pessoa.

No período da entrevista você responderá um questionário semiestruturado e um instrumento de complemento de frases.

Todos os dados serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada publicamente em nenhuma hipótese. Somente os pesquisadores responsáveis e equipe envolvida neste estudo terão acesso a estas informações que serão apenas para fins de pesquisa.

BRASÍLIA, 04 de maio de 2021.

Assinatura do Responsável

Assinatura do Voluntário

ANEXO 5

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Concepção dos ex-atletas de alto rendimento sobre síndrome de burnout e sofrimento no esporte

Pesquisador: FERNANDA SANTOS OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 25478719.5.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.855.001

Apresentação do Projeto:

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 12 de dezembro de 2019.

Objetivo da Pesquisa:

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 12 de dezembro de 2019.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 12 de dezembro de 2019.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 12 de dezembro de 2019.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-000
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chi@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.855.001

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1175281.pdf	30/12/2019 00:08:08		Aceito
Outros	Aceiteinstitucional_OLIVEIRA.pdf	17/12/2019 23:27:32	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Outros	Carta_de_revisao_OLIVEIRA.pdf	11/11/2019 08:21:52	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_dados_OLIVEIRA.pdf	09/11/2019 23:29:38	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Outros	Documentosgerais_OLIVEIRA.pdf	09/11/2019 23:22:51	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Outros	LATTES_PEDROZA.pdf	09/11/2019 23:18:26	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Outros	LATTES_OLIVEIRA.pdf	09/11/2019 23:15:54	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Outros	CARTEDEENCAMINHAMENTO_OLIVEIRA.pdf	09/11/2019 23:15:12	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_OLIVEIRA.pdf	09/11/2019 13:14:29	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	Orcamento_OLIVEIRA.pdf	09/11/2019 12:53:45	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma_OLIVEIRA.pdf	09/11/2019 12:51:35	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto_OLIVEIRA.pdf	09/11/2019 12:47:30	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCompleto_OLIVEIRA.pdf	09/11/2019 12:42:05	FERNANDA SANTOS OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br